

ATLANTIDA

A QUESTÃO COLONIAL — Por ERNESTO DE VILHENA.

UN GRAND MORT — VICTOR SÉGALEN — Por FRANCIS DE MIOMANDRE.

MEDITAÇÕES DA TRINCHEIRA — Por AUGUSTO CASIMIRO.

UMA VIAGEM A PARIS — Por HENRIQUE DE VILHENA.

O ELOGIO DA DILIGENCIA — Por ALFREDO GUIMARÃES.

ASPECTOS DO PROBLEMA ECONOMICO — Por VIEIRA CORREIA.

ECOS DE D. MIGUEL — Por CARLOS BABO.

COLABORAÇÃO DE: Ferreira Simas, Carneiro de Moura, Florent Schmitt, Vila Moura, Pierre Duchâtre, Basilio de Magalhães, etc.

ANO V



N.^{os} 46-47

ATLANTIDA

DIRECTORES:

Para o Brasil: JOÃO DO RIO
Para a França: GRAÇA ARANHA
Para Portugal: JOÃO DE BARROS

DIRECTOR GERENTE:

NUNO SIMÕES
SECRETARIO DE REDACÇÃO:
VERGILIO CORREIA

Ano V

SUMÁRIO

N.ºs 46-47

Pag.

163	<i>Impressões d'uma visita a escolas de ensino primario em Hespanha</i>	Ferreira Simas.
178	<i>As colonias e as alfandegas</i>	Carneiro de Moura.
184	<i>Meditações da Trincheira</i>	Augusto Casimiro.
187	<i>No fundo de uma arca — Ecos de D. Miguel</i>	Carlos Babo.
196	<i>Baccho</i>	Basilio de Magalhães.
198	<i>Aspectos do problema economico</i>	Vieira Correia.
204	<i>Sur quelques musiques executées à Paris</i> ...	Florent Schmitt.
209	<i>Un grand mort — Victor Ségalen</i>	Francis de Miomandre.
225	<i>Ode à Galiza</i>	Carlos Lobo d'Oliveira.
227	<i>Carta ao artista galego D. Alfonso Castelao</i>	Manuel de Figueiredo.
230	<i>Uma viagem a Paris... cinematografica</i> ..	Henrique de Vilhena.
244	<i>O Elogio da Diligencia</i>	Alfredo Guimarães.
258	<i>Olhos Verdes</i>	Alexandre de Córdova.
260	<i>Camiliana III — Uma carta da princeza Ratazi</i>	Visc. de Villa-Moura.
262	<i>18 Novembre 1918</i>	Pierre Duchâtre.
264	<i>Estradas de Coimbra</i>	Vergilio Correia.
267	<i>A questão colonial</i>	Ernesto de Vilhena.

REVISTA DO MÊS

<i>La Vie à Paris</i>	I. N. Faure-Biguet.
<i>Perez Galdos</i>	
<i>Cronica de arte — As Exposições</i>	M. de Sousa Pinto.
<i>O mez literarario</i>	Joaquim Manso.
<i>Noticias e Comentarios.</i>	

CONDIÇÕES DE ASSINATURA PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS

Um ano (12 números)..... 6\$00

PAÍSES DA UNIÃO POSTAL

Um ano (12 números)..... Frs. 25

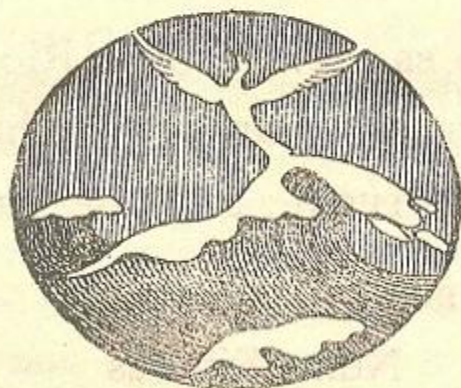
Preço deste número em Portugal 1\$00

REDACÇÃO: Conde Barão, 49

ADMINISTRAÇÃO: Rua Nova do Carmo, 35, 2.º — LISBOA

ATLANTIDA

ORGÃO DO PENSAMENTO
LATINO NO BRAZIL
E EM PORTUGAL



VOLUME XII

ANO V

N.ºs 46-47

ATLANTIDA

DIRECTORES:

PARA O BRASIL: João do Rio

PARA FRANÇA: Graça Aranha

PARA PORTUGAL: João de Barros

DIRECTOR GERENTE:

Nuno Simões

SECRETARIO DE REDACÇÃO:

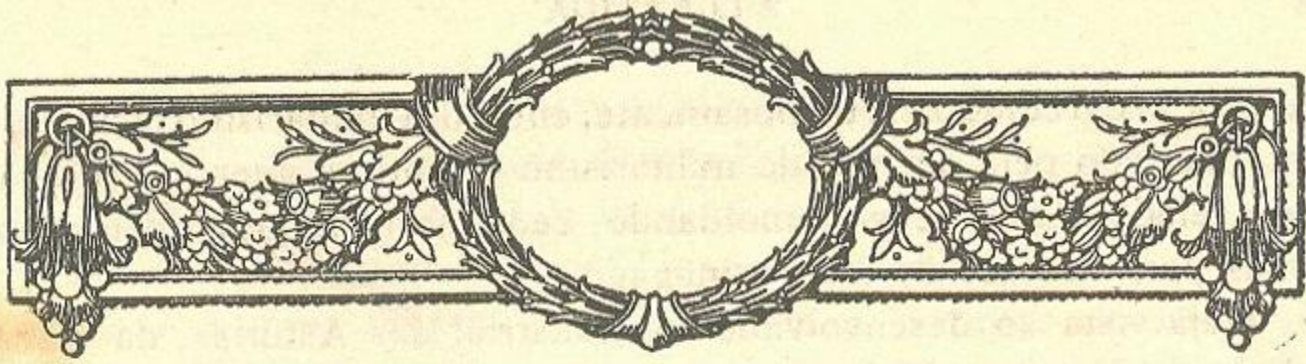
Vergilio Correia

EDITOR: Sebastião Mesquita

REDACÇÃO: Conde Barão, 49

ADMINISTRAÇÃO: Rua Nova do Carmo, 35, 2.º — Lisboa

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL, Praça dos Restauradores, 24 — LISBOA



Impressões d'uma visita a escolas de ensino primario em Hespanha

Visitando ha anos o norte da Espanha encontrava-me uma tarde descansando num jardim publico de Bilbao, quando uns pequenitos que saiam da escola se aproximaram de mim brincando. Dentro em pouco estavamos de conversa e porque descobrissem a minha nacionalidade perguntei-lhes se conheciam Portugal. Não só me indicaram a sua situação em relação á Espanha, mas logo de caminho citaram algumas cidades, montanhas e rios portugueses.

Fiquei admirado do caso, tanto mais que os alunos das nossas escolas primarias a respeito da corografia da Espanha pouco mais conhecerão do que a serra d'Alberrasim onde o Tejo nasce.

A explicação do facto tive-a dias depois quando entrando numa livraria de Bilbao vi a carta corografica adotada nas escolas primarias, a qual não é simplesmente o mapa da Espanha mas o da Península Iberica com detalhes da corografia do nosso paiz. O mapa em uso nas nossas escolas é simplesmente o de Portugal com uma estreita faixa branca a norte e a leste que fraca ideia pode dar da Espanha se por acaso a escola não possuir um mapa-mundo.

Contribue este facto certamente para que conheçamos mal a vizinha nação e porque as tradições ajudam e porque temos o habito de atribuir á Espanha o que em bôa verdade é obra d'alguns espanhois, vivemos, como dizia um francez espirituoso, paredes meias, com a nossa vizinha mas de costas víradas para ela.

Evidentemente erramos com esta attitude que, a meu ver, mais prejuizo nos traz do que vantagens.

A Espanha, ao contrario do que muita gente supõe, é um paiz

que está progredindo vertiginosamente, entre um militarismo incipiente desconcertado pela derrota do militarismo na ultima guerra e o fanatismo religioso que se vai amoldando, cedendo terreno ás ideias modernas para não ser de todo esmagado.

Haja vista ao desenvolvimento industrial das Asturias, da Catalunha e da Navarra. Haja vista ao cuidado que está merecendo ás sociedades cultas a educação do adulto, especialmente a educação profissional do operario.

A *Lei Fisher* que recentemente em Inglaterra obrigou á frequencia nas escolas tecnicas os empregados e operarios de certa idade de differentes ramos de Industria e Comercio, foi talvez melhor compreendida em Espanha.

Ali são as antigas escolas do Estado, ás vezes más como algumas que visitei em Londres, as destinadas a esse ensino. Em Espanha são coletividades administrativas, são as fabricas que constroem escolas que as dotam e as povoam com os seus operarios. A Universidade Industrial de Barcelona criada pela deputação de Barcelona é uma instituição formidavel, uma escola que tem fabricas adentro dos muros. A *casa Sota e Asrrar de Bilbao* criou nesta cidade uma escola de ensino tecnico para os seus operarios. A *Papelera Espanola* estabeleceu duas escolas suas, uma de industria e comercio de papel em *Tolosa* e outra d'artes e officios em *Lolla*. A escola d'artes e officios de Madrid de iniciativa duma comunidade religiosa e destinada a aperfeiçoar o conhecimento tecnico dos operarios, dizem ser uma bela instituição, excelentemente provida de tudo quanto é necessario para tornar o ensino verdadeiramente proficuo.

O espirito universitario moderno que uma autonomia sem sofismas, recentemente conquistada permitiu desenvolver, vai-se infiltrando nas escolas e chegando pela Normal á Escola Primaria está esta sofrendo uma benefica transformação.

Ainda ha mau, muito mau que não é facil destruir de pronto, ainda ha muito seculo xiv ao lado do seculo xx, mas ninguem pode negar que este vai vencendo e vencendo com rapidez notavel.

Encarregado duma missão official em Espanha, durante os 27 dias que aí estive dediquei algum tempo livre a visitar escolas primarias, e as impressões que colhi dessas visitas e que me pareceu interessante publicar, vieram confirmar-me o que já conjecturava pela leitura de livros e revistas da especialidade.

Varias são as entidades que dirijem ou intervem no ensino primario em Espanha :

- 1.º — O Ministro de Instrução Publica e Belas Artes.
- 2.º — O subsecretario de Estado respectivo.
- 3.º — O director geral de instrução primaria.
- 4.º — A junta nacional com funções consultivas.
- 5.º — A junta universitaria, presidida pelo reitor do respectivo distrito universitario que passa os diplomas de professor primario e estuda os progressos de ensino.
- 6.º — A junta provincial presidida por um professor do Instituto ou da Escola Normal da provincia que trata das questões disciplinares, licenças e outros serviços burocraticos.
- 7.º — Os inspectores e inspectoras do ensino primario.
- 8.º — A junta local, presidida pelo alcaide tendo como vogais o cura, pais e mãis dos alunos e uma ou duas pessoas de competencia especial. Tem por missão procurar casa para a escola e para o professor, fomentar o ensino, vigiar o serviço da escola, etc..

Existe ainda, funcionando na séde d'algumas juntas, um representante do Ministro da Instrução Publica, com o titulo de *delegado régio*, defensor dos interesses do professorado junto do ayuntamiento (camara municipal); mas, como é pago pelo mesmo ayuntamiento parece que a sua acção é de pouca eficacia.

O *Museu Pedagogico* é uma instituição official meramente consultiva a quem os professores por vezes se dirigem consultando sobre metodos e processos a usar nas suas escolas. Ao que parece o pessoal dirigente do Museu é constituído por individualidades da mais alta competencia pedagogica.

Os professores primarios formam-se nas Escolas Normais onde ingressam, precedendo exame d'admissão, e seguem um curso de 4 anos.

Os diplomas de professor primario não dão ingresso no quadro do professorado official sem previo concurso de provas publicas aos logares vagos das Escolas do Estado, e só depois da aprovação neste concurso o professor recebe o titulo de *Maestro Nationale*.

Parte das vagas são exclusivamente destinadas a professores doutras escolas que desejem mudar de situação e a categoria do professor é independente da categoria da terra.

Os vencimentos dos professores vão de 2000 pesetas a 5500 pesetas anuaes.

Podem considerar-se em Espanha quatro classes de escolas primarias: as do Estado, as dos municipios, as das congregações religiosas e as particulares.

As do Estado, embora algumas dotadas com bons edificios pelos Municipios, nem sempre são as melhores fornecidas de material didatico, cantinas e outros beneficios da assistencia escolar, porque, dizem os mestres, os ayuntamientos preferem proteger as suas escolas ás escolas do Estado.

As escolas primarias são, como em toda a parte, conforme a população local, escolas dum só professor, e de dois ou mais professores; havendo nas cidades as chamadas *escolas graduadas* ou *grupos escolares* com 4 classes infantis, 6 classes de ensino primario e uma de anormais e retardados.

As escolas dos ayuntamientos bem como as religiosas importantes são tambem assim organisadas.

O primeiro estabelecimento de ensino que visitei foi uma *Escola do Bosque* em Barcelona.

As escolas do bosque criadas por alguns ayuntamientos são escolas ao ar livre, destinadas a crianças fracas e doentes não de mal contagioso.

A escola a que me refiro funciona na encosta de Montjuick que o fusilamento de Ferrer e a Semana Tragica tornaram de conhecimento mundial.

Atravessando os terrenos destinados á grande exposição de 1923 fui pouco a pouco internando-me no bosque e perguntando a um e a outro trabalhador que encontrava conseguia, ao cabo de certo tempo, descobrir dois grupos duns 20 pequenos de 7 a 12 anos cercado os respectivos professores de quem recebiam uma lição de historia.

Do lugar onde estavam, junto duma pequena nascente, avistava-se toda a cidade estendendo-se preguiçosamente até ao Mediterraneo em cujas aguas estranhamente azues parecia mergulhar.

Facto interessante, naquele momento na grande cidade a luta das classes tomava um aspecto ameaçador, traduzindo-se num mal estar social, numa anciedade indifinivel. O trabalho estava desorganizado, a produção reduzida, a vida impossivel. Havia mesmo quem falasse doutra semana tragica; e no entanto, naquele bosque, a algumas centenas de metros da cidade cuja febril respiração poderia talvez sentir-se, os professores falavam tranquilamente aos seus discipulos, filhos dos operarios barcelonezes, das grandes glorias da Calunha.

As crianças vestiam bibes fornecidos pela escola e se realmente o aspecto demonstrava falta de robustez, o rosto não indicava sofrimento, antes um manifesto bem estar.

Que beneficio enorme presta a municipalidade a estas pobres crianças que habitam, em regra, casas pouco higienicas e sem o conforto que o seu estado morbido demanda!

40000 pesetas gasta anualmente o ayuntamiento com a Escola do Bosque, incluindo vencimentos de 4 professores, alimentação, algum vestuario e passe no tranvia a 80 crianças d'ambos os sexos.

Obra meritoria seria a dum ministro, duma municipalidade ou dum particular amante da instrução e das crianças, que criasse entre nós, em Lisboa pelo menos, uma ou mais escolas como esta.

Na Tapada da Ajuda ou das Necessidades ficaria admiravelmente uma escola ao ar livre destinada ás crianças fracas e doentes daquele bairro laborioso e pobre. Seriam outras tantas crianças arrancadas talvez á sepultura ou á cadeia e por isso mesmo um beneficio inestimavel.

Os metodos pedagogicos das escolas do bosque não diferem das geralmente adoptadas para as classes primarias dos 8 aos 12 anos. Como porem as crianças estão em permanente contacto com a natureza a maior parte do material didatico á propria natureza se vai buscar.

Assim vi grande numero de construções geometricas feitas com agulhas de pinheiro, e sementes. A iniciação matematica, vai-se fazendo com as mesmas sementes e folhas escolhidas de certos arbus-tos, etc..

A arte na escola manifesta-se nos cadernos de composição ou de problemas que aparecem ornamentados, quasi sempre, com motivos do que as crianças observam no bosque. O mesmo se reconhece nos trabalhos de moldação em barro.

Quando chove ou o frio é intenso trabalham nas salas da escola muito amplas, alegres e ornamentadas com plantas.

As inspecções medicas ás crianças são frequentes, e muito completos os boletins antropometricos e os de observações psicologicas durante o curso, a que ha a juntar os graficos do crescimento e de altura do aluno.

Quando, ás seis horas da tarde, as crianças retiram, depois de, com os seus professores e professoras, terem tomado uma ligeira refeição quente, vão lançar por certo uma nota alegre na sua pobre casita onde talvez a influencia da escola tenha até feito nascer algum conforto.

Ainda em Barcelona visitei uma escola Montessori. Barcelona, ou melhor, o ayuntamiento de Barcelona, mercê não se sabe de quem, parece ter dado á Doutora Montessori e ao seu metodo um acolhimento que ela não tem logrado obter noutros paizes.

Ha 3 escolas Montessori em Barcelona, uma do ayuntamiento, parecendo que montada pela propria dr.^a Montessori, outra particular e uma religiosa. *A Casa de Caridade de Barcelona* concedeu á dr.^a Montessori o monopolio do fabrico e venda do seu material didatico que custa cerca de 650 pesetas.

A escola está instalada num palacete no interior dum jardim, tendo classes infantis num primeiro andar o que, na verdade, não é perfeito.

Visto que me proponho tratar numa conferencia publica do metodo Montessori como resultado das minhas observações em Hespanha e Inglaterra onde tive ocasião de assistir a uma lição da autora do metodo, apenas direi agora que muito mais me agradou a escola do Bosque que a Escola Montessori.

De regresso a Madrid visitei a *Escola Normal de Maestras*. O edificio numa rua estreita e movimentada, é um velho casarão que me fez recordar o pardieiro onde funcionou a velha escola Normal do Calvario e onde, para começar mal, vai funcionar a 4.^a escola Primaria Superior de Lisboa.

Eu tenho para mim que o aforismo de que o bom professor é que faz a boa escola, deve sujeitar-se a restrições. Se o ambiente e a ferramenta de que se serve o artista influe muito sobre as suas produções, facto identico se deve passar na escola.

Por isso entrei na escola normal femenina de Madrid com pouca esperanza de vêr obra que me aproveitasse, mas afinal não me arrependi da visita.

Interiormente o edificio, se exceptuarmos as aulas da escola anexa que eles chamam mais propriamente do que nós *Escola practica graduada* da Normal, apresentava o mesmo aspecto miseravel que se me ofereceu exteriormente. O material didatico que era bastante, pareceu-me antigo ou melhor, velho. O laboratorio de quimica, estabelecido num sotão, não tinha condições para grandes trabalhos.

No entanto melhor impressão me derão as professoras nas suas aulas.

Assisti a uma lição de historia da civilisação, a outra sobre a lingua castelhana e a uma terceira de matematica sobre sistemas de numeração.

A fórma como as professoras apresentavam as suas lições, levou-me a indagar se o seu curso era apenas o curso normal. Soube então que aquelas professoras, como de resto todos os novos professores de ensino normal tinham saído da Escola Superior do Magesterio, onde, se

ingressa mediante um concurso de provas publicas e se frequenta um curso de 3 anos, recebendo uma subvenção durante a frequencia. Todos os candidatos devem ter o diploma de professor pela Escola Normal Primaria.

O curso da Escola Normal Primaria é de 4 anos, sendo o primeiro exclusivamente destinado á cultura geral e os tres ultimos simultaneamente á cultura geral e profissional, começando no 3.º ano a pratica na escola anexa. A matricula faz-se precedendo aprovação num exame d'admissão.

Vê-se pois que este curso é superior aos nossos antigos cursos da Escola Normal, mas inferior ao ultimamente legislado e pelo qual as escolas normais passaram a ser exclusivamente profissionais.

A escola pratica que visitei, anexa á normal, era uma escola graduada com classes infantil, primaria geral e uma de retardados e anormais. A boa ordem, metodo e aceio que notei nestas classes revelam quão cuidado é o ensino pratico da escola normal e a directora S^{nta}. Rincon uma professora muito categorizada, sensatamente escolhida entre as melhores, como deve ser o pessoal das escolas anexas ás normais.

Saí, pois, da Escola Normal de Madrid com a impressão de que a preparação actual dos professores primarios espanhois é superior á que tem recebido até aqui, nas nossas escolas, os mestres portuguezes e que as provas publicas necessarias para se adquirir o titulo de *Maestro Nacional* e tomar a regencia duma escola, hão de eliminar muitas incompetencias e desanimar os que para o ensino não encontram vocação. Assim, disseram-me que haverá em Espanha uns 70.000 individuos com o diploma da Escola Normal que nunca ingressaram no quadro do professorado ou que o abandonaram depois de obter o titulo.

Visitei depois o grupo escolar municipal «*Conde de Penalver*», escola graduada do Ayuntamiento, considerada como modelo.

Nunca vi, e tenho visitado escolas primarias na Holanda, Dinamarca e Inglaterra, edificio construido com mais propriedade para uma escola primaria e onde o confôrto e arte se juntassem por forma a coadjuvar a pedagogia numa grande obra de educação. Desde o atrio ornamentado com estatuetas oferecidas por escultores espanhois, ás paredes das aulas e refeitórios onde o engenho dum apreciado artista pintou, abrangendo uma grande parte da parede, em lugar dos classicos frizos, assuntos infantis, cheios de humorismo, ás *casas de*

arco ou lavatorios, providos de duches e pequenas bacias d'agua corrente, tudo é um verdadeiro encanto.

Custou o belo edificio, para uma população escolar de 700 alunos, incluindo as das classes infantis, 400.000 pesetas e despende o municipio anualmente com a escola:

- 5.500 pesetas para material ;
- 3.000 pesetas para limpeza ;
- 3.000 pesetas para calefação ;
- 50.000 pèsetas para a cantina escolar.

Cerca de 1 peseta diaria e por creança é o custo das duas refeições que a escola fornece aos muitos pobres. Só 200 crianças se aproveitam deste beneficio.

Alem disso, paga ainda o municipio ao pessoal docente e menor comprehendendo:

- 24 professores cujos ordenados variam entre 2500 e 4000 pesetas.
- 10 vigilantes
- 2 serventes
- 1 porteiro

As classes começam ás 9, suspendem ás 12 para recommear ás 14 e terminar ás 17.

Tem portanto os alunos 6 horas de classe com varios intervalos para recreio.

Na aula infantil de 4 graus ha a coeducação.

Vi nas 6 classes das escolas primarias, como em todas as outras escolas que visitei o reflexo que admirara na escola normal, o que me leva a crer que a orientação dada n'esta escola não é de forma alguma esquecida ou despresada.

Assim, os livros de texto só aparecem na 5.^a e 6.^a classes. Até ali, com excepção do texto de leitura, o livro é o professor.

Os problemas de aritmetica são todos *razonados*, isto é, no fim de cada exercicio o aluno explica por escrito o que fez.

A creança exercita-se na composição escrita logo que sabe escrever e o ditado, já reduzido nas 1.^{as} classes, desaparece nas ultimas.

As creanças teem o seu diario onde registam os factos ocorridos no ultimo dia d'aula, ou existe um diario unico onde uma aluna regista cada dia, o que fez na vespera.

Alem do desenho livre, muito usado na escola infantil, adopta-se em todas as classes a copia do natural. Os trabalhos manuais da Escola Infantil são froeblianos.

A escola Penalverde tem ainda uma classe profissional de modista

de vestidos e chapéus destinado ás alunas que acabam o curso primario e querem dedicar-se áquele ramo de industria. Um gymnasio e um salão cinematografico completam a instalação da escola.

Foi neste esplendido estabelecimento que primeiro tive noticia da mutualidade escolar espanhola, cujos livros de escrita e documentos diversos me foram facultados pela directora.

Esta obra de previdencia, nos moldes das mutualidades escolares francezas, é sem duvida uma das instituições escolares do mais largo alcance social e altamente educativa.

Propoem-se ella favorecer com um pequeno subsidio diario os socios doentes em casa, a assegurar aos 25 anos e por uma só vez, uma quantia que facilite a entrada em qualquer ramo de industria ou commercio ou a dar aos seus associados que cheguem aos 60 anos uma pequena pensão de reforma até á sua morte.

Está intimamente ligado ao *Instituto Nacional de Prevision* e para ella, em quotas semanais de alguns centimos, tem os estudantes das escolas primarias contribuido com 200.000 pesetas desde 1911 data em que se fundou, tendo o ministerio de Instrução Publica adicionado egual quantia.

O *grupo escolar de Penalverde* é pois uma instituição modelar que pode defrontar-se com o que de melhor ha noutros paizes e honra sobremaneira a Camara Municipal de Madrid.

Quando um madrilenho, sempre mal dizente como nós outros, me disse um dia que o ayuntamiento de Madrid só tinha creado duas coisas boas: a Banda Municipal e o Corpo de Bombeiros, pedi-lhe para juntar a Escola Graduada de Penalverde, a qual nem elle proprio conhecia!

O *Jardim de infancia*, de Madrid, *Escola modelo* como lhe chamam, é uma velha escola frœbliana pertencente ao Estado que me fez lembrar a nossa escola Frœbel do Jardim da Estrela, a qual passado pouco tempo depois de instalada se convertia numa escola primaria vulgar.

O edificio foi expressamente construido para a escola ha mais 40 anos. Visitei o num dia de chuva e daí, talvez, resultou a minha má impressão. Não tem a alegria que deve ter um Jardim Escola moderno e não sei porque motivo deram ao ensino uma extensão tal que afinal de contas é uma escola graduada com o ensino primario geral e até me parece uma classe de preparação para o exame de admissão á Escola Normal.

Como é uma escola do Estado vive com uma verba insignificante

que não lhe permite desenvolver e progredir conservando, como deve ser, o seu character de escola infantil.

Disseram-me que a directora era uma das professoras mais conceituadas de Madrid, pelo seu saber e pratica de ensino. Falta-lhe porem a protecção da Camara que dedica, como já tive occasião de o dizer, mais amôr ás escolas que criou do que ás do Estado.

Quiz visitar tambem uma escola graduada nacional para a comparar com as criadas pela Camara Municipal. Dirigi-me á Escola Graduada de Valle Hermoso num bairro excentrico de Madrid.

Neste grupo escolar funciona uma escola infantil, uma escola graduada de meninas e uma outra de rapazes.

O edificio é excelente e recentemente construido pela Camara. Não tem, porém, interiormente a beleza e a arte do grupo de Penalverde. A decoração das classes infantis é obra da directora que fez por suas mãos os frizos das classes. A cantina escolar é ainda um problema. O material didatico das classes infantis é o fröebliano.

Notei numa destas classes uns quadros interessantes a que a professora chamou quadros de contrastes: assim ao lado duma paisagem dos paizes escandinavos no rigor do inverno encontra-se uma outra paisagem do sertão africano. A par dum quadro figurando um incendio um outro representando uma inundação etc.

Chamou-me a atenção tambem uma pequena biblioteca escolar cujos livros podiam ser levados para casa pelas alunas, desempenhando uma delas as funções de bibliotecaria; e reconheci mais uma vez que o livro predilecto das escolas é o livro d'aventuras fantasticas e viagens aventurosas como as de *Julio Verne*.

Pareceu-me que dominava na escola a preocupação, perfeitamente razoavel, de não fatigar as creanças e assim, em seguida a uma lição curta mas fastidiosa de gramatica, a professora desenhando no quadro uma estrela a cores, entabolava com as crianças uma conversa sob a fórma e sobre as côres da estrela.

O material didatico tambem não abundava e não descobri qualquer pequeno museu de historia natural e muito pouco tambem de fisica ou quimica para as ultimas classes.

A professora falou-me em material improvisado, mas não o vi.

Tinha interesse tambem em visitar uma *Escola religiosa* para observar qual a orientação dada ao ensino.

Visitára, é certo, a escola de S. Tiago, para as orfãs dos officiaes

de cavalaria, em Carabanchel, mas nessa escola, que é um internato, embora sob a direção religiosa, não observei, com surpresa minha, o que imaginava encontrar. O edificio recentemente construido nada tem de conventual, as monjas com os seus habitos claros não ofereciam o aspecto que o fanatismo religioso sentido ou hypocritamente dá ás faces e aos modos dos fanatisados. As creanças, em numero de 75 dos 6 até aos 18 anos, não manifestavam nem nas maneiras nem no rosto indícios de opressão, de receio ou muitissimo. Pelo contrario, alegres, vivas nos seus uniformes azues escuros, e penteados proprios da sua idade, fizeram-me lembrar as minhas educandas de Odivelas as quais se ministra um ensino liberal.

Não era pois numa escola como esta, sob a fiscalisação de dois officiaes do exercito, e onde se preparam as orfãs para as diferentes profissões, como professora primaria, preceptora e empregada de escriptorio, que eu devia procurar o que desejava ver.

Seria preferivel uma escola que educasse os filhos do povo e aí o meu estudo seria mais proveitoso. Alguem me indicou a *Escola da Ave-Maria*, póde dizer-se já nos suburbios de Madrid, junto dum pinhal e proximo de bairros e povoações pobres.

Para lá me dirigi e surpreendeu-me, senão a beleza pelo menos a grandeza do edificio. E' uma escola com uma população de cerca de 300 alunos d'ambos os sexos, funcionando porem as aulas separadas por cada sexo.

Recebeu-me o director da escola, a principio friamente, mas depois, ou porque lhe agradasse o meu interesse, ou por outro motivo qualquer, animou-se na conversa, na exposição dos metodos e revelou-se um entusiasta, um verdadeiro sacerdote do ensino e, o que mais me surpreendeu, este homem nem era um frade, nem mesmo um cura, mas um professor habilitado pela Escola Normal, que estudou em Granada com o padre Majon fundador das Escolas d'Ave Maria, os metodos pedagogicos adotados nestas escolas.

O edificio construido por uma senhora devota custou cerca de meio milhão de pesetas. E' em tijolo tendo ao centro uma grande capela circular, ficando as aulas dispostas em torno da capela. Um extenso parque cerca o edificio.

Disseram-me que ha talvez umas 300 d'estas escolas em toda a Espanha, nem todas grandiosas mas submetidas ás mesmas regras pedagogicas professadas na escola central de Granada.

Perguntando ao director, ao entrar na primeira sala da escola, que material didatico adotava no ensino, respondeu-me: *Material dida-*

tico son los niños y los gráficos. Esta resposta define os processos de ensino do padre Majon.

Efectivamente as crianças *vivem*, premita-se-me a expressão, a geografia, a historia, a arimetica, a gramatica e até a doutrina.

No grande parque da escola ha desenhado no terreno um mapa enorme da Peninsula Iberica e do norte da Africa, contornados as costas e as fronteiras por aro de ferro e as capitaes das provincias representadas por pequenas caixas cilindricas tambem de ferro.

De repente o professor diz aos alunos: Representem a meseta iberica. E os pequenos, dando-se as mãos, formam os limites da meseta. «Eu represento os Perineus Cantabricos diz um, eu os montes Ibericos diz outro, eu os Montes Marianos, eu o Cabo da Gata» e assim de seguida.

Outras vezes as crianças ocupam cada uma sobre o mapa uma provincia onde uma bandeirinha com o escudo regional está presa á caixita cilindrica de que falei acima. Cada aluno pode ter na mão uma caixa com alguns modelos dos principais productos da provincia que ocupa e o professor diz:

«O galego que leve carnes á Catalunha e o catalão tecidos á Galiza»; e o pequeno da Catalunha dirige-se para a Galiza e o da Galiza para a Catalunha. «Visite o Asturiano o sepulcro dos Reis Catolicos em Granada e o granadino o sepulcro de Pelaio em Covadonga» e os pequeninos trocam os seus logares.

Outras vezes manda-os traçar um rio sobre o grande mapa e os alunos, servindo-se duma corda, estendem-na sobre o terreno marcando o rio e indicando as provincias e cidades que vai banhando.

O estudo da historia faz-se por um processo analogo e aproveitando o gosto que os rapazes teem de jogar o que chamam a *rayuela*, jogo semelhante ao que os nossos garotos jogam sobre os passeios e nos pateos das escolas e a que chamam *Semana*, deslocando a pé coxinho uma pedra de zona em zona do jogo.

No parque e gravado sobre um grande bloco de marmore bem plano e horizontal, está marcado o jogo em zonas largas que representa a idade antiga, a media e a moderna, vendo-se nesta zona um retangulo que indica a independencia de Portugal. As zonas largas são divididas em outras mais estreitas correspondendo aos reinados. Uma pequena mão no começo da idade moderna indica Colombo que descobre e oferece um novo mundo e uma outra no fim diz Manjon «representa a mão que saíra com Colombo e volta agora a casa sem conservar um palmo de terra!»

As crianças vão de pé coxinho deslocando a pedra como indica o professor e respondendo ao que ele lhe pergunta em relação á zona em que a pedra está colocada.

Outras vezes ocupa cada aluno a faixa correspondente a um reinado ou a um periodo da historia antiga e um aluno diz por ex.:

«Eu sou Carlos IV o Fraco, bati-me com os francezes, portuguezes e inglezes que me derrotaram em Trafalgar», e outro lhe diz: «chamaram-te o Fraco porque governou por ti tua mulher e para salvares a vida tiveste que abdicar em Aranjuez. Olha, reinados como o teu mais valia que não existissem.» E assim por diante se vai passando a lição de historia.

Para o estudo de aritmetica são os alunos que desempenham na tabua quadriculada o papel dos feijões adotados nas outras escolas ou das esferas de cores do material Montessori.

A gramatica estuda-se por forma identica e bem assim a doutrina, disciplina primordial no programa da escola.

«Quando faz bom tempo, diz um aluno descrevendo a sua escola, «saimos para um pateo ou jardim onde brincamos, ou sentados passamos o dia a respirar o ar puro, ao sol ou á sombra segundo nos agrade; e ali fazemos problemas e brincamos a tudo, á doutrina á geografia, á historia, a tudo e quando a brincar temos dado todas as disciplinas, sentamo-nos e escrevemos ou cantâmos. Estamos ali muito a nosso gosto».

Quando por muito sol ou chuva a lição não pode ser ao ar livre, os alunos veem para o grande atrio da escola e aí tem sobre o empedrado e nas paredes, graficos mais reduzidos que os do parque.

Por ultimo, se o tempo muito ventoso ou frio, não permite o estudo no atrio vão para as aulas alegres e confortaveis.

Na escola estuda-se a doutrina como materia do programa, mas na Capela circular, disposta como uma aula, faz-se naturalmente a catequese.

Qual o efeito dessa ação religiosa sobre os espiritos juvenis ?

Num relatorio das escolas da Ave Maria publicado em 1902 veem alguns trechos de composição dos alunos e alunas nos quais se manifesta o misticismo religioso :

«*La Encarnacion* — No sê que decir deste misterio porque ni aun los ángeles sabrian hablar dignamente de él; lo mejor será adorarlo e pedir á Dios hecho hombre me haga santo».

«*La Encarnacion* — Este es el primero misterio gososo; miste-

«rio inexplicable y que ningun entendimiento humano, por sabio que sea, podrá comprender; este misterio se obró en las purissimas entrañas de la St.^a Virgem Maria, por obra y gracia de la tercera persona de la St.^{ma} Trinidad.»

Fazem estas composições sem duvida muita diferença das encontrados nos cadernos dos alunos das escolas officiaes, como esta por exemplo :

«*Julio* — Este mes, que..... no sé lo que poner. Ah! ya me acuerdo este mes es la Virgem del Carmen; hace mucho calor, toda la gente se vá a veranear; el Sol quema mucho porque se halla mas cerca de la Tierra».

Na escola da Avé-Maria que visitei não ha pelas paredes quaisquer attributos religiosos e apenas pelas paredes letreiros aconselhando as crianças a inscreverem-se na mutualidade escolar.

As escolas da Avé-Maria são consideradas por muitos professores officiais como reaccionarias e o *Museu Pedagogico*, instituição absolutamente liberal, parece não as mencionar nos seus trabalhos, apesar da importancia das referidas escolas.

Para terminar façamos agora um pouco de estatística. Ha em toda a Espanha 28.202 mestres nacionais e em Portugal cerca de 8.000. Como a população em idade escolar dos 3 aos 12 anos é de 4 milhões em Espanha e de 1.500.000 no nosso paiz, cabe em Espanha 1 mestre a cada 140 crianças e entre nós 1 mestre a 185.

Sucede porem, que na visinha nação o numero de escolas municipaes, particulares e religiosas, está computado no dobro das nacionais, que são cerca de 26.000 e entre nós não ha escolas municipaes, nem religiosas e as particulares não atingem, com certeza, o dobro das officiaes, as quais parecem ser 6.800.

Assim, a relação entre o numero de crianças escolarizadas e o da população em idade escolar deve ser bastante inferior ao numero correspondente em Espanha.

Os 28.000 mestres nacionais cujos vencimentos vão de 1500 a 7500 pesetas anuais recebem do Estado 50.550.000 pesetas ou seja ao par uma media de 540 escudos anuais por professor.

Um decreto de 10 de Maio de 1919, ao professor primario portuguez corresponde um vencimento medio anual de 720 escudos com uma subvenção extraordinária de 15 escudos mensais.

Não são pois os professores primarios portuguezes mais mal pagos que os professores espanhoes.

Concluindo, as visitas que fiz ás escolas primarias espanholas e os dados estatisticos que apresento deixam-me supor que em materia de ensino primario estamos em peiores condições do que a Espanha, triste é dizel-o, mas é necessario que se saiba. E' preciso que não fiquemos para traz e o programa a seguir é muito simples, embora apresente dificuldades na pratica.

A Republica tem feito muito pela instrução. Basta dizer que durante 1911 criou 928 escolas primarias, enquanto que nos nove ultimos anos da sua existencia a Monarquia apenas criou 944. Não basta porem, é preciso mais e muito mais. Urge pôr em pratica o ensino infantil. Só temos os 3 jardins-escola João de Deus!

Torna-se tambem indispensavel a construção de edificios escolares. Em Lisboa, mercê da falta duma lei que as proteja, correm risco, a maior parte das escolas primarias, de serem desalojadas pela ganancia dos senhorios. Bem andou o atual ministro mandando orçamentar 2.500.000 escudos para construções escolares. Oxalá tão bela iniciativa encontre a realisação pratica que merece, não só pela escolha dos tipos dos edificios, mas ainda pelas condições da construção.

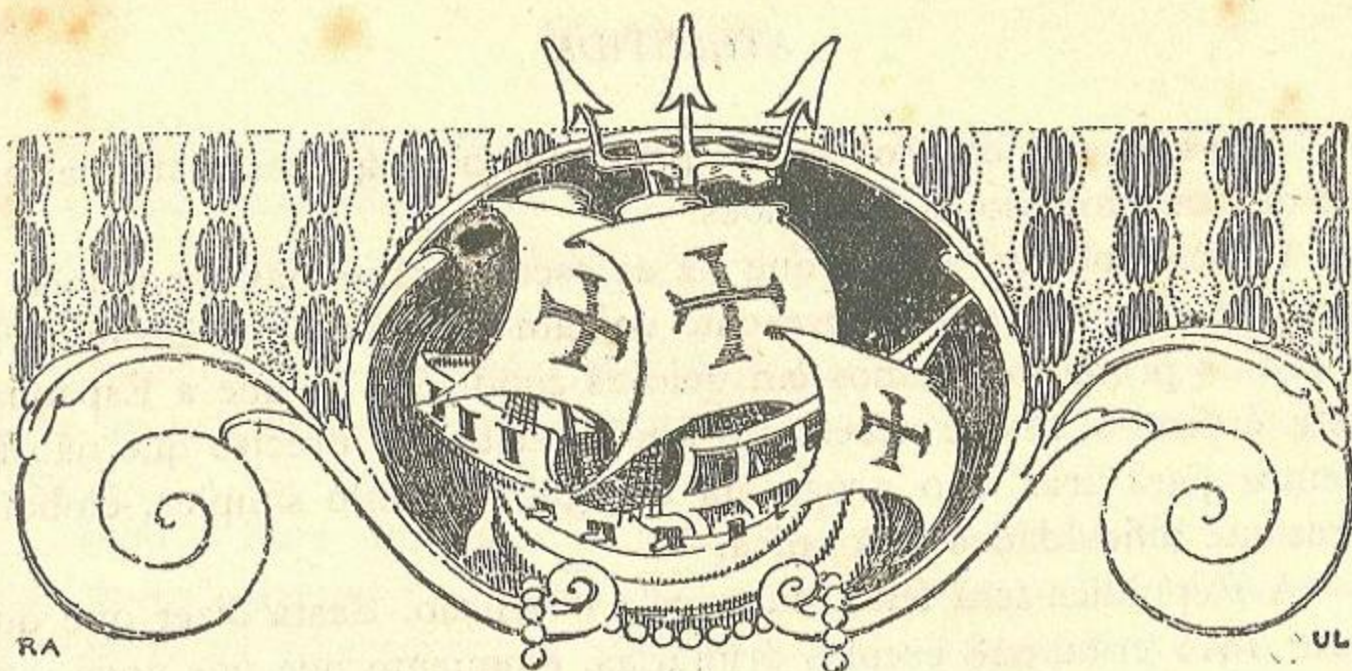
A assistencia escolar precisa desenvolver-se; sem ela é utopia pensar na obrigatoriedade do ensino. Mas venha a assistencia tambem de particulares. O Estado não pode tudo; os ricos e os remediados estão em condições de prestar um valioso concurso para a extinção do analfabetismo, contribuindo para as cantinas escolares que ás escolas chamarão grande numero de crianças.

Temos agora uma excelente lei de ensino primario, temos a coeducação e tres boas Escolas Normais donde ha muito a esperar para a preparação do professorado. E' indispensavel porem anular de qualquer forma a ação do caciquismo politico sobre o ensino, porque destroe e aniquila com a politica de campanario os esforços das pessoas dedicadas, dos verdadeiros amantes da instrução.

O Ministro da Instrução Publica de Espanha, conhecedor da perniciosa influencia do caciquismo, tem pouco a pouco cerceado as atribuições ás juntas locaes onde se manifestavam os mesmos defeitos que a dois mezes de criação se salientavam de modo lamentavel nas nossas juntas escolares.

O programa é pois muito simples nos seus traços gerais. Executemol-o e teremos feito uma grande obra patriotica e social.

FREDERICO ANTONIO FERREIRA DE SIMAS.



ASPECTOS DA QUESTÃO SOCIAL

As colónias e as alfandegas

Pela actual reforma da Escola Colonial, o seu ensino superior, sobre geographia, ethnologia, historia da colonisação, higiene, administração, economia, estatística e finanças, comprehende na 7.^a cadeira (direito aduaneiro) os mais complexos problemas da sociologia colonial. O direito aduaneiro colonial prende-se aos mais elevados e interessantes problemas da vida social.

Faz parte muito importante da sciencia financeira, o direito aduaneiro, que tambem é um dos capitulos do moderno direito administrativo geral.

E ao direito aduaneiro colonial se ligam todos os grandes problemas a cargo principalmente das potencias coloniaes. Se o mundo moderno tiver de continuar a viver no regimen estadual, as soluções dos problemas que o direito aduaneiro envolve serão as que hão de resolver o futuro das sociedades humanas. O moderno direito aduaneiro já não pode ser uma acção juridica para perturbar a circulação da riqueza e para parcelar por antagonismos as varias regiões da terra.

Passou a epoca do pacto colonial e do «acto de navegação».

Foram as perturbações aduaneiras que originaram a guerra da independencia da Norte America. E quando Bonaparte ordenou o bloqueio continental contra a Inglaterra, este acto aduaneiro originou

a independencia das colonias portuguezas e espanholas, porque os comerciantes inglezes, fechados os mercados europeus, conquistaram os mercados americanos e levaram a America á possibilidade da independencia, e tambem creou na Europa continental novas industrias, libertando-se da industria britanica. E' ainda por via aduaneira que se fez o imperio alemão em 1870, preparado pela acção do *zollwerin*. A centralisação politica alemã precede a centralisação aduaneira, analogamente ao que aconteceu na Italia unida, depois das realizações de união aduaneira na peninsula italiana.

E' ainda a organização aduaneira que origina a guerra entre os Estados do norte e os do sul na confederação da America do Norte, porque os Estados do sul, como agricultores, não queriam o regimen aduaneiro que só convinha aos do norte, ricos pelas industrias machino-factoras. A «Liga de Cobden», em Inglaterra, não teria movimentado a pesada politica britanica, se não fôra a organização aduaneira que certos e preponderantes elementos politicos na camara dos lords, senhores de latifundios, entenderam impôr á Gran Bretanha para poderem os rendeiros dos *lords* politicos pagar-lhes maior renda pelas terras productoras de cereaes.

Mas o povo britanico ameaçou com a revolta os *lords* politicos e productores de cereaes se elles persistissem em impôr um direito aduaneiro protector, que a elles os enriquecia e que aos consumidores, pela carestia da vida, os ameaçava com a fome. A historia politica e economica dos povos é a historia da sua legislação aduaneira.

A historia do direito aduaneiro colonial é o registo da acção administrativa das metropoles sobre as colonias.

Enquanto a Inglaterra, a França, a Espanha, Portugal e a Holanda administraram as suas colonias no regimen subjeição, o direito aduaneiro colonial reduzia-se a proibir que as colonias commerciassem com qualquer povo ou mercado que não fosse o da metropole ou por via da metropole. E o pacto colonial, revelado pelo Acto de Navegação e outros expedientes administrativos perdura ainda no direito aduaneiro colonial, dentro do regimen de assimilação.

Só a Inglaterra tem mantido a independencia aduaneira colonial com o sistema, mais ou menos completamente realisado, da autonomia colonial.

A normal circulação da riqueza exige que as mercadorias, tanto das metropoles como das colonias, sejam valorisadas pela rapidez da distribuição e pela liberdade aduaneira. As alfandegas coloniaes, principalmente depois das conferencias de Berlim e de Bruxellas, deixa-

ram de ser o que dantes foram, como que muralhas da China a procurar exclusivismos que a moderna internacionalisação não permite. A civilisação consiste no melhor aproveitamento do homem e da natureza. O homem valorisa-se pela liberdade da escolha da sua acção productora. Por isso a escravidão e a servidão, tornando o homem insufficientemente productor, diminuíram a riqueza social, e tambem não foram tão uteis á riqueza individual como os senhores desejariam. O direito aduaneiro não hade restringir a liberdade productora das regiões e dos povos, antes hade facilitar a circulação das mercadorias, e a normal e especificada producção da riqueza, tanto das metropoles como das colonias. Em direito aduaneiro só transitoriamente se podem admitir os artificios e a protecção forçada. O açambarcamento artificial dos mercados foi uma das causas da grande guerra cujas consequencias ainda não podem ser calculadas. Mas os diplomatas de Versailles já discutiram as soluções do futuro direito aduaneiro colonial quando trataram de transformar o velho direito absoluto da mãe patria sobre as colonias num regimen de mera tutela em nome da sociedade das nações, com a faculdade de remoção do tutor que não saiba ou não possa administrar sufficientemente as colonias, enquanto estas não chegam á maior idade. E' no direito colonial a substituição do patrio poder pelo poder tutelar.

E assim as alfandegas coloniaes não poderão ser instituições de sujeição economica e captação fiscal mas reguladoras facilitantes da circulação da riqueza e do serviço dos entrepostos commerciaes, registadoras, pela estatistica, da riqueza internacional, diferenciada pelas capacidades de todos os povos da terra.

A economia social, como hoje a sciencia a constitue, considera a sciencia financeira, que estuda a producção da riqueza dos Estados, a sua circulação e o seu consumo pelos organismos de administração publica, considera aquela sciencia segundo a moderna concepção do imposto. O imposto, principalmente o aduaneiro, já não é hoje um tributo de vassalagem ou de sujeição; é um artificio juridico para socialisar a riqueza. E assim o direito aduaneiro não hade servir para fazer convergir a riqueza em favor duma casta, duma parcelação, duma profissão ou duma classe, mas para a difundir por todos os productores, facilitando a circulação das mercadorias e aproveitando as receitas das alfandegas para a producção de novas riquezas sociaes. As fronteiras deixam de ser marcações de campos de batalha, para significarem apenas signaes de util divisão do trabalho internacional especificado. A nossa epoca trata de eliminar as grandes e prejudi-

ciaes despezas da fiscalisação aduaneira, que tem sido sempre a causa iniludível da imoralidade invencível do contrabando.

As sociedades humanas que começaram por usufruir livremente a terra, o mar, o espaço, passaram, pela selecção, dinamica, a criar potestades que puderam adquirir a propriedade privada dos escravos, da terra, do mar e do espaço. Os escravos não trabalhavam, porque não produziam para si proprios, e foram transformados em servos da gleba ou da fabrica. Caducou a propriedade privada do homem sobre o homem. A propriedade privada do mar, no regimen do *mare clausum*, deu logar á socialisação dos oceanos no regimen do *mare liberum*, mas a propriedade privada do solo perdurou, embora a tendencia seja para fazer a socialisação da terra e do ar como já se fez a do mar. E como as subsistencias faltam, ameaçando a humanidade de morte pela fome, e como os salarios diminuem na correlação dos preços das subsistencias deficientes, os movimentos sociaes exigem a maior producção, pelo aproveitamento integral de todos os homens capazes de trabalhar, reduzindo-se ao minimo dos invalidos o numero dos que consomem sem produzir.

Acabará assim a possibilidade da escravidão, da servidão e de qualquer regimen que destine uns ao trabalho e outros á ociosidade. Tanto mais que a complexidade actual da producção tornou já impossivel que as sociedades humanas entreguem a direcção da producção da riqueza, que é de character social, ao cuidado e ao interesse dos particulares. E' necesssario crear um organismo suficiente para dirigir a producção da riqueza, porque os Estados contemporaneos não realisam as indeclinaveis condicções a que deve satisfazer o organismo colectivo que deve orientar e realisar a producção da riqueza e a sua circulação e distribuição. Dahi a profunda alteração no direito aduaneiro dos povos modernos, e principalmente nos dominios coloniaes. A socialisação pelo direito aduaneiro iniciou-se mais vivamente já por occasião da revolução francesa quando esta pôz termo ao regimen das alfandegas interiores que fragmentavam o territorio unificado dos estados centralizados. Mas foi depois de 1815 que a Alemanha, exausta, depois das guerras napoleonicas, sem agricultura, sem comercio e sem industria, reconheceu a necessidade de socialisar a circulação da riqueza, acabando com as alfandegas interiores. A Prussia convidou os estados alemães á formação da associação das alfandegas (Zollwerin), no intuito de estabelecer a liberdade de circulação das mercadorias em toda a região germanica. Hoje é mais larga esta aspiração socialisadora que deixou de ter ape-

nas uma realisação restrita, para se alargar a toda a Europa e até porventura a todo o mundo culto.

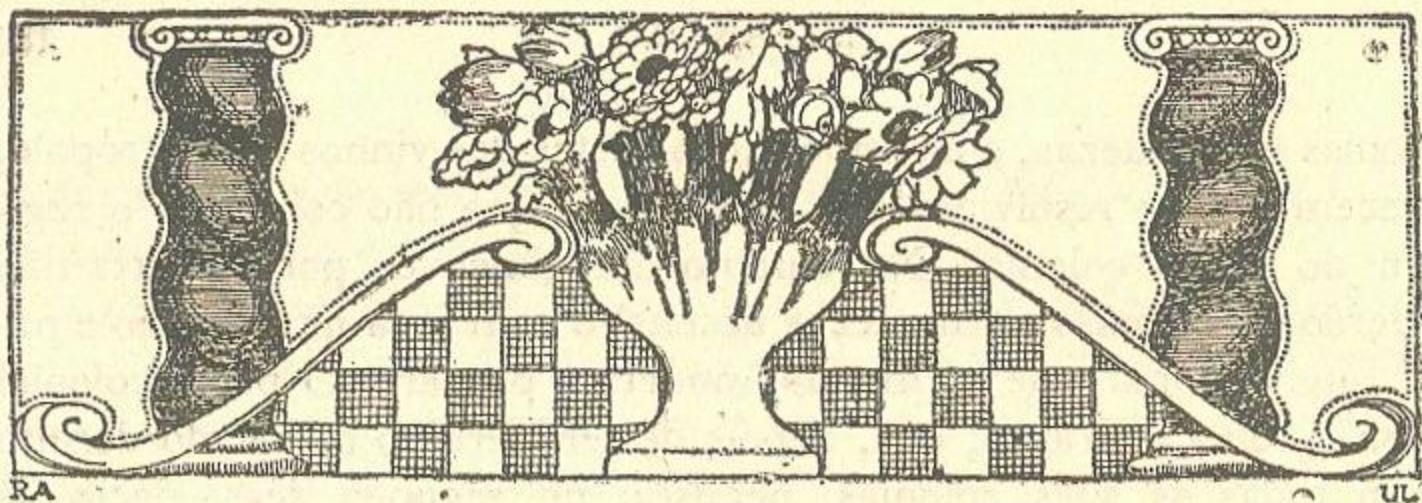
As alfandegas deixarão de ser postos de percepção de impostos, intravadores da circulação das mercadorias, reveladores duma velha fórmula de nacionalidades hostis, para aparecerem como postos de internacionalisação económica, e financeira. Hoje, que se trata da realisação dum empréstimo internacional, contraído por todas as potências para a realisação do fomento internacional, capaz de tirar da decadência as nações que os Estados falidos atrofiam, o direito aduaneiro tem de assentar em novas bases. Assiste-se ao final desaparecimento do anacronico sistema do pacto colonial.

Todos os homens, todas as nações, todos os continentes hão de ser aproveitados nas suas capacidades productoras, para um sistema internacional, e deixará de existir a escravidão ou a exploração do homem pelo homem. Vistas sob este aspecto, as colonias e o seu regimen aduaneiro aparecem a uma nova luz. As pautas ou tarifas das alfandegas visam em geral a dois fins; á percepção de impostos e á protecção á industria nacional. A fiscalidade e a protecção não são todavia sempre visadas pelas pautas aduaneiras. As alfandegas turcas visaram no seculo desenove á fiscalidade. Por isso os mercados turcos foram invadidos por todos os povos productores, cujos comerciantes apenas tinham de pagar a percentagem geral da importação de mercadorias no territorio turco. As alfandegas inglezas tambem teem visado mais o fim da cobrança do imposto do que o da protecção á industria. Pelo contrario, as alfandegas francezas, as espanholas e as portuguezas visam principalmente o fim da protecção á industria. Antes da revolução franceza a França estava dividida aduaneiramente em varias zonas; ao norte existia uma união aduaneira proteccionista; no sul de character quasi librecambista. Em verdade, desde que o machinismo aduaneiro se estabelece para proteger a industria, querendo salvaguardar em parte os interesses dos consumidores, no mesmo Estado póde haver zonas de organizações aduaneiras diferentes. Ao contrario, pódem existir Estados com necessidades aduaneiras comuns a outros Estados. O nosso regimen aduaneiro das colonias, ligado com o regimen aduaneiro da metropole, tem visado simultaneamente, embora com character empirico, aos fins da fiscalidade e do protecționismo. As pautas de 1892 já hoje estão condenadas, bem como a doutrina da portaria de 30 de novembro de 1904. A questão do alcohol, tratada nas conferencias de Bruxellas de 1890, 1899 e 1906, bem como a questão do algodão colonial, a da produção do assucar nas

colonias portuguezas, e da importação nestas dos vinhos da metropole, carecem de ser resolvidas sob um aspecto que não comporta o regimen do pacto colonial. No entanto o regimen da porta aberta não poderão as colonias portuguezas acceital-o sem uma intervenção e pacto internacional que o mundo moderno prepara. O pacto colonial levou a ruina á França, que, depois de ter perdido no seculo dezoito quasi todas as suas colonias, persistiu no regimen desse pacto, já quando, sob o exemplo da Inglaterra, todos os grandes povos productores se entregavam á grande expansão industrial, revelada na opulencia da marinha mercante e no açambarcamento dos mercados pela maior intensidade industrial. Portugal tambem tem de reconhecer que se não se libertar do regimen estreito do pacto colonial, enquanto fôr intretendo a sua pobreza industrial e comercial com os lianes estrictos do pacto colonial, serão as suas capacidades productoras vencidas pelos outros povos que, olhando ao largo, se disponham a vencer pela grande e invencivel energia do seu poder productivo.

Lisboa — 1920.

CARNEIRO DE MOURA.



Meditações da Trincheira

DOS CHEFES

Comandar, governar, dirigir, — é crear. Os iniciadôres de novos cultos ou edades novas, modeladores de sonho e de eternidade, os arquitetos geniais de monumentos com alicerces nas proprias fontes da Vida, — foram chefes revestidos dum podêr suprêmo, senhores impondo a ventura e a menor dôr pelo milagre da fôrça ou pela maravilha da fé.

Comandar é despertar, dar equilibrio aos sentimentos e ás ideias amorfas, violentar inércias, combater reacções e modelar ventura... Sempre sob o influxo duma grande fôrça de Amor, dum sonho divino ou humano, ou dum imperativo absoluto que só as almas fortes, nas horas difíceis, podeni bem ouvir.

Não ha grandes chefes com corações vazios. Não ha poder possível, permanente, se não dimana dum Ideal e não segue a corrente clara e tranquila das vidas, almas, coisas, núvens, aromas... Sêr verdadeiro chefe é possuir todas as audácias e acalentar na alma um grande Sonho.

Ha homens que trazem em si o segredo dos grandes actos e das vitórias redentoras. Duma raça e dum século, cristalisou neles a intelligência, a fé, a fôrça e o Amor. A ambição de mando é uma sêde de sacrificio. E' a Vida anciosa de modelar Vidas e exaltar-se... Deus que desceu á terra para tornar a Vida melhor.

Nas horas dos novos destinos, pela divina harmonia do Mundo, — a beira das Catástrofes ou das grandes aleluias, — os povos superiores, adivinham, presentem os grandes, aceitam-lhes o mando, a tirania, submetem-se, abdicam de si.

O povo é grande, livre, Senhor dos seus destinos. Por si só, mal póde enxergá-los. E sofre de os não vêr realizados. Por isso é rebelde. Só quando se submete á força indomável e tenaz dum chefe, os pode realizar.

O povo é uma creança demasiadamente inquiéta deante do seu sonho.

Ser chefe, nos tempos de hoje, é ser precursôr e iluminado apóstolo, é palpitar de todos os sonhos, viver todas as anciedades que agitam um povo, ter a intuição das horas que vêm, pressentir, no tumulto, ou na sombra, no duélo dos ideais antagónicos, as auroras longinhas e os novos destinos. E' ser da minoria sendo da eternidade.

Só é livre quem sabe submeter-se. Ha ideias que valem um chefe, ideias que nos comandam, sonhos a que obedecem os eleitos...

— Povo, a tua ventura é um edificio a erguer, formidável e forte...

Para o ergueres, descobre, primeiro, os teus chefes, e, depois, submete-te.

O mundo vai ser diferente. Os vivos e os mortos o clamam e exigem.

Transfigurada, a vida vai crear as novas táboas da lei.

E o avatar formidável apenas será possível atravez de férreas tiranias duma *élite* de chefes. E' preciso defender a idade nova da ira acumulada, no povo, pelas fomes e pela injustiça da velha idade.

Se não, morreremos de fatura e de cólera, para o mundo morrer de vergonha e os nossos filhos de fome.

DO DEVER E DA OBEDIENCIA

Servir é belo quando admiramos e amamos quem nos comanda.

O Devêr? — A voz múltipla, infinita, de todos os mortos ecoando em nós, num comando.

Junto dos seus túmulos colocáram figuras, de mão sôbre os lábios, impondo silêncio. Para que nós escutássemos melhor...

Mandam em nós os séculos, os mortos, o sangue e a terra. Obedecer bem é ser eterno. Afirmar liberdade. Só os homens livres sabem obedecer.

Ser belo é sêr harmonioso. A harmonia é um conjunto amavel de obediência.

Cria, servindo.

Admirar, amar, são formas sublimes de servidão.

Obedecer é entrar na harmonia do Mundo.

DO AMOR

O Amor é a prece sem palavras, o silêncio com lágrimas, o extase e o desespero, o ceu numa alma, o mistério do Mundo suspeitado, um momento, numa vida.

A ascensão que sufoca de divina altura, a visão que deslumbra, o segundo super-humano em que o homem, num calafrio, compreende Deus.

E' o desespero do Infinito advinhado e a sua alegria.

A comunhão da Vida humilde e da Vida infinita, num assombro.

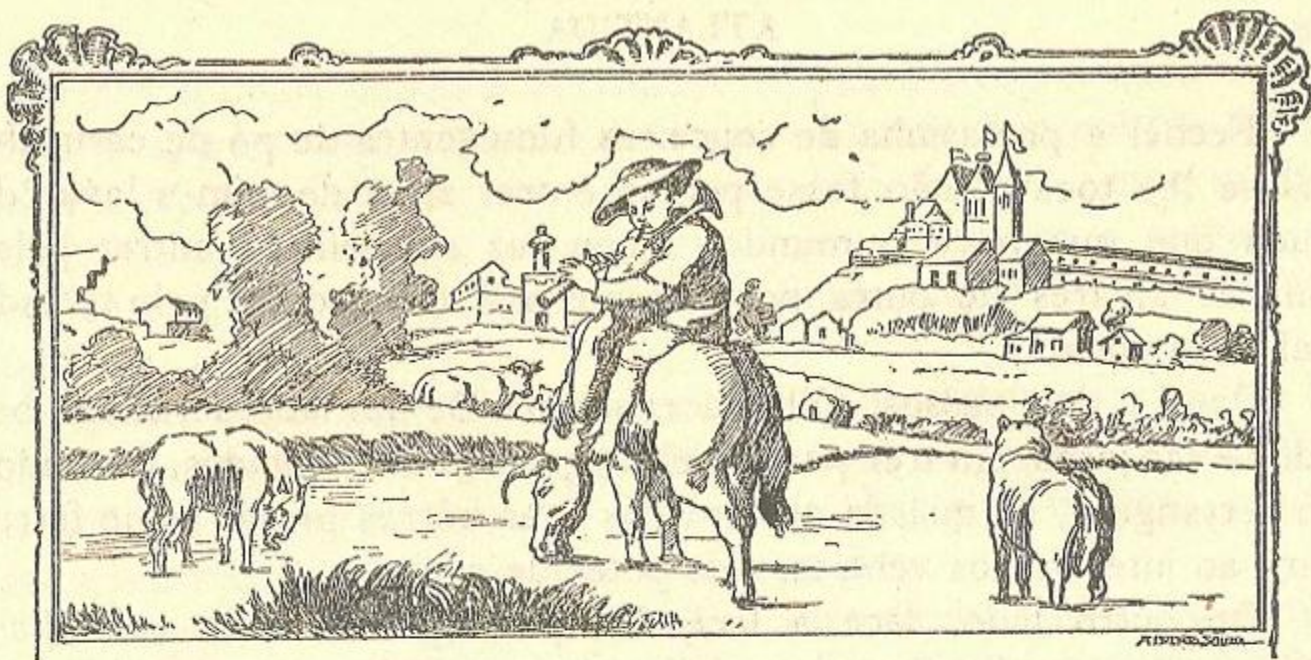
E' adorar, numa vida, a Vida tôda.

E' ser a flôr, o arôma, o fruto divino, a embriaguês e o delírio, enraizados no cosmos, floridos numa alma.

Amor de altura e divindade... Amôr terreno tocando as estrêlas...

Sofrêr de alegria... Chorar de triunfo... Morrêr de vivêr...

AUGUSTO CASIMIRO.



No fundo de uma arca

I

ECOS DE D. MIGUEL

O sítio onde estou é o melhor que pude encontrar para as exigências da minha saúde. Não ha fontes. Somente poços, grandes boqueirões profundos, quadrangulares, armados em cimento, e vazios! Alimenta-os a água da chuva. Ha cinco menses que não chove! Nem pinga de água até dois quilometros de raio. Humidades não ha. Respiro, pois, ar sêco e são, temperado nas resinas das charnecas...

Nêste dia, porem, não ha aragem. Calor sufocante. Os pinheirais, ao longe, esfumam-se em nuvens côr de cinza. As moscas pousam e levantam logo vôo das pedras esbrazeadas. A vegetação torce-se e as seivas recolhem-se á frescura das raizes fundas.

Procuro desde o meio dia um recanto onde amaine o calor que me escalda a carne e me lateja aflição nos temporaes.

O lagar! lembro-me de repente. Corro, abro uma porta velha, carunchosa, acaçapada entre trez padeiras enormes. Parecia a entrada de um cortiço! Desci um degrau de pedra e puz pé em chão terreo, donde se erguia uma fresquidão deliciosa. A fornalha exterior não aquecera aquele reservatorio santo! Estava perfeitamente impermeavel na linha desempenada e alta das suas paredes cobertas de refêgos de teias de aranha.

Fechei a portasinha de couceiras fumegantes de pó de caruncho mal se lhe tocava, não fosse por ali entrar atraz de mim a lavarêda muda que queimava o mundo. Ficou luz suficiente a entrar pelas frinchas alvares de outra porta fronteira e trancada, e pelo telhado mal justa-posto.

Parei a dois passos. Olhei á esquerda. De um lado dormiam, bojudos e rançosos, em trez pares muito eguaes, aconchegados, formados em rectangulo, na guarda austera das suas bôrras presas como ferrugem, ao interior dos ventres, seis potes de azeite.

Do outro lado, face a face dos potes, dando ar de velhinhas, muito velhas, reclinadas, esqueleticas, numa resignação sorridente, a rezar baixinho as orações ouvidas atravez de quasi dois seculos, seis arcas de carvalho esguias como esquifes.

A' direita uma dorna de madeira, de aduelas desconjuntadas e imundas, assentada em dois cepos de pau a esfarelar-se. Roçando um lado pelo bôjo da dorna, um grande lagar de cantaria, e ao de cima a classica trave monumental de castanho, imovel, não sei ha quantas decadas, na ponta do parafuso erguido sobre a pedra de granito cujo peso esmagou tantas cibanas de bagaço...

*

Entre duas arcas estava a carcassa de uma poltrona de vêrga. Aproximei-me dela, verifiquei se ainda podia comigo. Sentei-me, encostei-me, estendi as pernas e respirei com suavissima serenidade. E ali, entre as arcas seculares, que lembravam velhinhas a rezar os ecos de orações antigas, perguntei a mim proprio qual seria a historia que permaneceria inscrita na aura de todos os objectos que eu via á volta de mim naquele momento; que vidas teriam dado vida áquelas imagens.

A casa aonde eu fôra buscar o repouso do corpo, pertencera a gerações liberaes, e delas se contavam façanhas varias no tropel devastador do miguelismo... Que teriam contido aquelas arcas? Quem sabe, se elas falassem, ou se o nosso espirito, atravez da retina e do cerebro, podesse penetrar a densidade material que as limita e as cerca, quem sabe se veriamos nalguma delas a imagem de alguem acororado e afficto, á fome e á sêde, dias e noites, para escapar á furia assoladora do Senhor rei D. Miguel... Quem sabe! dizia eu comigo. Era voz geral que num dos quartos da casa, no quarto mesmo onde eu dormia as noites agora, tinha sido nesse tempo arrancada

a porta e fechada depois a abertura com pedra e cal, ficando lá, durante dias, encerrada e recebendo luz e ar apenas dum postigo disfarçado, a espreitar a medo junto das raizes duma horta... uma mulher que havia pouco dera á luz uma creança... Tinha-se a certeza de que, se a apanhassem, nem ela nem o filho escapariam á sanha dos malditos!...

Quem sabe, repetia eu, quem sabe, de quantas tragedias, de quantos repelões de dôr, de quantas lagrimas, de quantos progressos do espirito, foram testemunhas estas arcas, que aqui ficaram, saudosas, a rezar baixinho misteriosas orações a Deus!

E enquanto assim pensava, tendo a mão direita apoiada na extremidade da tampa de uma delas, dei um impulso na apparencia involuntario, fi-la ranger e erguer-se. Espreitei, e vi atravez de uma teia d'aranha que se estendia de lado a lado, perfeitamente horizontal, um monte de papelada amarelecida e suja no fundo da arca. Levantei-me logo, segurei a tampa com a mão esquerda, debrucei-me, abri caminho no parque subtil do aranhão, e tirei uma mancheia de papeis, com mais cuidado e anciedade, que se fossem notas do banco. Não se admire o leitor, nem se ria, incredulo. O dinheiro não me comove. Se o resto do mundo lhe ligasse a justa importancia que eu lhe dou, o planeta escapar-se-hia á tragi-comedia em que, num corpo de estrião profundamente bebado, a humanidade babuja as imundicies da materia ou se recolhe aos instinctos da besta primitiva, espessa como um pôrco ou feroz como um tigre, em todo o caso lastimosamente ferida da mais completa cegueira espiritual.

Mas voltemos á frescura do meu recanto sagrado, para o pé das arcas velhinhas. Voltemos? Não é bem assim... Volto eu e quem tiver gôsto por estas coisas. O leitor que só aprecia a aza pura da fantasia, deixe de ler, que decerto a leitura não o interessará. Isto agora é historia.

Aqui vai transcripto o primeiro papel que desdobrei e li:

Espinhal. — Sr. João Dias Simões. — Lisboa, 21 de Maio de 1834.

Amigo e Sr.

Com muita Satisfação R.^{ce} a Sua Estimada de 17 do Corrente. a qual estimei por nella me dizer escapou das Garras dos Malvados, pois por cá Sabe Deos o que tem aContecido quero dizer não agóra no tempo do Uzurpador, por que desde que as tropas d'elle abandonarão a Capital, e que estamos, com o Governo da Nossa legitima Rainha, Vivemos todos com hum grande Regozijo, e Satisfação. Dezejo a

Continuação da Sua Saude, e de toda a Sua Ill.^e Familia pois aque nos aSiste a Ofreçemos no Seu Serviço, aCeite Recomendaçoens de meus Filhos, e de meu Manno, e Sou

De Vme.^{ce}
Muinto Serto
Venr.^o e C.do

José Joaquim Baptista.

A seguir li esta :

Espinhall. — Snr. João Dias Simões.. — Lisboa 4 de Junho de 1834

Am.^o e Snr.

R.^{ce} a sua estimadissima sem data, e em consequencia do Seu contiudo, sou a dizer avm.^{cê} que fallei com Manoel Antonio de Sousa Britto, com Loja de Serieiro na Rua das Remedios, e elle me disse q̄ não tinha percisão lá de Dinheiro, assim quando não tenha outra Via, o melhor seria siguralo pello Corr.^o, de Coimbra; Seu Mano Vicente, esteve nesta Sua Casa hontem, que Se veio despedir de nós; Emquanto a meus filhos, dous São Voluntarios do Commerçio; Do-lhe os parabenz p.^r, que tudo está acabado e O Nero dos nossos dias que tantos Males Acartou Sobre a Nação Portugueza, já embarcou dizem que para a Italia. Deos queira que elle leve o destino que terá o Fumo nos Ares, Remeto essas Chronicas, que São as mais entreçantes pois agora já não há novidades, por que acabou o uZurpador; Aceite muitas recomendaçoens de meus filhos, e manno, e eu lhe Dezejo completa Saude, em Comp.^a, de toda a Sua Illustre fam.^a, e Sou

De Vm.^{cê}

Muinto Serto venr.^{do} e C.do
José Joaquim Baptista.

O leitor depois de ler estas duas cartas, onde a ortografia é caprichosamente pitoresca, conclue necessariamente por se encontrar em face de dois inabalaveis admiradores da Senhora D. Maria da Gloria, filha do falecido coração e mais partes do Sr. D. Pedro 4.^o, e, portanto, irreductiveis inimigos dos «malvados» da usurpação Miguealista. Pois comquanto essa convicção lhe pareça logica e natural, é falsissima pelo que toca ao destinatario das epistolas transcritas. Esse cavalheiro talvez tivesse adherido aos liberaes depois de vencidos com D. Miguel os detentores da legitimidade; mas eu juro à fé de incontestaveis documentos com que vou prender a historia, que João Dias Simões, ainda dias antes, era uma das estacas de D. Miguel solidamente cravada pelo proprio e legitimo rey em terras de Penela e do Espinhall. Este sujeito é um tipo; é a imagem fiel de toda a casta de seres vivos, que no passado, no presente e, por mal dos nossos

pecados, ainda no futuro, em todos os tempos emfim, fazem dos principios a gazúa com que entram na boa fé das consciencias. Este homem era da confiança dos «malvados», e, todavia, dias após a derrota de D. Miguel, um constitucional já o tinha tão certo na sua grey, que o felicitava por se ver livre das garras dos «malvados». Veja-se de que força ele era! Se hoje lhe perguntássemos, que razões o levaram a renegar tão cedo os principios, à sombra dos quaes fruiu interesses, postos e honrarias, vê-lo-hiamos piscar os olhos com os ares subtis com que hoje tantos outros... *de principios...* o fazem, e dizer-nos: «Deixem-me cá! Vocês não me percebem. Isto é um jogo! Vocês comprehendem que nesta ocasião tem vez o dictado «duro com duro não faz bom muro»! E por isso, exactamente para salvar os principios de que eu nem na força abdicaria, é que vocês me vem amoldado à situação. E disse-lhes mesmo: vejam lá o que fazem, eu não abdicó dos principios legitimos. Reis são reis... Tanto se me dá! Mas lá os principios... desde que eles permaneçam, não me importa que os represente um presidente da Republica! Se não... Já vêm que sou homem de character! Deixem-me com o jogo, que, quando menos eles o pensarem, estala-lhes a castanha.»

Poderia dizer assim hoje mesmo, em que abunda tanto quem o diga! Mas que o nosso João Dias Simões era miguelista de polpa, vou eu provar-t'o, leitor amigo: Ora põe os oculos e lê:

Dom Miguel por Graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'alem Mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc. Faço saber aos que Minha Carta Patente virem, que Tendo concideração aos merecimentos, e mais partes que concorrem na pessoa de João Dias Simoens, e esperar d'elle, que em tudo o de que fôr encarregado Me servirá muito ao Meu contentamento; por todos estes respeitos: Hei por bem, e Me praz de o Nomear (como por esta Carta o Nomeo) por Capitão da Segunda Companhia das Ordenanças da Villa de Penella, vago pela promoção de Francisco José Teixeira a Sargento mor das mesmas Ordenanças; o qual Posto servirá emquanto Eu o houver por bem, e com elle gozará de todas as honras, privilegios, liberdades, izençoens, e franquezas, que directamente lhe pertencerem. Pelo que Ordeno ao Tenente General Visconde de Veiros, Encarregado do Governo das Armas da Corte e Provincia da Estremadura que mandando-lhe dar a posse deste Posto (jurando primeiro de satisfazer as suas obrigaçoens) o deixe servir, e exercitar, e o Capitão Mor, e Sargento Mor das referidas Ordenanças o tenham, e conheção por Capitão da mencionada Companhia, e os Officiaes, e Soldados della lhe obedeção, e guardem suas ordens em tudo o que tocar ao Meu Serviço tão inteiramente, como devem, e são obrigados. Em firmeza do que lhe mandei passar esta Carta por Mim assignada, e Sellada com o Sello Grande

de Minhas Armas. Dada na Cidade de Lisboa aos vinte e oito dias do mez de Novembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos trinta e hum.

(a) *El Rey*

logar do
selo regio

(a) *Marquez de Sabugosa*

(a) *Conde de Alhandra*

Patente porque V. Magestade ha por bem Nomear a João Dias Simoens por Capitão da Segunda Companhia das Ordenanças da Villa de Penella, como acima se declara. Para V. Magd.^e ver

No verso tem esta Carta patente os seguintes dizeres :

Por Resolução de S. Magd.^e de 18 de Setembro de 1831. Em Cons.^{ta} do Coñs de Cuerra de 30 de Agosto do m.^{mo} anno. Pedro Telles de Mello a fez escrever. Reg.^{do} a fl. 245 do L.^o 7.^o de Patentes de Ordenanças. — Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra, em 10 de Dezembro de 1831 (a) Manoel Caetano Vidigal de Sousa. Cumpra-se. Q.^{tel} Gen.^{al} na Rua do Paraizo em 28 de Dezembro de 1831. (a) Visconde de Veiros. Eusebio Gomes Moreira a fez. Reg.^{da} no L.^o 152 da Sectr.^a de Guerra a fl. 215. (a) João de Sousa e Carvalho. Pagou quatro mil reis de Sello, Lisboa 15 de Dezembro de 1831. N.^o 3. (a) Fonseca, Recebeu Juram.^{to} e tomou posse no L.^o competente a fl. 199. Q.^{ta} da Bouça, 3 de Fevr.^o de 1833.

Como se vê, está com todos os matadores. Recebeu a carta e tomou posse João Dias Simões do cargo de Capitão da Segunda Companhia das Ordenanças da Villa de Penela em 5 de Fevereiro de 1832.

Dirão agora generosamente os leitores: talvez o homemzinho tivesse renunciado regalias, isenções e honras respectivas já antes... Talvez...

Qual!! Mal lhe tocavam nelas, doia-se imediatamente.

E de que lhe quizeram mexer, está aqui um exemplo:

«Antonio Pedro David e Sousa Escrivão Serventuario d'hum dos Officios do publico, Judicial, e notas, e intrinamente da Camara nesta Villa de Penella, e seu termo por Sua Magestade Fedelissima, que Deos Guarde, etc.

Faço certo, e dou fé que revendo o Livro dos Acordãos desta Camara achei que no acto a que a mesma Camara procedeo no dia seis do corrente Março se acha o Acordão seguinte: Acordarão mais que se nomeasse hum Homem capaz no lugar do Espinhal para fornecer as Tropas, e logo nomearão a João Dias Simoens do Espinhal e mandarão que fosse notificado para assinar termo de responsabilidade. E por assim constar do referido Acordão, e Livro fiz passar a pre-

zente que assignei, e ao mesmo Livro me reporto. Penella vinte de Março de mil oitocentos, e trinta e tres. E eu Antonio Pedro David e Sousa Escrivão que a subcrevi e assigno

(a) *Antonio Pedro Davil e Sousa.*

Que o nosso João Dias Simões recalcitrou logo, prova-se assim:

«Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor

Diz João Dias Simões do lug.^r do Espinhal tr.^o da Villa de Penella na Comarca de Coimbra, Cap.^{am} da 2.^a Comp.^a d'Ordenanças d'aquelle districto, que havendo sido nomeado pela Respectiva Camara fornecedor das Tropas, que alli transitarem, em virtude das Ordens de V. Ex.^a, segundo identifica pelo doc. n.^o..., deixou de ser logo escuso, como devera, sem attenção a suas honras e privilegios outorgados p.^r S. R. Mag.^e na sua Carta Patente de 28 de g.^{bro} de 1831, como mostra do Doc. n.^o...: e p.^r quanto alem d'aquelles he incompativel ao Sup.^e satisfazer a hum tão gravoso onus p.^r se achar em effectivo exercicio da sua Comp.^a p.^r continua inspeção das Vigias collocadas em diff.^s posiçoens no m.^{mo} Districto, e p.^r ameudadas vezes haver sido empregado em Diligencias fóra d'elle, e condução de Recrutas á Praça de Peniche, como denotão os Doc. n.^{os}...: acrescendo a estes hum outro nada leve, e de Summa Responsabilid.^e, qual o officio de Director da Confr.^a do Sacram.^{to} da sua freg.^a, e sobre tudo a exist.^{ia} de pessoas nada privilegiadas, mais capazes, e abonadas, que o Sup.^e, segundo attesta o R.^{do} Paroco no Doc. n.^o...: em conseq.^e certo o Sup.^e na rectidão, benegnid.^e, e Justiça de V. Ex.^a, que se não negará á garantia dos principios, e isempçoens concedidas p.^r S. R. Mag.^e.

P. a V. Ex.^a a Graça resolver a Camara não insista na nomeação do Sup.^e attentas as suas circumst.^{ias}, e immuniades; e lhe substitua hũ outro tro dos muitos, que ha, e que sendo ne.^o elle se presta nomear.

E. R. M.^{ce}

Neste requerimento foi aposto o seguinte despacho:

«Pertence a Ill.^{ma} Camara dar providencia, e attender ao supp.^e, segundo o que achar de Justiça. Lx.^a 19 de Junho de 1833. (a) *Almada.*

João Dias Simões, que não perdia pela ignorancia dos seus privilegios, requereu logo á Camara nos seguintes termos:

Ill.^{mos} Sñr.^s da Camara

Diz o Capp.^{an} João Dias Simões do Espinhal d'este tr.^o que tem noticia ser eleito p.^r V. S.^s fornecedor das Tropas que transitarem p.^r aquelle lugar, ao que não pode sujeitar-se não só p.^r não estar em circumstancias de adeantar a despeza ne.^a como podem fazer, e fazem em algumas terras os grandes Capitalistas,

a q.^m deyerá incumbir esse não pequeno incommodo; mas tão bem p.^r que o seu emprego militar não ignorado p.^r V. S.^s o exime d'esse, e qualquer outro encargo do Concelho pelo Alv. de 22 de Fevr.^o de 1812 e Prov. de 30 de Julho de 1751; em conseq.^o.

P. a V. S.^{as} a M.^{ce} aliviar o Sup.^e do grande Onus a que se considera obrigado, e com reforma do seu Acordão a tal respeito substituir-lhe hũ outro mais idoneo, e não privilegiado, como Sup.^e.

E. R. M.^{ce}

Ficamos scientes de que João Dias Simões em Junho de 1833, reivindicava todas as regalias que lhe concedia a Carta Patente de D. Miguel. E que o nosso homem esteve no goso das honras, privilegios, e izenções conferidas pela Carta de D. Miguel, até 31 de Março de 1834, mostram-no documentos que além de nos elucidarem sobre este ponto, são eloquentes sobre diversos aspectos da nossa critica historica. Vou transcreve-los na sua nudez frizante:

Não tendo tido noticia alguma aonde estão postadas as ordenanças do meu Comando, e como a 5.^a comp.^a e 4.^a estão no fim do termo podem ir fazer a guarda sendo necesserio comd.^e Com a sua Comp.^a e 3.^a podem vir para este Lugar do Espinhal.

Logo que não haja alguma cousa em contrario e avendo me dará parte.

D.^s G.^e a Vm.^{ce} Q.^{el} do Espinhal 1 de Agosto de 1833.

(a) *Francisco José Teixeira.*

Sarg.^{to} Mór Com.^{te}

S.^r João Dias Sim.^s
Cap.^{am}

Do Ex.^{mo} S.^r General da Prov.^a recebo as ordens mais apertadas para o cumprimento das q̄. S. Ex.^a tem transmittido p.^a o recrutamento da 1.^a Linha ultimamente determinado, estranhando amargamente o pouco zêlo, e activid.^a q. neste Districto tem havido p.^a o Serviço d'El Rei Nosso Senhor, e comunicando as mais severas demonstrações de castigo, se immediatamente se não preencher o numero de recrutas exigido. Já eu tinha representado as excusas q̄ V. M.^{ce} e os outros Commandantes das Companhias me tem dado desta falta, mas S. Ex.^a as reputa frivolas, por lhe não constar se tenham empregado todos os recursos de activid.^e e zêlo, dizendo que p.^a tal fim não pode haver excesso na execução de Lei p.^a com aquelles individuos que recusão servir o Estado, quando delles se exige hum Serviço p.^a que a Honra, a Fidelid.^a os chamão, e que todo he dirigido á salvação da Religião, do Rei, e da Patria, e que por consequencia todo o procedimento, tão longe de ser excesso, he o fundamento, e a base da m.^{ma} Lei. Se eu sou ommisso, he porque V. M.^{ces} não tem cumprido as m.^{as} ordens, e portanto de V. M.^{ces} he q̄ devo exigir o desempenho da m.^a responsabilidade; pelo que, se dentro em tres

dias me não appresentar oito recrutas aptos para o Serviço de 1.^a Linha pela sua altura, e construcção physica, empregando para este fim todos e quaesquer meios q̄ julgar efficazes virá V. M.^{ce} no dia 15 do corrente ao meu Quartel, prompto a marchar p.^a a V.^a de Santarem appresentando-se ao Ex.^{mo} S.^r General, a quem farei sciente da sua ommissão.

Depois de assignada esta Ordem volte.

D.^s G.^e a V. M.^{ce} Q.^{el} do Esp.^{al} 11 de Dezembro de 1833.

(a) *Francisco José Teixeira.*

Sarg.^{to} Mor Com.^{te}

S.^r Capitão da 2.^a Comp.^a
das Ordenanças de Penella.

Em virtude da ordem que acabo de receber do Ex.^{mo} S.^r Brig.^o Com.^e da Coluna sobre o Mondego da data de 15 do corrente mez Vm.^{ce} fará todas as diligencias p.^a q̄ vão todos os Recrutas que forão ajuramentados no mez de Março e Abril p.^a o Reg.^{to} da Louzãa dentro em 15 contados desde a data desta ordem e no cazo de que elles não compareção Vm.^{ce} prenderá os Pais, Mais, Mulheres e são os seguintes = José f.^o de Manuel Dias do Espinhal = Ant.^o Sim.^s Fetais.

D.^s G.^e a Vm.^{ce} Qt.^l do Espinhal 19 de Janeiro de 1834.

(a) *Francisco José Teixeira.*

Sarg.^{to} Mor Com.^{te}

S.^r João Dias Sim.^{es}
Cap.^{am} da 2.^a Camp.^a

Para poder dar inteiro Comprimento a ordem q. acabo de receber Vm.^{ce} immediatamente prenderá os Recrutas apurados p.^a Mellicias e são os seguintes = José Dias do Esp.^{al} — Ant.^o Sim.^{es} dos Fetais Simeiros = e quando deixe de prender estas duas Recrutas fará prender toda a familia do ultimo e determina mais a a ordem q. todo aquelle Com.^{te} deixar de cumprir esta ordem será preso e remetido ao seu destino.

D.^s G.^e a Vm.^{ce} Qt.^l do Esp.^{al} 31 de Março de 1834.

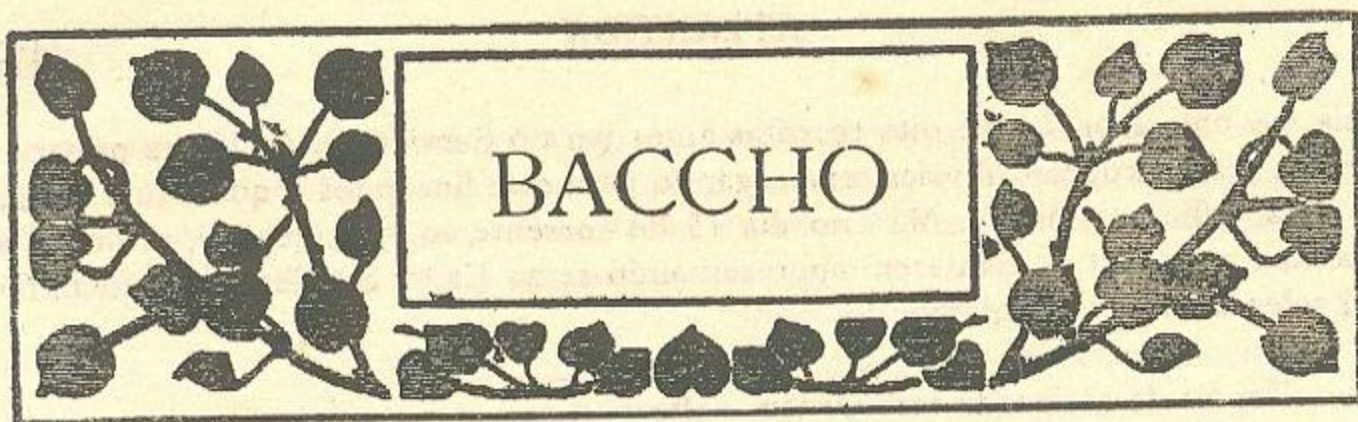
(a) *Francisco José Teixeira.*

Sarg.^{to} Mor Com.^{te}

S.^r Camp.^{am} da 2.^a Comp.^a

Depois de ler estes ultimos papeis, ridiculos e degradantes, com o espirito afogado na tristeza que eles sugerem, abri a carta de um padre... Mas esta carta demanda referencia especial. Contarei dela noutro artigo, que este já vai fóra dos limites que devo á gentileza da *Atlantida*.

CARLOS BABO.



*Baccho, — filho de Jove e de Seméle,
Perpetuamente moço e enguirlandado
De pampanos, — da fronte erguendo acima
O thyrsos de heras circumvolto, impelle
De mulheres um bando esguedelhado,
Ardente e nú, do amor para a vindima.*

*São todas jovens e são bellas todas:
No cabello esvoaçante levam parras,
E ora correm, como aves fugidias,
Ora dansam, formando varias rodas,
Enchendo o espaço de canções bizarras,
De canções voluptuosas das orgias.*

*Umás vieram do monte, outras das lymphas,
Ou, ao grácil compasso de choréas,
Das arvores e balsas nemorosas:
Tambem nasceram para o goso as nymphas,
As oréades, náyades, napêas,
Dryádes e hamadryades formosas!*

*E vão, — que as manda o deus ebrio e lascivo, —
A' luz dos astros e dos pyrilampos,
Alegres, loucas incansaveis, lestras,
Com o mosto espumejante e o nectar vivo
Dos labios, embriagar-se pelos campos,
Ou na sombra silente das florestas.*

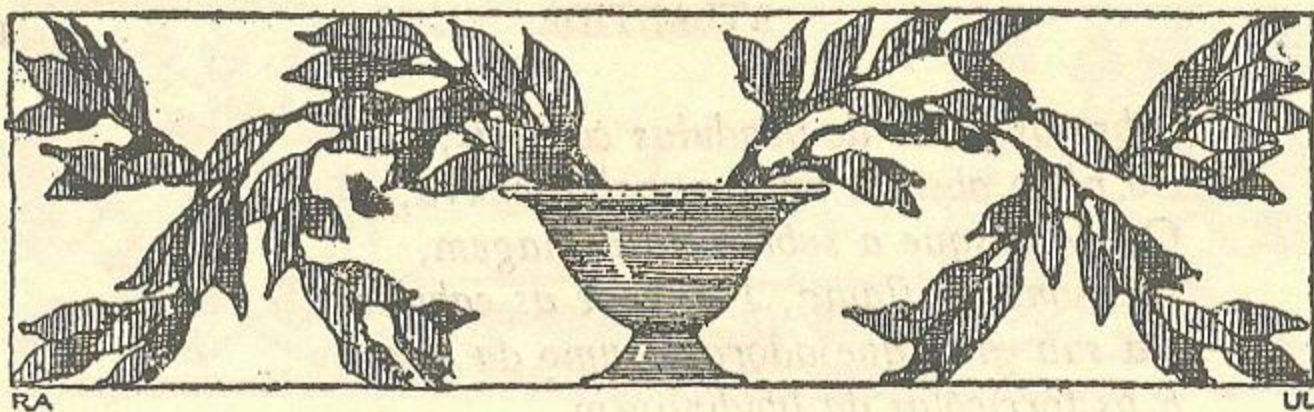
*Sobre os fenos de pendulas corollas,
Do rócio abertas para a meiga chuva,
Ou do bosque a subir pela ramagem,
Aos sons da flauta, Pan rege as cabriolas
Da sua grei, que adora o sumo da uva
E os torcicólos da libidinagem.*

*A' vergontea de Jupiter — Sileno,
Quebrado de velhez, não acompanha
Nas nocturnas e eroticas empresas:
Mestre, — do alumno gaba o desempenho
E só lhe inveja, temulento, a extranha
Farandula de faunos e faunesas.*

*Dispersa-os no caminho o guia, e illude-os,
Mas, dos «evohés!» aos cadenciados gritos,
E aos beijos longos, estalantes, rubros,
Enlaçam-se outra vez para os tripúdios,
Em lubricos desgarres inauditos,
Por sacellos, clareiras e delubros...*

*Doce noite vernal, luarenta e morna,
A' juventude calida, que te ama,
Dos prazeres no insano torvelinho,
Aromas, cantos e fulgor entorna!
E para as boccas soffregas derrama
Do amor fecundo o capitoso vinho*

*E tu, Linneu, despe as roupagens ricas
Dessa lendaria, espiritual chimera,
Com que te indumentou a antiguidade!
Pois, Dionysos pagão, personificas
— A vinda annual da ebriante Primavera
E as loucuras da humana Mocidade!*



Aspectos do problema economico

A questão das subsistencias assumiu em toda a velha Europa um caracter grave. A guerra terminou, mas a situação aguda, derivada da alta dos generos e da sua escassez, não se modificou para melhor. Portugal não podia constituir uma excepção feliz no côro geral de lastimas ácerca d'um estado de coisas que traz os povos exaltados e os governos inquietos. Fundamentalmente o mal reside, em toda a parte, em ser a producção inferior ás necessidades.

Pelo que nos diz respeito, devemos considerar a questão no que ela deve em agravamento ás condições creadas pela guerra, como reflexo do estado geral, e, muito especialmente, á nossa desordenada vida economica e financeira.

Ora por perfunctoria que seja a analyse, reconhece se sem esforço que não ha rasão para estranhar que o custo da vida suba sem descanço, paralelamente com o agravamento do preço do ouro.

De facto Portugal é de ha longos anos uma nação deficitaria no campo economico. O saldo desfavoravel das importações e exportações foi sempre notavel; e a ele se deveu principalmente a crise monetaria de 1891, que nos forçou a admitir o regimen da nota inconvertivel. Esse desequilibrio não se modificou nos anos da guerra senão para peor, como era natural que succedesse. Assim, emquanto o balanço do comercio geral accusa nas importações de 1913 a 1916 inclusivè um valor médio de 115 mil contos, as exportações ficam-se na cifra desoladora de 62.000.

Todos os nossos esforços deveriam ter sido encaminhados no sentido d'uma maior producção e d'uma cuidadosa restricção nas compras, residindo o segredo da defeza eficaz do nosso bem-estar em comprar-se menos e vender-se mais. Nada d'isso se fez, por motivo das desavenças politicas, por este nosso feroz individualismo, que prejudica

vivamente qualquer tentativa de maior vulto e pela falta de unidade e de solidariedade nas proprias classes productoras.

A nossa posição, já difficil, de nação devedora, foi-se agravando graças a essa lastimavel inercia, em flagrante contraste com a obra admiravel que lá fóra se ia realisando, com bem melhor comprehensão das necessidades dos povos.

Mas poderia conseguir-se entre nós um quasi equilibrio economico, juntando á poupança do ouro a intensificação do trabalho?

Supômos que sim.

A parte mais valiosa das nossas compras pertence á classe dos generos de procedencia agricola. Em 18 mil contos se avalia a contribuição anual que Portugal satisfaz para adquirir fóra das fronteiras os productos indispensaveis á sustentação da grei e ás facilidades do trabalho fabril.

Para se obter dentro de nossa casa uma producção agricola maior, de modo a permitir-nos dispensar o concurso de fóra, não nos faltam as condições fundamentaes, que são: terra e população sufficiente.

De facto, nós ocupamos uma área de 8.962.529 hectares, maior que a de diversos paizes da Europa e mais que sufficiente para agasalhar e sustentar os escassos 6 milhões de portuguezes que as estatisticas accusam.

D'esses terrenos temos uma área cultivada não inferior a 4 milhões de hectares e mais de 3 milhões de incultos.

Não nos falta terra, como se vê; não nos são tambem adversas as condições climatericas a geologicas, sendo até melhores que a de paizes onde aliás se lucha com vantagem: e tambem se não póde dizer que haja falta de braços n'um paiz que exporta annualmente 60.000 pessoas, na sua maioria trabalhadores do campo. Todavia não se produz o sufficiente para alimentar a população, quando se poderiam sustentar não 6, mas 10 milhões de portuguezes, segundo o sr. Anselmo de Andrade, ou 12, como quer o sr. Bento Carqueja. Se temos terra e gente e isso não tem bastado para que a producção agricola dispense o auxilio do estrangeiro, é necessario ir ao encontro das causas perniciosas que, por sua vez, impedem a nação de encontrar em si mesma quanto precisa, em referencia aos productos do sólo.

Temos necessidade, para este efeito, de levar mais longe a analise da questão.

De quantos generos a insufficiente exploração da terra nos obriga a comprar fóra do paiz, véem á frente os cereaes. Levavam-nos antes

da guerra quatro mil contos em oiro por ano. E d'elles, o trigo era e é o mais importante em quantidade e valor...

Em 1913 o valor do trigo importado ascendeu a 7:581 contos. Em 1914 desceu levemente a 6.126; mas em 1915 subiu a 11.224 e em 1916 a 17.293. As estatisticas publicadas não vão mais longe. Mas isto basta para que resalte nitidamente a influencia desastrosa que sobre nós tem a necessidade de efectuar uma tão valiosa compra. Não só o que se não concilia com a triste existencia d'uma emigração annual de milhares de individuos, causada pela miseria, na sua maioria trabalhadores ruraes, como tem a sua inevitavel repercussão nas finanças do paiz, e, portanto, na sua vida economica. Póde objectar-se que o valor maior do trigo importado durante a guerra não significa diminuição de trabalho entre nós. Decerto que não. Mas a analyse das *quantidades* importadas convence-nos de que apesar de todos os apelos patrioticos e do preço mais que remunerador fixado ao trigo nacional, não se produziu tambem o alargamento de cultura que se desejava. E se o mal, que vinha de longe, era já inquietante antes da guerra, tornou-se depois insuportavel, até virmos dar a esta situação melindrosa, para cujo estado indubitavelmente aquele factor contribuiu.

Em 1913, isto é, no ano imediatamente anterior ao do rompimento das hostilidades, recebemos do estrangeiro 174.150 toneladas de trigo em grão.

E depois? Vejamos:

Anos	Toneladas
1914	148.022
1915	131.381
1916	184.182

Ou seja uma media de 159 milhões de kilog. por ano, não levando em conta as quantidades avultadas de farinhas e não relembrando as faltas de pão de trigo que houve no paiz, ainda mesmo quando fabricado com mistura de milho e até de legumes.

Temos, pois, que o *deficit* da producção d'antes da guerra se manteve e mantem á roda de 170 milhões de kilogr. de trigo por ano. Diz-se que bastaria para vencer esse *deficit* que a producção por hectare, que é em média de 8 a 9 hectolitros, subisse a 14, como em Hespanha. Mas para que a producção augmentasse dentro da área cultivada, ou alargando esta, seria preciso que se trabalhasse para isso; e nada se fez n'esse sentido, ou fez-se em tão pequena proporção, que se não sentem os resultados.

Esta questão do trigo, que é, afinal, um dos mais importantes aspectos do nosso problema agrario, enlaça-se na imprescindivel adopção d'uma boa hydraulica agricola. Esta é, a nosso vêr, a chave da solução desejada. Dê-se de beber ás terras seccas do sul e o *deficit* dos cereaes terá desaparecido. Mas ainda mais: o problema, bem curioso, da distribuição da população portugueza, que se aglomera hoje no noroeste e é tão rara na Extremadura mais visinha do Alemtejo e sobretudo n'esta provincia, o que obriga a agricultura regional a socorrer-se d'uma imigração periodica, necessariamente cara, encontraria assim uma fórmula suave e util de solução: e o escoamento dos centros de miseria, que hoje se faz para fóra do paiz, produzir-se-hia dentro de fronteiras, com proveito maior da colectividade portuguesa.

*

E' desnecessario demorarmo-nos na demonstração da influencia da irrigação na maior productibilidade dos terrenos. Toda a gente conhece os beneficios notaveis que a rega proporciona aos agricultores, quando é possivel estabelecê-la. Mas se são precisos exemplos probatorios, estes devem bastar, tanto mais que são, por assim dizer, de ao pé da porta: em Murcia, nas regiões secas, obtem-se uma producção média de 5,35 quintaes metricos por hectare; nos terrenos irrigados colhem-se 14,10; em Gerona, graças á irrigação, 26,39; em Valencia, 26,27; em Barcelona, 23,33. Nas terras sequiosas da Almeria 2,15; de Alicante, 2,68; de Ciudad Real, 3,30 (Const. Roque da Costa).

Do mesmo modo poderiamos pela irrigação não só augmentar a média do nosso rendimento agrario, mas alargar tambem a área cultivada. Quando em 1899 se estabeleceu o regime cerealifero (cuja vigencia a guerra veio de certo modo alterar transitoriamente), presupôz-se que, pelo preço alto estabelecido para o trigo, as sementeiras se iriam progressivamente alargando, de modo que, automaticamente, se viria a atingir uma quantidade superior ás necessidades do consumo interno. E então a concorrência dos productores, determinaria a baixa do custo do trigo. Era assim que se atenuava o travor do sistema que se queria fazer adoptar e mercê do qual o cidadão portuguez passava a ter a honra de ser quem, no mundo, haveria de comer o pão mais caro. Algumas charnecas foram desbastadas, é certo, sob a influencia d'esse artificio e a cultura cerealifera alguma coisa progrediu. Mas a lei, só por si, não correspondeu ao que se esperava; e vinte anos volvidos,

o paiz é ainda, como se está vendo, dependente do estrangeiro no que respeita a esse cereal. Em quarenta mil contos avalia um publicista nosso a contribuição, paga pelo povo portuguez, pelo que a mais lhe tem custado o pão. Infelizmente esse sacrificio resultou quasi esteril, como os factos mostram. A producção continúa a ser insufficiente; a população do Alemtejo mantém-se reduzidissima, a ponto de não poder acudir ás necessidades da sua lavoura; e a vergonhosa existencia de quasi 40 % de incultos, não obteve ainda uma rasoavel correcção. Porque? Por que a lei dos cereaes, que alguns qualificaram da *lei da fome*, tem mais a feição d'uma lei fiscal, que d'uma lei de fomento. A accusação que, ácerca da inefficacia d'ela, se tem vibrado contra os agricultores, não é n'este particular inteiramente justa. Permitimo-nos lembrar que os 40 mil contos que se calcula ter a população portuguzá dipendido a mais que os outros povos pelo trigo que comeu desde 1899 a 1913 não reverteram exclusivamente para o lavrador alemtejano, como se tem pretendido. O Estado participou d'elles em grande parte, arrecadando uma forte percentagem d'essa soma avultada, arrancada a uma população de famintos.

De facto o governo, dentro do regimen cerealifero estabelecido, tributava o trigo exotico de modo a elevar-lhe artificialmente o custo até egualar a taxa fixada para o trigo nacional. D'este modo conseguia arrecadar anualmente um rendimento maior ou menor, mas quasi sempre avultado, que por vezes ascendeu a 1.000 e 1.500 contos. E quando impunha essa tributação? Quando já não havia trigo nacional, o que quer dizer que se não tratava da defeza da nossa agricultura, pretexto aliás do encarecimento fiscal do genero.

A lei, insufficiente, como se demonstrou ser, para só por si, elevar a producção até, pelo menos, o limite das necessidades do abastecimento do paiz, reclamava portanto a cooperação de modificações profundas na legislação sobre propriedade, na melhoria e alastramento do ensino agricola, em obras de fomento e num inteligente e patriotico trabalho de colonisação interna.

Entre as medidas de fomento, a mais importante e imperiosa era, indubitavelmente, a da irrigação. Esta foi a opinião, tambem, de alguns homens de Estado, a quem estiveram entregues os cuidados da direcção superior dos negocios da Agricultura.

Já em 1885, antes portanto da adopção do novo regimen cerealifero, uma comissão official aconselhava a construcção do canal de Sorraia e das albufeiras de Veiros e do porto do Baeta, bem como outras na Ribeira da Sêda e no rio Caia. No consulado de Emidio Na-

varro principiaram as obras da albufeira da Ribeira da Sêda, para ficarem em meio. E depois d'isso... mais nada.

O projecto de Pereira de Lima, do abade de Massarellos, de Paulo de Barros, tudo se sumiu no pó dos archivos, ou ficou esquecido nos jornaes da época. Recentemente, o governo escolheu uma comissão para estudar um canal que ligue o Tejo ao Sado. Continuamos, como se vê, no regimen das consultas e das palavras. Pois melhor seria que, aproveitando alguma coisa do que está desde ha tanto tempo ponderado o estudado, se entrasse sem demora no periodo das realisações.

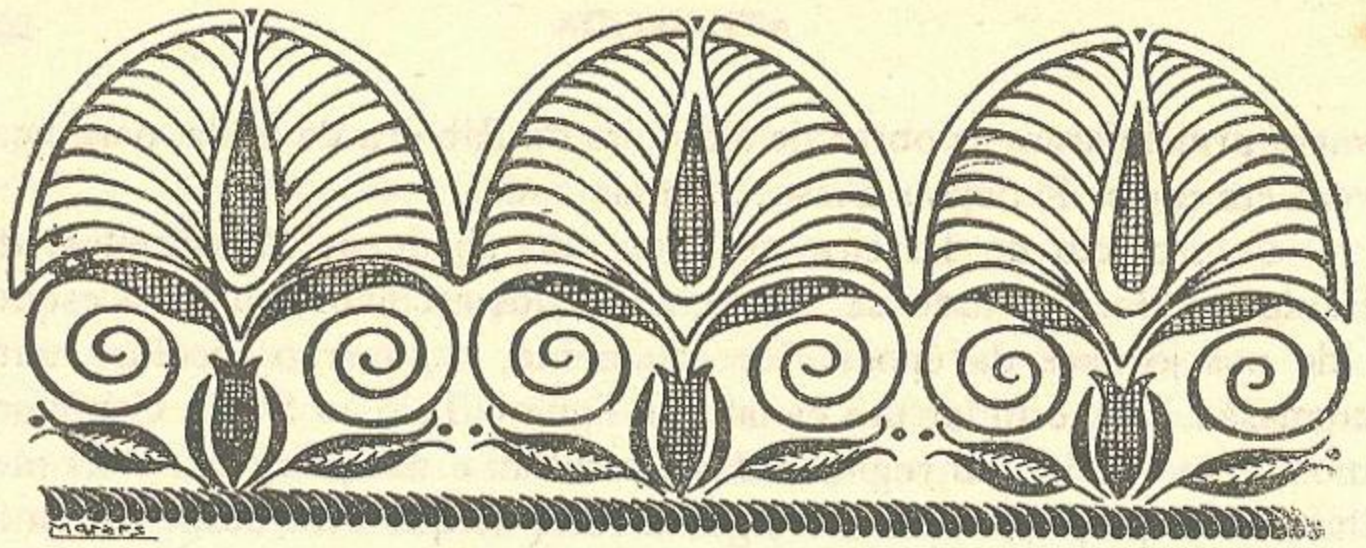
Aconselham-n'o as circumstancias cada vez mais dificeis em que a população portugueza se encontra. Advertem-nos do prejuizo que lamentavelmente nos inflige essa inercia, os exemplos da Espanha e da Italia. Mas se tudo isso ainda não é bastante, tenha-se em conta o que na Inglaterra, na poderosa e industrialissima Inglaterra, resolveu fazer o ministerio da Reconstrucção — *a colonisação do solo inglez*, isto é, o rejuvenescimento da agricultura pela fixação dos soldados desmobilizados nos campos e pela constituição de alguns milhares de pequenos proprietarios agricolas, graças ao sistema de colonisação adoptado, aliançando-se assim a vantagem da maior producção agricola, a um factor de ordem social, altamente desfavoravel á erosão destructiva das doutrinas revolucionarias.

Podia fazer-se qualquer coisa de parecido na Extremadura e no Baixo Alemtejo?

Desde que se intentasse realisar com decisão a politica hidraulica, nenhuma dificuldade séria se lhe devia opôr.

Realisem-se as obras de irrigação, expropiem-se as terras desaproveitadas e susceptiveis do beneficio da réga, lancem-se os fundamentos das aldeias novas, para onde se fariam derivar as familias habituadas ao labor agricola, facilite-se-lhes o resgate das geiras que se lhes confiêm e ter se-ha em um praso não muito longo obtido o que a lei dos cereaes não conseguiu, com um acrescimo notavel de vantagens de toda a ordem: materiaes, financeiras e sociaes.

VIEIRA CORREIA.



Sur quelques musiques exécutées à Paris

La réouverture des concerts du Châtelet, le 19 octobre, atteignait les proportions d'un véritable événement musical, et les abords du théâtre présentaient l'aspect des grands jours. C'est que l'Association, rompant l'union sacrée avec les concerts Lamoureux, redevenait les concerts Colonne, ou plutôt, si vous voulez bien, les concerts Gabriel Pierné. Puis le programme était particulièrement tentant. Outre les beaux *Nocturnes* de *Claude Debussy* et le célèbre *Apprenti sorcier* de Mr. Paul Dukas, il comprenait l'œuvre importante et encore peu connue d'un «jeune» — les artistes restent longtemps jeunes! — importante et par ses dimensions et par ses tendances, d'autant que Mr. Albert Roussel est une personnalité des plus marquantes, et aussi des plus sympathiques, de l'école française actuelle.

Les *Evocations* furent écrites au retour d'un voyage aux Indes. Cette suite de trois morceaux, nous dit l'auteur, ne tend nullement à des descriptions exactes de sites bien déterminés, pas plus que la musique ne cherche à utiliser tel ou tel mode exotique. Il s'agit d'évocations très libres, où le compositeur n'a prétendu qu'à traduire en langage musical les sentiments ou impressions qu'il a pu éprouver, et dont les formes, pour la première et la troisième tout au moins, ne sont déterminées que par leur signification propre, malgré leurs rapports plus au moins étroits avec les formes symphoniques connues. Nul autre lien ne réunit ces trois morceaux que le souvenir réel au fantaisiste de ce voyage du pays d'Orient.

La première partie: *Les Dieux dans l'ombre des cavernes* débute

mystérieusement. Des entrelacs de premiers et seconds violons divisés en quatre, combinés en un inextricable labyrinthe, nous étourdissent et nous aveuglent. Nous avançons à tâtons à travers les sanctuaires souterrains. Bientôt une mélodie, d'abord indécise, semble se préciser peu à peu. Notre œil, habitué à l'obscurité, finit par découvrir, taillées dans le roc, les images redoutables des Dieux sous mille aspects divers. Je n'entreprendrai pas de les décrire. Je retiendrai surtout, vers la fin de cette première partie, l'émouvante mélodie des premiers violons et altos en sourdine, d'une sonorité indéfinissablement pénible et lasse, cependant que la flûte grave murmure un « contrepunt » d'une mélancolie adorable. C'est, je crois, l'amour tendre que l'auteur aura voulu symboliser ici. Peut-être aimerai-je moins l'autre thème principal, celui qui évoque la joie ingénue et barbare surtout quand il apparaît dans un mouvement vif. Il a le tort, en son rythme voisin de la mazurka, de me rappeler fâcheusement la manière de Mr. d'Indy lorsque, voulant se départir de son austérité coutumière, comme par exemple dans le menuet de *Va!lenstein*, il croit de bonne foi faire de l'humour.

Pour en finir avec les reproches, qu'il me soit permis de regretter la circonspection, d'intention louable, un peu excessive tout de même, de Mr. Roussel à l'égard des sourdines, tant aux cordes qu'aux cuivres. Elles me paraissaient indiquées, cependant, sans certains *tutti en pianissimo*. Certes, il est bon et raisonnable d'user parfois des sonorités franches de l'instrument. Mais elles deviennent vite fatigantes et agressives, surtout dans le registre aigu, à la fois grêle et perçant, des chanterelles. A cet égard, soit dit en passant, la symphonie de Franck est une des choses les plus douloureuses que se puissent imaginer.

Ce sont là d'infinitésimales restrictions, relativement à notre enthousiasme pour l'ensemble de l'œuvre. D'ailleurs elles ne subsistent plus dès la deuxième partie : *La ville rose*, sorte de scherzo de rythme binaire dont le mouvement lent du milieu, en langage d'école serait le trio. Des « bois » légers et alertes, des harpes en sons harmoniques, des jeux de timbres saupoudrés de violons aériens, nous annoncent un cortège lointain qui peu à peu se rapproche. La force d'évocation est ici surprenante. Transportés hors d'Europe, nous assistons matériellement au défilé des cavaliers et des éléphants. Le rajah paraît, salué par les cors, les trompettes, les trombones en une glorieuse fanfare. Suit un épisode calme, d'une tendresse exquise, où la flûte et le cor anglais chantent à l'unisson, sous les rythmes berceur des violons aigus. Mais bientôt le mouvement s'anime graduellement et nous retrouvons, splen-

didement enchevêtrés, la plupart les thèmes qui précèdent. Les rumeurs de la ville en fête s'éloignent, finissent par s'éteindre dans la nuit, et ce deuxième morceau s'achève, comme le premier, comme aussi le troisième, sur une tenue en *pianissimo*.

La troisième partie: *Aux bords du Fleuve sacré* est la plus décisive et celle que je préfère. Dans ce grandiose triptyque, l'intérêt croît à chaque étape nouvelle. A cette troisième partie l'orchestre, ne se suffisant plus à lui-même, s'adjoint les voix — soli et chœurs mixtes. Les voix sont souvent traitées instrumentalement, je veux dire en vocalises, comme un groupe de timbres nouveaux dans l'orchestre, plus riche et plus souple qu'aucun autre. C'est là, je pense, leur plus heureux emploi, sans répétitions oiseuses de paroles qu'on ne comprend pas le plus souvent et qui gênent le chateur aussi bien que le musicien. D'autres fois pourtant, surtout dans les soli, elles chanteront sur un texte de M. Calvocaressi, en prose rythmée d'un beau lyrisme, célébrant la nuit dont les parfums invitent à l'amour. Un baryton exalte les vertus du Gange, «fleuve sacré où se reflète le ciel lumineux». M. Marc-David possède une voix musicale et vibrante. Mais il a en horreur la symétrie dans les double-croches. C'est pourtant cette symétrie que l'auteur avait rêvée. Puis, pourquoi M. Marc-David, qui doit nous représenter un jeune fakir nu improvisant et dont vu le climat et quelques douairières effarouchables, nous excuserons le costume peu asiatique, ne s'est-il pas avisé, du moins, qu'il eût convenu de chanter ces strophes par cœur? C'était une tâche relativement aisée pour la mémoire continuellement sous pression d'un chanteur de théâtre, comme M. David paraît l'être, à en juger de sa sollicitude pour la prononciation. Avec ce prosaïque papier à la main — si encore c'eût été un papyrus! — il nous ramène à la froide réalité.

Cependant, la musique continue sa marche ascensionnelle. Elle atteint aux cîmes dans un ensemble magnifique: «Salut, toi qui crées les jours... Tu chasses devant toi l'armée immense des étoiles. Et ta beauté passionnée règne seule sur l'Océan des cieux embrasés» auquel succède une brève conclusion de l'orchestre en *decrescendo*. Sur une tenue prolongée des chœurs tout s'apaise dans le mystère.

L'émotion est intense et complète. A la profondeur de l'inspiration, la magnificence des idées, l'intensité de la vie intérieure, la mise en œuvre ajoute une splendeur incomparable: rythmes infiniment variés, harmonies fines et audacieuses, instrumentation chatoyante, d'une couleur ardente et sensuelle, de sonorités neuves et perpétuellement mobiles. Oeuvre, en un mot, de grand musicien.

Si les *Evocations* nous ont été révélées autrefois — aux temps lointains d'avant guerre — d'abord dans le huis-clos de la Société nationale, sous la direction de M. René-Baton, puis par M. Chevillard à la grande lumière du jour, il n'en faut pas moins remercier M. Gabriel Pierné de l'immense effort accompli pour la bonne cause de la musique moderne. Il apporta une somptuosité extraordinaire dans la réalisation de cette oeuvre complexe. Il faut reconnaître qu'elle en était digne — au même titre, à tout le moins, que telle oeuvre consacrée par l'usage. Pour ma part, au risque de contrister M. d'Indy et ses disciples, je déclare à la face des dieux qu'il y a plus de beauté dans les seules *Evocations* que dans la *messe en re* et les *Béatitudes réunies* — dût ce blasphème me faire brûler vif en place Saint-Jacques.

Devant les applaudissements unanimes qui accueillirent les *Evocations*, M. Pierné se devait de les redonner. Ce qu'il fit le dimanche suivant avec encore plus d'éclat, grâce à une simple modification dans la disposition des chœurs qui établit entre les voix et l'orchestre le plus heureux équilibre.

Aux mêmes concerts du Châtelet, nous eûmes, quelques jours plus tard, la joie de réentendre les *Pages de guerre* de M. Alfred Casella que M. Pierné, il y a deux ans avait eu l'honneur et le courage de révéler à un public quelque peu ahuri. C'est une suite d'impressions brèves mais intenses : *Défilé de l'artillerie lourde allemande*, fracas de cuivres pesants, de percussions colossales comme leurs véhicules ; *Devant les ruines de la cathédrale de Reims*, une page de rêve et d'émouvante mélancolie ; la tumultueuse *Charge de cavalerie cosaque* ; enfin et surtout l'épilogue saisissant : *Cuirassés italiens en croisière dans l'Adriatique*. Dans ce véritable raid orchestral, un tangage hallucinant entraîne irrésistiblement l'auditeur dans sa vertigineuse course à l'abîme — ceci dit sans aucune arrière pensée perfide et qui d'ailleurs serait maintenant périmée. M. Casella donne ici libre cours à l'exaspération de son tempérament. C'est l'impétuosité du rythme, le déversement torrentiel des nappes sonores, l'incandescence d'agrégations harmoniques où les douze sons de notre gamme européenne — limite extrême devant le seuil mystérieux du tiers de ton — superposés en accords immenses, se pressent, s'écrasent, explosent en gerbes dévastatrices. Les mêmes traits se retrouveront dans les sombre *Notte alta*, un poème pour piano, cette fois, de difficulté diabolique et que l'auteur, prudemment, joue lui-même.

A la même séance M. Pierné jouait une fois de plus *Pétrouchka*.

Tant que j'ignore les *Noces villageoises*, dont on dit merveilles, *Pétrouchka* reste, à mon humble avis, avec les deuxième et troisième actes du *Rossignol*, l'oeuvre la plus parfaite de M. Strawinsky, trop connue déjà, malgré sa jeune carrière, pour qu'il soit utile de vous en parler longuement, mais toujours féconde en heureuses surprises. C'est le propre des chefs-d'oeuvre que les beautés ne s'en dévoilent que peu à peu et que chaque exécution nous apporte une émotion nouvelle.

Enfin, je ne puis passer sous silence les fantastiques choeurs ukraniens. Admirablement disciplinés sous la conduite de leur chef, M. A. Koschitz, ils donnèrent à la Salle Gaveau trois récitals inoubliables. C'est un véritable orchestre vocal, avec ses différents groupes de timbres, ses cuivres, les pizzicat, la percussion, sensible et souple comme aucune ensemble d'instruments. Domaine encore inexploré des compositeurs, où il y aurait à créer un monde de sensations nouvelles. Il est pénible de constater que la France est le seul pays qui ne possède pas de telles associations, alors qu'elles existent, sans doute à un moindre degré de perfection chez tous les peuples civilisés, Hollande, Allemagne, Espagne, Suède, voire même dans la pratique Angleterre. Faut-il prendre au sérieux la boutade de M. Auguste Delacroix, qui en accuse le suffrage universel ! De fait, pour éliminer de l'Opéra, par exemple, un choriste insuffisant, il ne faut rien moins que l'intervention personnelle du ministre. Et les choristes, trop souvent, réservent leur voix pour leur candidat.

FLORENT SCHMITT.



UN GRAND MORT

VICTOR SEGALEN

La critique officielle en France est des plus mal faites. Je n'en veux pour preuve que l'inconcevable négligence avec laquelle, en ces derniers temps, elle a traité un événement de la plus haute importance pour notre littérature actuelle : la mort de Victor Ségalen. Je sais bien que ce nom était relativement peu connu. Mais, là encore, elle est responsable. Pendant près de quinze ans, l'écrivain dont je vais parler produisit des oeuvres de tout premier ordre, et c'est à peine si elle daigna en dire, parfois, quelques mots, absolument incompréhensifs. Il est visible qu'elle n'avait aucune idée de la valeur de cet homme, et il est donc bien naturel que sa disparition ne l'ait pas autrement affectée. Pour nous qui savons, pour nous qui avons toujours entendu nous maintenir en dehors de toute considération qui ne fut pas littéraire, et qui n'avons aucun préjugé : ni celui selon lequel un homme célèbre est par définition sans talent, ni celui selon lequel un raté a toujours du génie, qui n'aimons aucune chapelle, pas plus celle des cultes officiels que celle des petites dévotions à côté, nous avons toujours tenu Victor Ségalen pour un des maîtres de notre langue. Et s'il lui a plu, discret et réservé comme il l'était, de se tenir à l'écart, de ne pas vouloir exercer d'influence, de refuser de fonder aucune école, moins encore, de présider à aucun groupe, ce n'est pas une raison pour que cette oeuvre solitaire et si noble, nous l'estimions en marge. Lui personnellement, restait en marge, et la confusion est

venue de là. Mais son oeuvre fait partie de la littérature moderne, à un point si profond que je n'ai pas un instant de doute sur sa portée. Elle sera très vite classique.

*

La vie de Victor Ségalen fut des plus simples. Médecin-major de la Marine, il voyagea un peu partout, mais de préférence en Polynésie et en Chine, et ces deux pays, qu'il étudia passionnément, furent les inspireurs de tout son art. Il leur consacra la plus grande partie de sa production littéraire, soit sous forme d'études techniques, soit sous forme d'oeuvres d'imagination. Mais c'est la Chine qu'il connut et qu'il aima le mieux, qu'il voulut pénétrer davantage. Il a longtemps habité Pékin, il a parcouru en tous sens l'immense Empire et je crois bien qu'aucune manifestation de la vie chinoise lui était étrangère. Lisant le chinois des lettrés comme un Mandarin, il pensait naturellement en Extrême-Orient, et nous verrons bientôt à quel point cette pénétration le servit dans son oeuvre. Il avait soigné le fils du fameux Yuan-Shi-Kai, ce qui le mit à même d'apprendre bien des choses qu'aucun européen peut-être n'a connu sur les dessous de la Révolution chinoise. Fort savant, en outre épris de toutes les recherches possibles, il a publié au hasard des revues (*Mercur de France, Armée et Marine, Journal Asiatique, Lectures pour Tous*) mainte étude spéciale (sur la littérature et la peinture symbolistes, sur la Polynésie, la musique et l'art maori, sur l'archéologie, la politique et l'art chinois, sur les grottes de falaise en Chine, etc.) Esprit puissant et subtil, armé d'une érudition formidable et variée, épris des problèmes des plus ardues de la métaphysique, de la psychologie, de la science, il avait organisé sa vie de telle sorte qu'aucune minute du jour n'était perdue, que toutes lui servaient à lui apprendre de nouvelles choses, dans tous les ordres de l'activité cérébrale, et cela non point par stérile curiosité de savant, mais pour donner à son oeuvre une base plus solide, des références plus nombreuses, un jeu d'analogies plus variées et plus profondes.

Il se trouvait avec le lieutenant de vaisseau Lartigue et M. Gilbert de Voisins (1) au coeur de la Chine, en voyage d'exploration

(1) Cet écrivain, charmant, sincère, subtil était un grand ami de Ségalen et un de ceux qui le connurent le mieux, et dont il subit l'influence avec le plus de bonheur. Beaucoup de ses meilleures pages furent écrites pour ainsi dire sous les yeux et avec l'approbation de Victor Ségalen.

lorsqu'il apprit la déclaration de la guerre. Revenu en hâte, il s'engagea comme volontaire dans la brigade de Fusiliers marins, où il arriva pendant l'hiver 1915, comme médecin du 2.^{ème} bataillon du 1^{er} régiment de Marine. Il y servit jusqu'à la limite de ses forces, et une maladie très grave nécessita son évacuation sur l'hôpital de Brest. A peine rétabli et fini son congé de convalescence, il obtint la mission d'aller chercher en Chine, chez les Lolos, (peuplade mystérieuse et qu'il voulait étudier), de la main d'oeuvre ouvrière. Il revint épuisé de l'effort qu'il venait de fournir et cette fois si profondément atteint qu'il n'y survécut pas. Il est mort, l'été dernier, à la suite d'un accident, mais beaucoup plus en réalité parce qu'il n'avait plus la moindre force.

Ce qu'il y a de plus terrible dans cette disparition c'est qu'elle est survenue au moment de la pleine maturité et du maximum de puissance productrice de cet homme exceptionnel. Certes des oeuvres de lui sont toutes prêtes, comme ce *Maître du Jouir*, qui est une biographie transposée de Gauguin, comme une tragédie appelée *Orphée-roi* comme ce *René Leys*, qui est l'histoire très mystérieuse et très énigmatiquement racontée d'un homme qui se dit l'amant de l'Impératrice de Chine et dont on ne sait jamais s'il ment ou s'il dit vrai, et c'est pour l'auteur l'occasion de nous décrire un milieu dont personne n'a jamais rien su: la cour de Pékin. Mais d'autres oeuvres nous étaient annoncées, qu'il eût achevées, et dont nous ne lirons que des fragments et lui seul pouvait organiser, comme il le voulait une traduction méthodique des grands poètes chinois. Il avait cent projets en tête, tous plus passionnants et plus élevés les uns que les autres, tous de nature à étendre sur des domaines jusqu'alors vierges, l'empire de la culture française.

Il faut à jamais faire notre deuil de cette beauté inconnue. Mais nous tenons au moins pour l'instant trois livres, trois beaux livres qui sont l'honneur de nos lettres contemporaines, et qu'il est impossible d'ouvrir sans avoir l'impression de se trouver en présence de la poésie pure et de la plus belle langue française.

*

En octobre 1907, (il y a donc plus de douze ans), il publia au *Mercure de France* sous le pseudonyme de Max-Anély, un livre appelé les *Immémoriaux* et qui était dédié «aux Maori des temps oubliés.» C'est une étude de la vie Polynésienne au xviii^{ème} siècle ou

plus précisément l'étude des premières réactions du christianisme apporté par les missionnaires anglicans sur la mentalité de ces peuples non pas *primitifs*, comme on le dit souvent d'une façon irréfléchie, mais comme le nuance si bien l'auteur, immémoriaux. Déjà dans le *Mariage de Loti*, et surtout dans cette admirable *Ile de Paques*, qui est un pur chef-d'oeuvre de suggestion émotive, M. Pierre Loti a donné des îles et des peuples de là-bas une vision telle qu'elle équivaut pour nous à la réalité. Et aussi le peintre Gauguin nous en rapporta, sur ses toiles étranges, l'atmosphère vermeille et tout le léthargique enchantement. C'est un peu désormais à travers eux, Loti et Gauguin que nous voyons la Polynésie. Rien, dans le livre de Ségalen, ne contredit la conception qui est ainsi devenue la nôtre. Elle l'accentue plutôt, elle en précise certains détails. Ayant étudié à fond tout ce qu'on peut savoir du passé maori, s'étant surtout admirablement assimilé les habitudes de pensée, à la fois barbares et raffinées, de ces peuples si éprouvés, Ségalen n'a eu que peu d'efforts à faire pour transposer au xviii^{ème} siècle ce qu'il eût dit du xx.^e. Le vingtième d'ailleurs ne lui eût pas offert la possibilité de traiter un sujet aussi curieux, aussi rare que l'histoire de ce prêtre païen, d'abord révolté contre les nouveaux usages, enfin converti, puis plus féroce que les plus ardents ennemis de sa première religion. Pour n'avoir presque rien de sentimental, il n'en est pas moins passionnant, ce drame d'une religion agonisant sous la poussée d'une autre. Et des figures comme celle du vieux Paofai, l'irréductible prêtre païen, que finit par laisser assassiner le néophyte dont il a jadis sauvé la vie, de telles figures symbolisent en quelque sorte toute l'angoisse métaphysique d'un idéal ancien atteint au coeur par un nouvel idéal.

Les *Immémoriaux*, sont un livre d'exception par leur sujet. Ils le sont aussi par leur style. L'auteur y emploie une langue volontairement raffinée, aux tournures savantes, chargée d'épithètes rares et de mots spéciaux, de mots maori même souvent non traduits, directement transcrits de l'original avec leur sonorité propre, je ne sais quoi d'indéclinable et de brut, d'un effet d'ailleurs intense. Il en résulte une impression d'étrangeté encore accentuée du fait que Ségalen ne prend avec le lecteur aucune précaution. Il ne lui tend pas de transition pour l'aider à passer de sa conception à celle qu'il lui propose. On est comme jeté de plain-pied dans un univers entièrement différent du nôtre, par le décor comme par les pensées. A nous de nous y adapter. Mais lorsque l'adaptation s'est faite, on éprouve de grandes joies littéraires, car le livre est des plus remarquables.

J'insiste sur ce procédé particulier de Ségalen, car nous le retrouvons employé, d'une façon encore plus intime si je puis dire, dans les livres subséquents. Ségalen prend le parti de représenter un monde différent du nôtre, non pas en dépeignant son pittoresque étrange ou «étranger», comme font tous les auteurs d'exotisme, mais en tâchant de se mettre à la place de ceux qui l'habitent. Il ne veut pas nous étonner (l'étonnement n'est que le premier degré de l'initiation) il veut nous initier.

Dans toutes ses oeuvres le point de vue est nouveau. Il tâche de nous révéler un rythme, un paysage, une morale que nous ne connaissons pas encore, et il nous amène peu à peu à les comprendre et à les sentir du dedans au dehors, sans en être surpris.

Après les *Immémoriaux*, Ségalen se tut, pendant six années; Ceux qui le connaissaient savaient qu'il voyageait beaucoup, et surtout maintenant en Chine, qu'il s'était mis à étudier avec la même ardeur qu'il avait fait pour la Polynésie. Mais avec plus de perspicacité, d'obstination et de profondeur. Le résultat de cette nouvelle expérience fut, d'abord en 1913: *Stèles*, ouvrage un peu hermétique, d'un style admirable, qui enthousiasma, je me souviens, le grand artiste qu'était Remy de Gourmont et qui trouvait qu'un tel livre constituait une révélation. C'était l'oeuvre d'un homme si possédé par son sujet, tellement confondu avec lui pour ainsi dire qu'il n'envisage même pas la nécessité d'une mise au point. Et c'est pourquoi, malgré la chronologie, nous n'en parlerons que tout à l'heure, après avoir examiné le livre qui suivit, en 1916: *Peintures*, où cette mise au point est faite. Faite avec une si pleine conscience que l'auteur l'annonce, que, dans sa préface, il se décrit soi-même comme le montreur d'un Parade :

«Ce sont des peintures chinoises, de longues et sombres peintures soyeuses, chargées de suie et couleur du temps des premiers âges : les unes se déroulent de haut en bas: je les ferai pendre à leur tour du haut de *cette* poutre jusqu'à terre. Celles qui ne se transportent point et ne s'achètent pas (de simples frottis d'or au creux des grottes, des reflets au fond des lacs ou des yeux), je vous les livrerai cependant: ce sont des Peintures magiques. Une autre seule, s'étalera entre les deux mains qui en disposent: c'est le défilé des Cortèges et le Trophée des Tributs des Royaumes. Mais vous devrez par vous

mêmes atteindre pas à pas les vingt fresques Dynastiques, liées chacune à son Palais successif.»

Dans un certain sens ce livre est donc un commentaire, le commentaire de ces panneaux de soie et de laque que le snobisme contemporain a mis à la mode et dont il a rempli nos collections. Tous, nous les avons vues, dans les musées, dans les expositions, ces admirables peintures, mais nous n'étions sensibles qu'à leur beauté technique, d'ailleurs imposante. Il nous manquait de les comprendre, de pénétrer leur sens historique, moral ou religieux. Car cet art est sacré et n'a point, comme le nôtre actuellement, sa fin en soi-même mais sa raison d'être est le symbole. L'émotion de pensée double ici l'émotion purement esthétique, et lui donne pour ainsi dire en arrière-plan mental indéfini. Grâce donc à Ségalen, ces oeuvres pourraient, sans rien perdre de leur mystérieuse beauté, enfin se dépouiller de l'irritante obscurité qu'elles offraient à notre intelligence.

Peu importe d'ailleurs ce résultat qui n'est qu'un des nombreux points de vue auxquels on peut se placer pour juger *Peintures*. Littérairement je le tiens pour un chef-d'oeuvre. L'auteur s'y est appliqué, avec un talent considérable, à nous donner par l'artifice du style: d'abord l'impression même de la technique employée dans ces peintures, ensuite la suggestion spirituelle qu'elles procurent.

Sans être précisément fait pour la lecture à haute voix, le livre a quelque chose d'oratoire, un accent particulier, des formes de phrases singulières, avec tout un jeu fort délié et fort savant de *plans* différents, comme si l'artiste, sur son tréteau, changeant d'accent et de timbre, allant et venant, avec des a-parte, des murmures de monologues, des parenthèses soudaines, détachait de temps em temps sur le fond de son discours le mot, la phrase essentielle, faisant alors sur le cerveau l'effet de coup asséné que produisent les cris.

Il faut lire cela, il faut lire surtout ces *Peintures magiques* qui sont comme des fenêtres ouvertes sur certaines profondeurs secrètes de la mentalité chinoise, je ne sais quoi de sournois et d'obscur, de pervers, de terrible s'agite sous la sérénité apparente, sous la sérénité obtenue d'une sagesse, d'une philosophie immémoriale. Par le moyen de la magie, le monde des esprits élémentaires, le monde des dieux se mêle sans cesse à notre univers, le pénètre alternativement de quiétude et d'horreur. Et ce n'est pas par un vain artifice de rhétorique qu'une *Ronde des Immortels* ouvre et clôt la série de ces quinze visions, comme si vraiment elle entourait de son cercle mys-

tique cet emmêlement de fantômes et d'hommes. Citons entre les plus belles pages: *Portrait fidèle*, *Triomphe de la Bête*, *Eventail volant*, *Gesticulation théâtrale*, *Reflet dans les yeux* et surtout cette terrible *Flamme amante*, qui fait étrangement penser au tableau prodigieux de la mort de l'Empereur dans le *Rossignol* d'Igor Stravinsky.

Pour donner une idée de la façon vraiment exceptionnelle dont écrit Ségalen, je veux transcrire ici en entier, cette page, où il semble avoir fait passer dans les mots de la densité, le mouvement et la vie même de la matière:

PROFONDES EAUX DES LAQUES

«Il n'y a plus de glacis impénétrable: vos yeux ne heurtent pas un éclat, mais d'eux-mêmes attirés comme en les étangs mouvants d'autres yeux, ils plongent...

Songez bien qu'ici rien n'est pris en masse brutalement, rien n'est ici brusquement pétrifié contre le temps. La surface est une peau visqueuse et lisse et qui se souvient d'avoir été sève, et végétale, et d'avoir coulé salive résineuse, de lèvres taillées dans un tronc. Le vernis et le baume, étalés peinture après peinture et pinceau après pinceau durant des journées d'artisan et des mois et des années, continuent de vivre là-dedans. Certaines des couleurs primitives ont sombré; elles sont bues et disparaissent. D'autres qu'on aurait cru absentes émergent après quelques cent ans: ce sont les bruns couvés par la durée: plus légers et plus somptueux que les noirs, ils surnagent. D'autres rouleront longtemps entre deux eaux. Il se fait de lourds courants dans cette matière en osmose, qui ne cesse jamais de fluer, de filtrer, de dialyser...

Et penchés sur ces eaux, voici les mêmes habitants que du monde de porcelaine: vous retrouvez ces femmes longues et ces enfants ronds, mais on les sent ici tous pénétrés d'une plus grave existence. Ils procèdent très lentement certes, mais ils voguent, ils vont. Leurs gestes sont conduits par les mystérieux courants balsamiques. Et comme dans un sommeil épais, ils ont les deux pieds et les deux mains et les épaules, les genoux et la bouche encollés par la résine brune. Ils bougent si confusément que vous diriez qu'ils sont noyés englués...

Non, non. Ils participent à la vie des essences et de la sève.

Leur demeure est un limbe enténébré d'opiums épais. Ils sont ivres de leurs baumes...

Ceux-là, vous pouvez les envier sans crainte d'un réveil désenchanté: ils dorment et vivent plus sourdement et plus profondément que nous».

*

Et maintenant revenons à *Stèles* qui est le livre capital, la clef de voûte de l'œuvre de Victor Ségalen. On comprend quand on en lit les pages extraordinaires comment Remy de Gourmont, qui pourtant était bien blasé sur les surprises littéraires, éprouva une si forte, une si neuve émotion.

Ici, tous les ponts sont coupés, toutes les transitions supprimées. Nul montreur n'est debout au seuil de la baraque idéale pour expliquer le sens du spectacle. Il nous est proposé directement, abruptement. A nous de le comprendre. Le caractère d'étrangeté qu'il présente ne vient pas du tout de l'extérieur. Encore une fois nul exotisme. Mais une pensée infiniment secrète et lointaine est là, vivante, dans une sorte de confiance mystérieuse et terrible. Chacune de ses paroles éveille en nous des résonances singulières, nous ouvre sur les âmes dont elles émanent des perspectives infinies et troublantes. Nous sommes sur le seuil d'une mentalité étrangère, millénairement sans contact avec la nôtre. La porte est ouverte sur le palais secret, où de brèves lueurs d'or éclairent somptueusement la pénombre effrayante, il s'agit de tout autre chose que d'amuser des dilettantes et des voyageurs en leur déroulant des peintures représentant des spectacles inhabituels, il s'agit de confronter notre âme à l'âme éternelle de la Chine.

Je dis éternelle, et j'insiste sur le mot. Victor Ségalen détestait la Chine nouvelle, la Chine moderne ivre d'européanisme et renégate de ses anciennes traditions. Et ce qu'il aimait dans la vieille Chine, c'était ce reflet d'une sagesse antérieure à sa propre existence et dont il semble parfois que même il y a mille ans, elle se transmettait les rites, sans en comprendre tout le sens. Ce qu'il aimait c'était au fond, peut-être la formidable poussée de cet instinct de la race canalisée dans les digues de granit d'une règle et d'une loi plus rigides que celle de tous les autres peuples, le contraste entre ces deux choses.

Qu'est-ce donc, matériellement d'abord, que *Stèles*?

«Elles sont, dit la préface, des monuments restreints à une table

de pierre, haut dressée, portant une inscription. Elles incrustent dans le ciel de Chine leurs fronts plats. On les heurte à l'improviste aux bord des routes, dans les cours des temples, devant les tombeaux. Marquant un fait, une volonté, une présence, elles forcent à l'arrêt debout, face à leurs faces. Dans le vacillement délabré de l'Empire, elles seules impliquent la stabilité.

Epigraphe et pierre taillée, voilà toute la Stèle, corps et âme, être au complet. Ce qui soutient et ce qui surmonte n'est que pur ornement et parfois oripeau.»

Suivent des explications sur les origines historiques et l'évolution de la stèle à travers les dynasties successives, son ornemantation, sa graphie, ses divers sens rituels, enfin ceci qui est essentiel:

«La direction n'est pas indécise. Face au Midi si la stèle porte les decrets, l'hommage du souverain à un Sage, l'éloge d'une doctrine, un hymne de règne, une confession de l'Empereur à son peuple: tout ce que le Fils du Ciel, siégeant face au Midi, a vertu de promulguer.

Par déférence, on plantera droit au Nord, pôle du noir vertueux, les stèles amicales. On orientera les amoureuses afin que l'aube enjolive leurs plus doux traits et adoucisse les méchants. On lèvera vers l'Ouest ensanglanté, palais du rouge, les guerrières et les héroïques. D'autres, Stèles du bord du chemin, suivront le geste indifférent de la route. Les unes et les autres s'offrent sans réserve aux passant, aux muletiers, aux conducteurs de chars, aux eunuques, aux détrousseurs, aux moines mendiants, aux gens de poussière, aux marchands. Elles tournent vers ceux-là leurs faces illuminées de signes, et ceux-là, pliés sous la charge ou affamés de riz et de piment, passent en les comptant parmi les bonnes. Ainsi, accessibles à tous, elles réservent le meilleur à quelques uns.»

Victor Ségalen, familier de la science et des moeurs chinoises, a reconstitué ces cinq sortes de stèles... *Stèles face au Midi, Stèles face au Nord, Stèles orientées, Stèles occidentées, Stèles du bord du chemin.*

Elles sont si parfaitement chinoises que l'on dirait tout d'abord des traductions. Elles n'en sont pas. Ce sont, si l'on peut dire des restitutions. Ségalen s'est fait d'avance un esprit tellement extrême-oriental qu'il n'a pas le moindre effort pour penser en chinois. Et

d'ailleurs chacune de ces stèles est d'abord écrite en caractères. Leur merveilleuse graphie à la fois naturelle et abstraite, marque comme un cachet le coin de chacune. Nous nous en tiendrons au texte français: il est d'ailleurs d'une précision et d'une beauté étranges, lapidaire vraiment. Sauvages et féroces, pleines de sang, de larmes et de massacres, les stèles occidentées, consacrées à la guerre. Familières, celles du bord du chemin. Graves et pour ainsi dire administratives et officielles, celles face au Midi. Celles face au Nord qui parlent de l'amitié et les orientées qui parlent de l'amour atteignent une profondeur soudaine, effrayante. C'est comme un coup de sonde jeté au fond de l'âme chinoise. On se dit que, seule, une race infiniment méditative pouvait se rendre habituelle une psychologie aussi complexe, aussi hardie que celle-ci par exemple:

DES LOINTAINS

«Des lointains, des si lointains j'accours, ami, vers toi, le plus cher. Mes pas ont dépecé l'horrible espace entre nous.

De longtemps, nos pensées n'habitaient plus le même instant du monde: les voici à nouveau sous les mêmes influx, pénétrés des mêmes rayons.»

«Tu ne réponds pas, tu observes. Qu'ai-je déjà ommis d'inopportun? Sommes-nous bien réunis: est-ce bien toi, le plus cher?

Nos yeux se sont manqués. Nos gestes n'ont plus de symétrie. Nous nous épions à la dérobée comme des inconnus ou des chiens qui vont mordre.

Quelque chose nous sépare. Notre vieille amitié se tient entre nous comme un mort étranglé par nous. Nous la portons d'un commun fardeau, lourde et froide.»

«Ha! hardiment restons-là! Et pour les heures naissantes, prudemment composons une vivace et nouvelle amitié.

Le voulez-vous, ô mon nouvel ami, frère de mon âme future?»

Mais c'est peut-être dans les stèles consacrées à l'amour que se révèle toute la subtilité et la délicatesse de l'âme chinoise. Il règne

dans ces pages un esprit singulier, infiniment contradictoire, fait de soumission éperdue et de froide cruauté, d'orgueil et de tendresse, de lyrisme et de cynisme. Cela tremble d'abord comme une prière et cela finit par un ordre féroce. Et tantôt nous y voyons un respect, presque chevaleresque, pour la femme, source de toute ardeur et de toute poésie, et tantôt un mépris presque clinique ou, ce qui revient au même, philosophique. Mais ce qui est le plus intéressant c'est que sous cette complexité passionnante, si radicalement humaine, se dessine ce je ne sais quoi d'indifférent, de vacant, qui est comme la suprême démarche de l'esprit chinois. «Toute chose ne se constitue que de son vide» a dit, je crois le *Tao*. Cette parole, toute métaphysique et qui en métaphysique présente un sens si profond, prend en psychologie un aspect étrange, absolument contradictoire à nos habitudes de penser occidentales.

PAR RESPECT

«Par respect de l'indicible, nul ne devra plus divulguer le mot GLOIRE, ni commettre le caractère BONHEUR.

Même qu'on les oublie de toutes les mémoires: tels sont les signes que le Prince a choisis pour dénommer son règne.

Qu'ils n'existent plus désormais.»

«Silence, le plus digne hommage! Quel tumulte d'amour emplit jamais le plus profond silence?

Quel éclat de pinceau oserait donc le geste qu'elle ingénûement dessine?

Non! que son règne en moi soit secret. Que jamais il ne m'advienne. Même que j'oublie: que jamais plus au plus profond de moi n'écluse désormais son nom.

Par respect.»

Jamais je n'ai rien lu qui exprime avec tant de force le sens secret de l'idée de la déférence. Cette façon de supprimer dans son propre coeur un sentiment par respect pour ce sentiment, de façon à ce qu'aucune manifestation ne risque d'en profaner l'auguste essence, cela esta proprement chinois. Cet homme qui aime tellement qu'il en

arrive à souhaiter d'oublier pour ne plus être tenté d'offenser l'immensité de son amour par même un nom. Et alors, devant de tels abîmes psychologiques, on comprend le sourire chinois, ce fameux sourire énigmatique. Ne vous y trompez pas, c'est ici qu'il faut en chercher l'origine. L'homme qui arrive à un tel degré de subtilité, qui a ainsi annulé sa douleur et son plaisir dans la sérénité d'une telle volonté de contemplation, dans un renoncement pareil, ne peut plus ni rire, ni pleurer. Il sourit. Il a vaincu les apparences. En traitant les mouvements de son cœur avec cette maîtrise, il a risqué d'en tuer la vie même, et c'est de cela qu'il sourit. Il a vaincu. Il règne sur un empire intellectuel qu'il a rendu vide pour en être davantage le maître. Comment ne pas tenir pour un esprit de premier ordre l'homme, l'homme d'occident, qui a écrit cette page, cette page dont un grand poète chinois eût seul été capable?

Mais il devait aller plus loin encore, en composant ces treize pièces qui s'appellent les *stèles du milieu*.

«Certaines, dit-il, (toujours dans la préface), certaines qui ne regardent ni le Sud, ni le Nord, ni l'Est, ni l'Occident, ni aucun des points interpoles, désignent le lieu par excellence, le milieu. Comme les dalles renversées où les voûtes gravées dans la face invisible, elles proposent leurs signes à la terre qu'elles pressent d'un sceau. Ce sont les décrets d'un autre empire, et singulier. On les subit, ou on les récuse sans commentaires ni gloses inutiles, — d'ailleurs sans confronter jamais le texte véritable : seulement les empreintes qu'on lui dérobe.»

Je tiens ces treize poèmes pour autant de chefs-d'oeuvre de véritable poésie et d'une poésie où, à la manière en effet orientale, la doctrine philosophique s'exprime de la façon la plus passionnée, comme étant la chose qui intéresse le plus le tréfonds de nous-mêmes. Les Orientaux en effet ne prennent point comme nous la métaphysique comme un jeu cérébral. Ils la considèrent au contraire comme l'expression de ce qu'ils ont de plus vivant et d'essentiel. Tout s'y réfère et si d'ordinaire l'on n'en parle point, — par respect, — elle suggère, quand on y fait allusion les plus ferventes et les plus belles effusions lyriques. Victor Segalen a compris cela avec tant de sympathie qu'il, a retrouvé pour ainsi dire tous les chemins qui mènent au lieu secret à ce vide intérieur «dont toute chose est constituée», à cette vacance suprême de notre moi connu qui est notre vrai moi inconnu ineffable

et divin, à cette «cité violette interdite» qui représente, au coeur de notre coeur, la place entre toutes sacrée, où l'Empereur se retire au centre de sa ville carrée.

Pour y accéder, à ce point sans espace où la conscience elle-même se dissout par la privation des éléments dont elle fait d'habitude son objet, il faut «perdre le Midi quotidien» désorienter êtres et choses, tromper les «chères poursuites» des amis, des parents, des familiers, des femmes.

«Tout confondre, de l'orient d'amour à l'occident héroïque, du midi face au Prince au Nord trop amical, pour atteindre l'autre, la cinquième, centre et Milieu.

Qui est moi.»

Voilà donc saisi le sens réel de ce mot «Empire du Milieu», dont l'acception uniquement géographique n'eût signifié que niais orgueil national. Le milieu, c'est cela, ce vide central de la roue, ce point d'absence et d'évasion qui fait le centre de notre être méditant : Empire du milieu, cela veut dire l'empire où règne la conception métaphysique de Lao-Tsé, c'est à dire la plus haute pensée philosophique qui fût jamais. Pour sauver cette retraite, pour réserver ce point sacré, la civilisation chinoise tout entière se groupait en cercles concentriques autour de la personne quasi-négative de l'allégorique Empereur, dont le suprême attribut était d'être invisible, intouchable, secret. D'où le caractère évasif et furtif de toutes les démarches de la psychologie chinoise. Il s'agit toujours de dépister quelqu'un, de sauver son moi intime, de composer avec les forces ennemies capables de vous arracher cette sérénité, enfin de sans cesse tourner les yeux de l'âme vers ce dieu intime et inconnaissable. Avec beaucoup plus de logique que la civilisation hindoue, qui, agitée par les mille ferments de la nature tropicale, se distrait pour ainsi dire dans la contemplation des apparences, quoiqu'elle connaisse la doctrine de l'unique, base chez elle aussi, de la métaphysique. Mais le Chinois semble avoir fait de sa propre personne le temple de cette religion du secret. Et c'est pourquoi, perdu dans cette méditation, il a tellement, — et volontairement — négligé de prendre part aux luttes, à l'immense action de concurrence matérielle qui a entraîné l'univers autour de lui. Cette attitude enchantait Ségalen, esprit hautement philosophique, contempteur souriant et définitif de nos activités forcées et désordonnées. Là encore, intervient le sourire chinois. Et

il n'est plus énigmatique du tout. Il dit, clairement : « Que m'importent les choses pour lesquelles vous vous agitez ? Puisque je les méprise, elles n'existent plus. Je les possède en les niant... absolument comme une notion philosophique s'efface aussitôt que comprise, qu'intégrée dans l'esprit, que dissoute en lui. Je serai toujours plus fort que vous, puisque vous affaiblit le désir de ce que je suis prêt à vous abandonner. »

ELOGE ET POUVOIR DE L'ABSENCE

« Je ne prétends point être là, ni survenir à l'improviste, ni paraître en habits et chair, ni gouverner par le poids visible de ma personne.

Ni répondre aux censeurs de ma voix ; aux rebelles d'un oeil implacable ; aux ministres fautifs d'un geste qui suspendrait les têtes à mes ongles.

Je règne par l'étonnant pouvoir de l'absence. Mes deux cent soixante dix palais tramés entre eux de galeries opaques s'emplissent seulement de mes traces alternées.

Et les musiques jouent en l'honneur de mon ombre ; des officiers saluent mon siège vide, mes femmes apprécient mieux l'honneur des nuits où je ne daigne pas.

Égal aux génies qu'on ne peut récuser puisque invisibles, nulle arme ni poison ne saura venir où m'atteindre. »

Tel est ce qui nous reste de l'oeuvre de Victor Ségalen, mort en pleine action, à la période la plus riche de son développement intellectuel. Une telle perte est sans prix pour les lettres françaises, et c'est pourquoi, au milieu de la scandaleuse négligence avec laquelle fut accueillie la disparition de ce haut esprit, j'ai tenu à définir ce qu'il nous avait apporté, à donner de cet homme une image la moins inexacte possible.

Bien des gens, qui cependant l'admirent, ne se rendent pas compte de son importance. Ils lui font tort, à considérer, son oeuvre comme quelque chose d'exceptionnel, d'à côté. C'est la rabaisser au niveau de l'exotisme pittoresque. Rien n'en est pourtant plus loin. Ces livres (surtout *Stèles* et *Peintures*, car les *Immémoriaux* n'ont point

la même maturité, les mêmes résonnances) sont des révélations d'âme, des images parfaites d'une mentalité étrangère. A une époque où tant de petits esprits, brouillons, grincheux et étroits mènent une espèce de guerre pour nous ramener, sous prétexte de tradition, à une imitation plus ou moins déguisée d'un moment très beau, mais d'un moment de notre littérature, à un froid et stérile académisme, il est nécessaire de montrer que ce qu'il y a de plus noble et de plus vivant, parmi notre élite envisage les choses tout autrement et tente au contraire d'inféoder à notre interrompue et magnifique histoire littéraire, à notre classisme éternel enfin, des oeuvres plus ouvertes, plus aérées, plus libres, plus fécondes, des oeuvres qui nous mettent en communication non seulement avec d'autres temps, mais aussi d'autres climats. C'est l'honneur de l'esprit français, c'est l'honneur de l'esprit latin que cette générosité, cette large ouverture mentale, cet accueil sans restrictions. Il est tellement sûr de tout assimiler, de tout comprendre, de n'être déformé par rien.

Que de fois parlant de la guerre et de ses résultats possibles n'ai-je pas entendu dire à cet autre esprit délicieux et connaisseur des choses d'Orient qu'est M. Paul-Louis Couchoud, l'auteur de *Sages et Poètes d'Asie* : « L'avenir verra une chose admirable, la fusion de notre idéal et de celui de l'Orient. L'Extrême-Orient est avide de tout ce que nous pouvons lui donner, mais ce qu'il peut nous offrir est peut-être cent fois plus important que le trésor que légua l'antiquité grecque et latine à la Renaissance ivre d'enthousiasme et de curiosité. C'est un monde qui s'ouvrira à nous, presque entièrement inconnu aujourd'hui et dont nous avons de si faibles et de si éparses idées que c'est comme si nous n'en avions aucune. Monde d'une richesse insoupçonnée, d'une variété infinie. Cet apport peut féconder notre pensée et nous renouveler complètement. Ce serait alors la véritable Renaissance ».

Les livres et les études de Victor Ségalen auront été les premières portes ouvertes sur ce monde. Mais ouverture suivant un tel angle que l'on peut en apercevoir déjà presque entièrement la perspective. Tel est le pouvoir divinateur des poètes. Le nom de Victor Ségalen sera celui d'un créateur.

J'aurais aussi très volontiers parlé de son magnifique talent d'écrivain. Mais ici les commentaires me semblent bien inutiles. Les textes que j'ai cités parlent pour eux-mêmes et il n'est pas nécessaire d'être grand clerc pour s'apercevoir de la *qualité* vraiment exceptionnelle de la période, de sa densité, de la valeur étymologique des mots. La

précision de cette phrase est digne en effet de l'inscription et les amoureux du pur langage en goûteront la force définitive et substantielle. Par là aussi Victor Ségalen est assuré contre le temps. Patient artiste travaillant une matière indestructible, il est d'ores et déjà un classique. Nous faisons trop volontiers fi de cette question de la forme quand nous parlons d'un écrivain dont le rôle intellectuel nous semble important. C'est cependant la question essentielle. Si avec tout son génie d'assimilation, Ségalen n'eût pas possédé le don du style, il ne serait rien. Mais son oeuvre est là, déjà pouvant se passer de lui, déjà vivant de sa vie propre. Et c'est, à tous les points de vue, forme et pensée, une oeuvre de grand style.

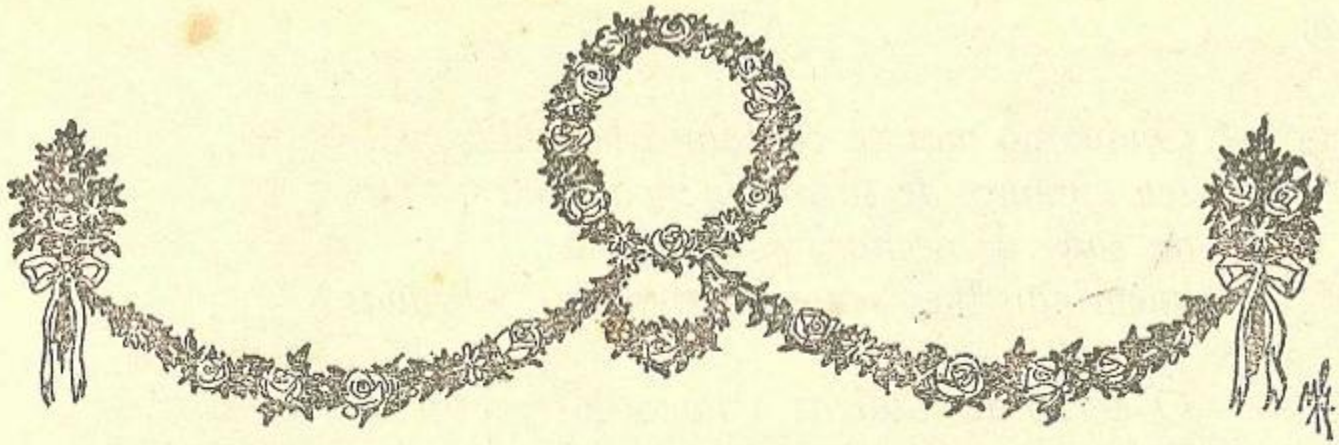
FRANCIS DE MIOMANDRE.



Diogo de Macedo

NIÑA DE VELASQUE

ATLANTIDA



Ode à Galiza

A' Senhora Condessa de Pardo Bazan

*O' terra da Galiza, ó Paço dos cantares,
ó terra da Galiza, onde há o mesmo sol,
e as mesmas coytas e saudades e luares
que em Portugal!*

*O' terra da Galiza, ó alpendre florido,
donde a saudade um dia se abeirou,
e mal te viu ao sol amanhecido,
fez o seu doce ninho no beiral
e gorgeou. . .*

*Galiza dos cantares dos cancioneiros,
ó minha branda irmã, menina e moça,
por ti cantam as aguas dos ribeiros,
outra magua na terra se não ouça. . .*

*Por ti cantam as aguas num rumor
melodioso e fino,
passando pela sombra dos pinheiros. . .
e como o Dom Denis na cantiga d'amor,
segredam-lhes do peito : «ai froles de verde pino !»*

*Por ti o vento canta na ramada,
como um orgão de velha cathedral
na nave abandonada. . .
Por ti o sol vem cheio d'ouro antigo,
mais ledado que um jogral,
cantar á terra o seu cantar d'amigo!*

*Ondas do mar te cantam à beirinha
seu rimance de Infantas incantadas,
na sua voz o choro se adivinha,
quem não lhes sente as lagrimas salgadas?*

*O' terra da Galiza, ó Paço dos cantares,
a doce Rosalia,
Por ti andou perdida, p'los teus ares!*

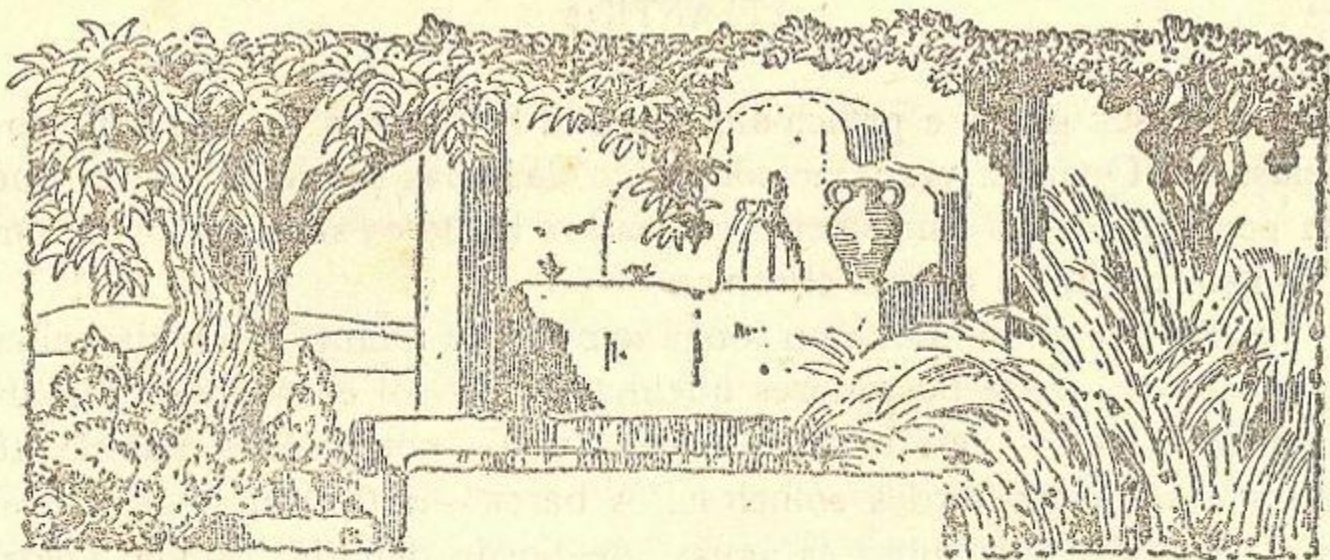
*O' terra da Galiza, onde os ecos se esquecem
ao longe da paisagem, exilados,
a repetir os sons onde florescem
as saudades que veem de corações liados!
Ecos tam tristes, nunca os eu ouvi
a repetir da gaita as notas trespasadas
de penumbra e de magua que sorri!...
Só de lembrar-vos a minha alma chora...
Ai a saudade, ai! é a Nossa Senhora
com suas sete espadas!*

*No meu peito a saudade é muita, muita,
graças que se dá bem com os teus ares,
o meu louvor e a minha magua escuita,
ó terra da Galiza, ó Paço dos cantares,
ó terra da Galiza onde há o mesmo sol,
e as mesmas coytas e saudades e luares
que em Portugal!*

Bayona da Galiza — Agosto 919.

(Do Livro a sair *O Roteiro das Saudades.*)

CARLOS LOBO DE OLIVEIRA.



Carta ao artista galego D. Alfonso Castelao

Meu Amigo :

Escrevo-lhe da minha aldeia minhota d'entre o Ave e o Cavado, já com as vindimas feitas, o grão guardado e as castanhas estalando no borralho.

As folhas caem de manso, côm de oiro e purpura; entram por vezes pela janela aberta do meu quarto e veem morrer docemente, aos poucos, sobre a minha meza de trabalho. O outono está a findar e eu quero escrever-lhe ainda com sol, com este sol meigo, acariciador e palido de despedida, antes que as chuvas enegreçam o ceu e as almas, fechando-nos em casa, cerrando-nos o horisonte, num forçado convite á concentração do estudo e á meditação interrogativa do espirito. O inverno é de vida interior guardado nos lares e nas almas; o corpo quer agasalhos que o aqueçam e o espirito leituras que o deleitem. Por agora ainda é cedo. Mas como tudo que me cerca está de abandono e elegia, de nostalgia e de sonho, e porque na ausencia, na distancia, pela saudade, se tornam mais vivas as imagens e as sensações mais presentes, mais intimamente ligadas, eu vejo e sinto agora melhor, recordando, todo o lendario encanto da sua doce, melancolica e ao mesmo tempo garrida e festiva Galiza.

A sua terra, meu querido amigo, não só a vi como a *ouvi*; es-

cutei-a na sua gente e principalmente em Si, na sua fé, nos seus entusiasmos. Quantas vezes no tom vago das suas palavras julguei que um poeta do velho cancionero me estava lendo os seus versos ou um chronista capitulos da sua chronica!

Sabe que estive tambem longa temporada n'uma das mais bellas rias galegas, entre pescadores queimados do sol e curtidos do mar. Lá andei á vela — vela branca, larga, latina — por frescas manhãs de névoa e coloridas tardes solheiras. A barca — a *Conchita* — a todo o pano, deslisava por sobre as aguas, de borda deitada, rapida, veloz. O Marcelino e o Juan cantavam; melhor, entoavam n'um ritmo do-lente, constante, uma velha canção. Essa toada já ha muito, meu Amigo, que me era familiar. Os meus poveiros, os meus pescadores, cantam assim.

Por vezes julguei encontrar velhos amigos, velhos conhecidos... Quasi tirara o chapéu n'um cumprimento affectuoso, quasi corria para eles na surpresa alegre de um encontro. E era engano; eram apenas parecidos e eu ia jurar... D'este entendimento da minha alma com a paisagem e dos meus olhos e dos meus ouvidos com os seus patri-cios, vem por certo grande parte da enternecida saudade com que eu, n'este momento, sonhadoramente revejo a sua terra de encanto e maravilha.

Agora é Santiago que enche as minhas recordações. Noite escura; na vasta praça em negrumes, a massa enorme da cathedral em sombra toma proporções fantasticas; na sua grandeza, domina, esmaga e deslumbra. Érrro vagabundo, perdido, esquecido de mim, pelas estreitas ruas, tortuosas, negras, lageadas, a que as arcarias parecem abrir alas. Desejoso de continuar o meu encantamento quasi fui madrugador; mas de dia não encontrei já na cidade o mesmo misterio, na cathedral a mesma imponencia. Faltava-lhe a engrandece-la, tornando-a só volume, a mancha negra e uniforme das sombras. O excessivo dos pormenores tirara-lhe a sobriedade, amesquinhando-a. Mas o que resta da primitiva cathedral, especialmente o portico admiravel dos Apostolos, ensinou-me a verdadeira e florescente origem das lindas e recatadas igrejas romanicas que rezam ainda nas quebradas das serras, nos vales festivos e recolhidos, e em quasi todas as velhas cidades das seculares provincias de Portugal.

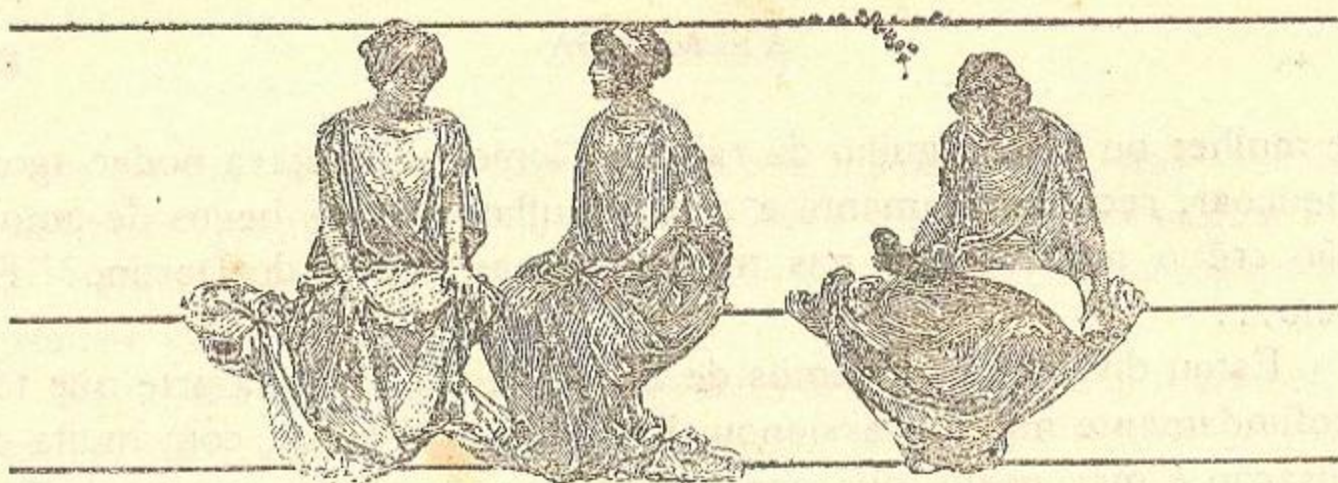
Foi então que diante do tumulo do Conde Raymundo, recordando o velho pacto que a morte atraçouou, comprehendi bem todo o amor de D. Fareja pelo Conde Perez de Trava. Era ella quem tinha razão; e que importa que essa razão lhe fosse dictada pelo coração

de mulher ou pelo orgulho de rainha! Como eu desejava poder agora abençoar, reconhecidamente e com orgulho, os seus beijos de amor! Não crê o meu Amigo nas tiranias e nas ironias do Destino?! Eu creio...

Estou divagando. Falemos de Si, só de Si e da sua arte que tão profundamente me impressionou. Foi n'um café banal, com muita civilização e mau gosto, que nos conhecemos. Antes das apresentações, já a sua mascara vigorosa e aberta, já os seus olhos de luz, de bondade, entusiasmo e sonho, tinham despertado a minha atenção. Lembro-me que o fitei com curiosidade, encontrando-lhe o que fosse de diferente entre as caras banais e extranhas que me cercavam. Pouco depois o meu Amigo abria o seu album. Compreendi então ante os seus desenhos — tão vigorosos de traço e riscos de côr no equilibrio harmonico dos contrastes que lembram aguas-fortes — a razão porque ao ve-lo o fixei. Ao folhea-los em seguida, um a um, senti nos famintos, nos cegos, nos cavadores, a sua bondade; em alguns mesmo a sua ternura, e em todos, especialmente n'aquelle em que avô e neto olham do alpendre os montes distantes de Portugal, a razão de ser do seu sonho. Por vezes, de longe a longe, encontrei tambem, explicando-me os seus entusiasmos, um vago sentimento de revolta colectiva e idealista, mas soffredora e dolorosa.

Os seus processos cuidados de realisação, por si só, dizem muitissimo. Na solidez do traço, no estudo dos pormenores e na harmonia do colorido dos seus desenhos, aguarelas e gouaches, ha, meu querido Amigo e grande artista, a par da compreensão da arte em todo o seu poder de moderna expressão e síntese, o conhecimento profundo e amoroso dos velhos e grandes mestres primitivos. A sua arte admiravel, cheia de passado, é bem da sua Galiza, da sua velha, verdadeira e grande Galiza. E como a sua patria até agora adormecida foi tambem em tempos idos a patria dos heroicos barões portuguezes, e porque nos seus ritmos cantaram os meus troveiros e das suas formas de expressão se serviram os velhos cronistas do reino, e a sua linguagem de hoje é ainda o eco perdido do velho portuguez, eu senti-me enternecido e deslumbrado, ante a sua arte, tão profundamente galaico-portugueza! As suas mãos admiraveis de artista, escavando no Passado, andam a desenterrar o Porvir...

Lisboa espera-o... Nós, os seus amigos e admiradores, temos como certa a sua vinda na proxima primavera.



Uma viagem a Paris . . . cinematográfica ⁽¹⁾

PARTE I

I

Uma viagem a Paris... cinematográfica, isto é, como se o fôsse, de impressões breves, pelo alto, descontínuas. E que no entanto se gravam inesquecíveis.

Fins de Março em 1912. Parto às 6 da tarde. No comboio um conhecido fala-me de outro e de seu casamento. Diz mal. Aborreço-me e afasto-me.

Ansiedade pelas novas impressões. ; Como poderemos sentir nas terras que não sejam aquelas em que temos vivido, em que nascemos, as da nossa pátria, em que se fala a nossa lingua? ; Que pensamentos nos poderão despertar?

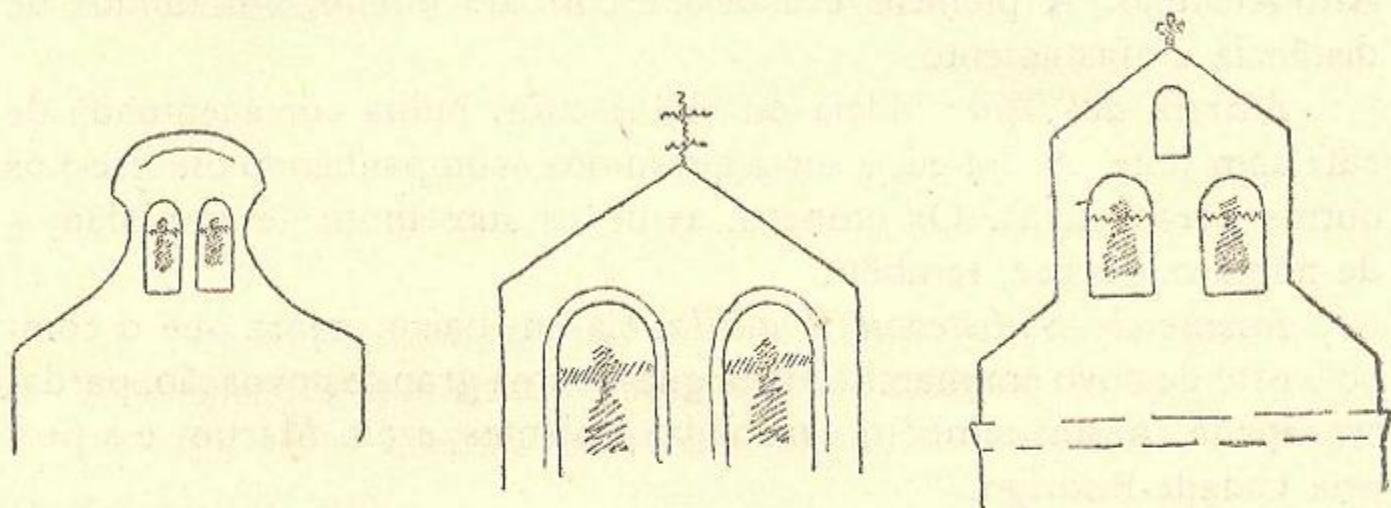
Apeado em Pampilhosa. A's 10 e meia da noite sigo para a fronteira. Só, num compartimento do extenso comboio sombrio, adormeço inquieto.

Levantado em Freineda, às 6 horas. Madrugada de chuva, desagradável, áspera. Paisagem até Vilar-Formoso, árida, pedregosa, rochosa.

(1) Faz parte de um grupo de Ensaios de crítica e estética, alguns já publicados, os outros em preparação.

Fuentes d'Oñoro. Nos empregados da estação, tipos portugueses e espanhois.

Agora, ao lado do comboio, grandes sobreirais ou azinhais; não os distingo bem, por entre a névoa. A entrada não é desanimadora, na agricultura, na fertilidade. Contudo, pouco depois, charnecas extensas.



Ciudad Rodrigo! Soberba, num alto, uma catedral! A vila ou cidade, ao lado, em baixo. O recorte do monumento, no espaço livre, tem graciosidade, majestade. A côr, a linha, todo o aspecto sugerem uma intensa impressão da vida medieval. E a minha alma, nesta contemplação, está vibrando de uma alegria puríssima.

Em breve o comboio pára. E agora que se me encobre a larga e fantasiosa silhueta, o altivo perfil, sinto-me tomado de um desejo fervoroso de os ver de novo, de repassar uma, duas, muitas vezes.

Torno, seguindo, a avistar a catedral. Entretanto mudam os planos. A linha é caprichosa, novos aspectos, sempre grande, um tanto severa, na paisagem que é ampla de horisonte. Ha longos picos para o ceu, largura nas bases escuras, uma grande e harmoniosa perspectiva. A minha simpatia corre para uma época remota.

Sinto-me bem na terra estrangeira. Na minha sensibilidade alguma coisa está acordando. No ser há um novo aspecto. No campo da consciência estão entrando novas emoções, delicadas, subtis.

II

A paisagem, agora, pouco cultivada. A sua beleza está na sua amplitude. Para o lado de onde o sol repontará nos belos dias, uma serra; nos seus altos, espelhos luzentes, neve de certo. Para diante a serra

mingua; depois, outra vez, em arrancos parece querer arrojadamente erguer-se... Não o consegue, foge para longe, desfaz-se agora na linha do horisonte.

O sol não aparece; contudo claridades fortes, que também aca- lentam, atravessam a espessura das nuvens.

Para a banda que será a do poente, a paisagem tem muito do Alto-Alentejo. A planície e a orla escura do monte, em fundos de distância e afastamento.

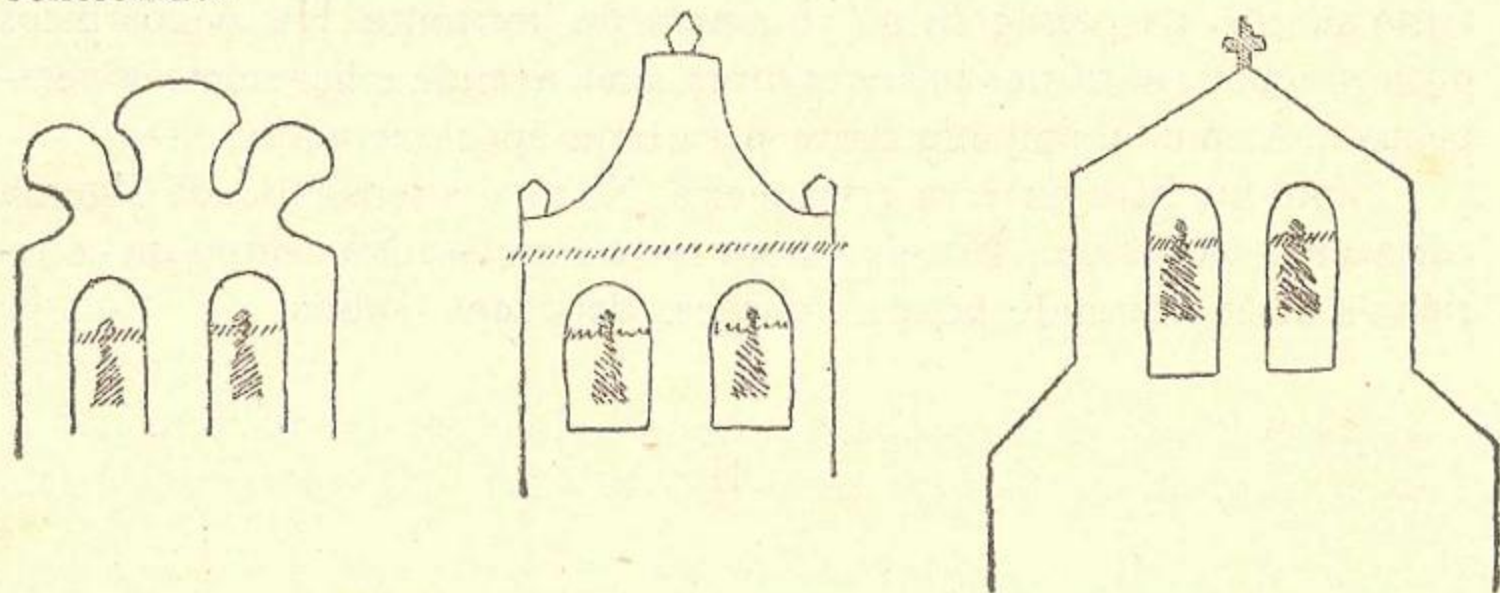
Martin del Rio: aldeia ou vila escura, numa cor acentuada de café com leite. Ao longe, a serra que iam acompanhando oferece-nos outras perspectivas. Os brancos, as neves aumentam de amplitão; e de número, parece, também.

Fuente de S. Esteban Boadilla. Lá em baixo, agora que o comboio está de novo em marcha, distingue-se uma grande povoação, parda, acaçapada. Assim também agachadas, rojantes, eram Martim e a própria Cidade-Rodrigo.

Em *Fuente*, como em *Martin*, recortam-se em linhas curvas, graciosas, suaves, os enegrecidos campanários das igrejas matrizes. Rapidamente vou traçando um grosseiro esbôço. Mas, agora mesmo reparo, naquela aldeiasinha que estou avistando, há um campanário de silhueta graciosissima, angulosa...

Três cães correm ao lado do comboio, irritados, parecendo que ladram ou querem ladrar.

Outra povoação, muito pequena, com sua igreja e um campanário em arcada, como os primeiros, e também de pedras enegrecidas pelo tempo, surge na paisagem e, num momento, então me comove e sensibiliza.



Depois de uma estação, insignificante sem dúvida, uma igreja, perto da linha e isolada. O sinário muito interessante. Logo procuro esquissá-lo, sumariamente como apenas é possível.

Para a banda oposta, ao longe, outro campanário, de um recorte mais caprichoso.

Ainda uma aldeia, mais perto, e nela uma igreja que parece grande e cujo campanário, de linhas sóbrias, melhor posso distinguir. No lado contrário, em seguida, uma vilasinha e nela um sinário lindíssimo, destacando-se nobre, gentilíssimamente.

Sensação de plenitude, de bem estar!

III

Até Barbadilho, se não erro êste nome, vê-se por algum tempo, com sinais de boa cultura, uma planície extensa.

A's vezes distingo homens a cavalo. Fazem-me sempre pensar em D. Quixote

A' saída de *Tejares* depara-se com Salamanca, ao fundo, para diante. O ceu côm de chumbo, o rio em baixo, o Tormes, de um plúmbleo mais metálico, a sua queda de água, e nesta perspectiva o que já se reconhece da cidade ainda afastada, constituem um dos mais belos espectáculos que tenho presenciado. Penso estão em Cidade-Rodrigo. Mas agora há bicos mais longos para o ceu, mais capricho e variedade no recorte, menos severidade! E à medida que nos aproximamos do burgo, as linhas ainda nos vão surgindo menos rígidas, e curvas e arredondamentos se nos mostram sábios, encantadores, e voluptuosos.

Analiso as minhas impressões e não sinto, como em Cidade-Rodrigo, uma inspiração medieval. Talvez pela sugestão do antigo esplendor da velha Universidade, o meu espírito evoca os quadros históricos de Carlos V e dos Felipes, em que o Espanhol de outros tempos, o rude antagonista dos Árabes e dos Mouros, se tornou mais palaciano, voluptuoso, sumptuoso. Recordo essa época na qual, já expulsos os Árabes da Península, o Castelhana, dêles recebendo certas das inclinações naturais do seu temperamento, bastante do seu saber e um pouco da sua arte architectónica, poudé entregar-se ao luxo, à cultura, à navegação, ao exotismo... e à inquisição. Em Cidade-Rodrigo senti, distingui guerreiros armados de ferro, esforçados, porfiados, devotíssimos. Em Salamanca pensei, espontâneamente, em gentis homens cortezes, prelados poderosos, frades letrados, o sacerdote no púlpito e na confissão, o professor, — c prazer, o poder e o saber.

De Salamanca para Cárpio a paisagem muda. Grandes planícies um pouco áridas. Foram rareando os belos campanários-arcadas! E' uma vila extensa, pardacenta, Cárpio. Casas baixas, acaçapadas; algumas, poucas, distinguem-se brancas na mancha escura.

Agora os campanários são quadrilaterais, também vetustos. Em Campilho, onde paramos um instante, o campanário, com duas janelas em cada face, está erguido ao alto: e, não obstante, é pesado. Para um lado avistam-se duas povoações; em cada, um alto cimo de catedral.

Medina. Logo do comboio se vê a cidade ou grande vila. Muitas igrejas, coalhada de igrejas, antigas como a própria cidade. Casas prostradas, escuras. Os templos dominam-nas pela sua massa, pela sua imponência.

Almoço na estação. Em breve o expresso de Madrid. Já me ficam a um lado duas vilas. Sempre as mesmas habitações que se rojam, bacentas. Raras as casas brancas, de alegre parecer. E dominando-as, sobrepujando-as bem, naquelas vilas, a igreja forte e antiga. Numa a torre, cupulada, faz-me recordar os zimbórios de Salamanca; na outra, que avisto a maior distância, parece haver mais sobranceira, pêso e velhice.

Grande planície um tanto escalvada. Agora pinheiros a um lado. O comboio passa para Viana, sem parar. Já outra povoação ao pé do comboio. Igreja vetusta.

Penso, por tais povoações dominadas pela obcessão do monumento religioso, como se conformará a alma do Castelhana! A terra de uma beleza severa, sem encantos de doçura. A povoação triste, humildosa, como que oprimida. O templo subjugando-a.

A paisagem portuguesa, mesmo quando austera, mostra-se mais doce e acolhedora. O aspecto das nossas aldeias, das nossas vilas, é em regra bem diverso daquele. Quasi sempre alacres, brancas, graciosas, tantas vezes pelos altos dispendo-se vaidosamente! E a igreja, branca também, é gentil e não dominadora, é a companheira das habitações, afável, próxima e amiga.

Parece que a alma do Castelhana será constrangida pela crença, pela fé religiosa. O Português tem sómente a aparência de desejar a sua amável companhia. Para êle são um hábito e uma superstição benévola; para o Castelhana um sentimento estrutural, uma convicção.

O Português, da religião ama o rito, a fórmula, a manifestação, o brilho. As suas catedrais, igrejas e ermidades não tem desproporção e ambição de domínio; tem exterioridade, elegância, pitoresco

às vezes graciosa magestade; e sempre o egoísmo apenas de se formarem e sentirem na sua própria terra, bairristas, regionais, nacionais...

Depois de Valhadolid reparo numa povoação subindo, gracilmente, a encosta de um monte, mas de casas mui humildes; em baixo, na planura, uma igreja, guarda avançada, sendo a sua torre de edificação que não parece mui antiga. Logo adiante vejo sòsinha, ao pé de um rio, uma grande, velha e pesada igreja.

Por fim, esta repetição das mesmas impressões causa-me um sentimento de opressão. A minha alma doe-se e insurge-se; é agora um pouco a do meu dilecto, do meu querido D. Quixote. Revolta-se... pelo agravo pretendido da alma castelhana.

IV

Ainda não vi um jardim, um palácio, uma casa de habitação, que, pela fantasia dos seus adornos, pela alegria das suas linhas, pela alacridade das suas côres, manifeste que alguém ali pensou com um sentimento de gôso próprio, egotista, para fóra do religioso, da fé; um signal de uma vibração de alma, de temperamento, de um grande prazer e estese pessoal. E a propria natureza continua monótona, apesar de bela; os seus contornos repetem-se graves, altivos, austeros. Neste momento, a um lado, os montes se aproximam, áridos, trazendo-nos, perto do comboio, o leito de um rio; agora se afastam e, na linha do horisonte, se dispõem em circuito baço.

A paisagem, antes de Salamanca, tinha mais amena beleza.

Outra vez distingo ao longe, na planície, uma povoação, e ainda uma igreja dominando-a pela situação dianteira, pela altura, pelo volume.

Estou tomando rápidamente estas notas, mas... reparo, o meu companheiro de compartimento, de Medina para cima, tipo de argentário, olha-me de sobreceño desconfiado! Não tomará certamente à boa parte os meus movimentos espertos de animal curioso, interessado, e a sua resolução em linhas escritas. Quem sabe se me julgará um espião!

Aparece-me agora, nas encostas entre si fronteiras de duas colinas, uma grande povoação. As casas humildes, algumas humílimas construídas no próprio chão da vertente, como se fôsem tocas. Pois

bem, recortando-se perto, em certo isolamento, nobre e altivamente, um lindo e velho templo; grande, alto, admirável!

Villaquiran. Deve ter êste nome uma vila que se vê no declive de um monte, de perfil, numa graciosa silhueta.

Desde *Villaquiran* a paisagem começa a mostrar-se mais estreita e verde, e as povoações adquirem, parece, um aspecto um pouco diverso: as casas um tanto mais altas, as igrejas mais pequenas. De Burgos para cima, então, isto é sensível; a igreja não é já dominadora, acompanha melhor o povoado, está com êle, modestamente se salienta; e as casas são um pouco mais claras e livres do solo, mais individuais.

V

Começa a anoitecer. Vamos atravessando uma grande charneca, já brumosa. A um dos lados, não muito longe, distingue-se em negro, no fundo celeste da luz crepuscular, uma serra, singularmente recortada. Penso então na de Sintra, com uma espécie de sentimento nostálgico!

Anoiteceu. Negrume na paisagem. Massas escuras de fragedos, penhascos e alcantis ao lado do comboio.

Então, numa necessidade de calma física e de meditação e contemplação interior, encosto-me com os olhos cerrados. A trepidação do comboio, os seus grandes sussuros intercadentes, repetidos, coerentes embalam-me e levemente me adormentam os sentidos. Procuro sintetizar as minhas impressões e compreendê-las na sua derivação e lógico espírito.

De Lisboa saíra num estado particular de sensibilidade; nele predominavam o tédio das mesquinhas impressões (de que nem sempre se pode isentar mesmo a vida que procura ser longa e nobremente habitual, de sua natureza depurante) e a ansiedade por novas impressões e que me inspirassem elevadas emoções estéticas. E ainda em mim a comoção de um louco amador da sua terra e que todavia com ela se não contenta e necessita, irremessivelmente, de conhecer e amar as terras estrangeiras.

Cidade-Rodrigo e os singelos, sinceros e graciosíssimos campanários das velhas igrejas de Leão e Castela, em breves e intensos momentos me inspiraram, com fervorosas emoções de êxtase, o sentimento da Idade mediéfica, na parte do seu heroísmo guerreiro e

de fé religiosa. Em Salamanca recordei a Renascença peninsular, evocação, por alguns instantes, de outro delicado prazer espiritual. Castela depois começou a cansar-me, a oprimir-me, a revoltar-me. Isto exprimia, sem dúvida, uma nova ansiedade; o passado já não me satisfazia, e se o seu estético me era necessário, estava longe porê-lo de me contentar, de ser suficiente. Rebelde, a minha alma procurava libertar-se de uma pretendida grilheta!

Em um momento a luz do crepúsculo, eclíptica, e também certamente o cansaço da minha sensibilidade, fizeram que ela evocasse espontânea, saudosa e nostálgicamente uma agradável sensação habitual...

Anseia pois o meu espírito ainda por novas impressões. Creio que as hei-de experimentar no conhecimento de outros objectos, paisagens, seres...

Parece-me que a alma de um sentimento estético verdadeiramente de seu tempo, deverá possuir a emoção referida aos tempos que passaram e dela não poderá prescindir; e com ela sem dúvida, em grande parte, se ha-de formar, aperfeiçoar e tornar consciente. O passado, a ascendência, a herança ser-lhe-hão necessários para compreender e assim exprimir o que tem de singular o seu próprio tempo. Não poderão contudo ser-lhe suficientes.

¿E o presente? Mas o presente é logo ou imediatamente se torna a passado. E assim deveremos avançar sobre êle, estabelecer o elo com o futuro, prevendo-o, anunciando-o, criando-o verdadeiramente.

Função pois de um pensamento de extensão infinita no tempo, por isso que é simultaneamente retrospectivo, presente, providente e determinante, a emoção estética por êle mesmo em grande parte se define: contemplação do passado, criação do futuro, êxtase insaciável, acção permanente e interminável.

PARTE II

I

É perto da meia noite. Chegamos a Hendáia. Apeio-me sem demora e vou rapidamente pela longa estação; na *douane* uma inspecção breve da minha pequena mala; entro num compartimento do

novo comboio e instalo-me. Só tive tempo de actuar, de proceder. Estou cansado; como puder dormirei a noite.

Chegam uns Franceses, de aspecto distinto, que já tinham tomado lugares. Começam conversando. Falam numa linguagem entoada, musical. Quem fala parece que a si mesmo se escuta e que é atentamente escutado pelos outros. Há ali sem dúvida uma arte de conversação a que não estou habituado. Com curiosidade os observo; parecem-me seres de uma outra espécie; procuro compreendê-los intimamente, estudo os seus gestos, as fisionomias, as expressões... Tenho, de princípio, a sensação de estar de fora dêles e não poder, senão artificialmente, participar da sua comunidade, da sua sociedade.

Afinal aconchego-me no meu canto e dormito. De espaço a espaço, curioso, esperto. Neste momento o comboio pára numa longa estação, com a aparência de bem ordenada, de numerosos dísticos e indicações. Em comparação com as nossas melhores tem método, clareza.

Um lusco-fusco anunciante de madrugada. Bordeus! No fundo ainda escurento águas baças de rio, casaria numa encosta, monumentos. Há grandeza na paizagem obscura, delicadeza na silhueta negra recortando o ceu pardo.

Desponta a claridade. Começa a distinguir-se a amável paisagem! Não a direi bela, mas atraente, que se faz amar, comunicativa, simpática. Sinto-a dêste modo, assim logo me impressiona.

Vejo-a agora melhor; a terra succulenta, cultivada a verdura, horizontes limitados, mas sem acanhamento nem mesquinhez. Por vezes, trabalhando na terra, homens saudáveis, vermelhos, de espessos bigodes loiros, de botas de cano alto; ao seu lado, cavalos espadaúdos, possantes. Uns e outros calmos, amigos entre si, no ar de um parentesco primevo e obscuro.

Vou atravessando a França, correndo para Paris. Agora *Tours*. Lembro-me do meu Balzac e da sua gente, com aquela necessidade, aquela emoção inevitável das recordações estruturais, fundamentais; lembro-me daquele seu profundíssimo tipo de mãe — a mãe de José e Felipe Bridau; dos seus Goriot, de Marsay, Rubempré, Grandet, Bianchon, Hulot; M.^{me} de Sérizy, de Maufrigneuse, de Langeais... Um instante me absorvo meditando...

Com o espectáculo das cidades, povoações e da paisagem, vou distinguindo melhor o espirito francês, a sua estética decorativa e também pessoal, o seu temperamento ao mesmo tempo sociável e reservado, o seu sentimento simultâneamente individualista e social, a sua fraternidade aristocrata, a retraída liberdade, a cuidadosa igualdade.

Tudo me sugere a impressão de que passarei sem opressões, nesta clara ponderação psicológica e social, neste meio termo elevado e inteligente dos sentimentos. Não me desejarão, como sou ou de outra forma; serão, pessoalmente, de uma polida indiferença, ou afáveis sem ser cordiais. Paris, imagem colectiva do seu génio psicológico, assim também decerto me receberá, e deixar-me-há num discreto à-vontade para a estudar e contemplar.

Vou avistando aldeias e vilas. As igrejas, como entre nós, são um acidente, mas mais cultivado, fino, elegante, ainda que menos bucólico e espontâneo de sentimento. As casas parecem-me em regra pequenas, bonitas, cuidadas, *coquettes*.

II

Entrada em Paris. Paris cheia de neve. Espera-me o pintor meu primo e amigo. Vamos num carro para casa. A neve vai levantando com rapidez; o espectáculo é encantador; parece que a cidade se descobre do branco lençol debaixo do qual dormira e se veste, galantemente, sob a luz e calentura do sol!

III

Dia 6 de Abril. Hoje de manhã, visitando o Museu das Artes decorativas, concebi Paris como um admirável, profuso e sintético representante da antiguidade clássica ocidental, especialmente da sua arte. Olhando ao mesmo tempo o panorama dos *boulevards* e as peças expostas no dito museu, algumas em frente, no vão das largas janelas, tive flagrantemente aquela impressão. Com espontaneidade recordei a vida que terá sido a de Atenas, Roma e Alexandria nos seus brilhantes períodos. As Tulherias e os seus alinhamentos, que avistava, contribuíram para intensificar, com a sua nobre graça evocadora, aquela recordação de beleza e grandeza clássica. Pensei na antiga vida espiritual dos Gregos, na *Iliada* e nas viagens de Ulisses, em Sócrates e seus discípulos, no génio claro de Aristófanes e Sófocles, nos escultores dos deuses e humanos, nos construtores dos tem-

plos... Pensei na helenística, no Egipto dos Ptolomeus, no sensualismo de Horácio e Catulo, na Renascença italiana, em Luís XIV e em Racine e La Fontaine... Paris sinto-a fundindo, trazendo até nós, simultâneamente numa depuração e complicação intelectualizadas e scientizadas, as recordações gentis da grande civilização mediterrânea, do oriente ao ocidente. As suas praças, ruas e jardins teem uma lúcida estética decorativa; na linha das suas mulheres descubro um mixto do grego e egípcio. Entoações de cores e sons, linhas e formas; perfis, olhos, gestos, atitudes, bocas que sorriem, tudo emfim me provoca semelhantes percepções.

IV

Outros breves dias, impressões dispersas.

No Museu de Cluny, numa vitrina, um corpo nu, de marfim, em expressão dolorosa de contracção muscular. Parece um Cristo. Braços sôbre a cabeça, membros inferiores um pouco flectidos, a boca aberta, espasmo!

Ainda no Museu das Artes decorativas (no primeiro andar), uma Esfinge de pedra, cujas ancas lembram as da Mulher. Sem dúvida intencional.

No *Louvre*, na Escultura romana (*Salle des Saisons*), há a estátua de uma Musa (?), em mármore de Paros, cujo membro inferior direito, por debaixo da túnica, é maravilhoso de linha e forma. Tem um poder, uma transparência, uma suavidade extremas. A passagem da coxa para o joelho é de uma ondulação que sensibiliza. A cabeça, aliás não autêntica, é fraca.

Na Sala de Severo uma estátua de mulher, de formas nobres e magestosas, numa attitude, num ar de beleza que deveram ser insignes; belo também o modelado da coxa e perna direitas. E' Dídia Clara, de Providência. Tem todavia restauros, e um dêles no próprio membro inferior direito.

Vejo aqui e ali, noutros exemplares, emendas, superfetações. Irritam-me. Desejá-los-hia incompletos, como se encontraram; por meu gôsto e entender bastaria que se juntassem as partes do mesmo exemplar, quando se pudesse fazê-lo sem correcções nem crescenças. Na Sala dos Antoninos, um Antinos, de Osiris; especialmente se

observado de perfil, a sua cabeça é de um tipo semelhante ao que já tenho visto em muitas parisienses.

Ainda no *Louvre*, Sala de Michel Colombe, reparo particularmente no esbôço de uma estátua de Catarina de Médicis destinada ao túmulo de Henrique II, por Girolamo della Robbia. Parece um esfolado. Conceção arrojada.

V

Estou agora na Escultura grega. Logo de princípio um grupo mutilado, incompletíssimo: «Mulher levando uma criança, fragmento de alto-relêvo, 2.^a metade do século (?) antes de Jesus Cristo, mármore pentélico, Atenas». Da mulher apenas se vê a parte superior do tronco, exceptuando a cabeça, e da criança uma porção do abdômen e a anca. E' tão impressionante êste bocado fragmentado de um grupo! Contemplando outros pedaços mutilados da antiga escultura grega, numerosos dos quais do período arcáico, vou experimentando uma semelhante emoção. E recordo-me de haver recebido, em outros momentos e um tanto inconscientemente, impressões idênticas, que agora se me tornam frisantes, lúcidas, conscientes.

¿Porque tão extremamente me interessam, porque tanto me atraem numa simpática absorpção, êstes fragmentos de corpos, de gestos, de atitudes, de movimentos, de expressões? ¿Não haverá aqui uma lógica extensão daquele princípio que uma vez pude definir, sobre a expressão das emoções na pintura e na escultura, e pelo qual as expressões que se disfarçam ou se encobrem sugerem, na sensibilidade desperta do observador, a imagem e o sentimento de emoções e expressões, ou mais intensas, ou mais subtis, ou mais complicadas?

Vou assim pensando e então evoco, num doce recolhimento espiritual, a imagem daquele Cristo do nosso Museu, em um quadro da velha escola portuguesa, de fronte e olhos velados pela túnica; e cuja expressão, por isso mesmo sobretudo e pelos caractéres evidentes da maceração do corpo, tanto eu sempre tenho sentido como uma imagem original, intensa e inimitável de um alto e pungentíssimo sofrimento!

Ora se amplificar aquele princípio de estética da emoção, direi: gestos incompletos, atitudes que se não revelam totalmente, expres-

sões que em parte se dissimulam, se torcem e escondem, corpos esfacelados, mutilados; na alma preparada pela sensibilidade e pela cultura sugerem a impressão de gestos, atitudes, movimentos, expressões, corpos, estados de alma, de uma síntese, perfeição e simbolização, de uma idealidade, intensidade e subtileza que nem sempre poderá inspirar a realização que se completa, a qual tantas vezes prende, limita, amesquinha e estraga.

Por isto se explicará sem dúvida o carácter de alta sugestão de certas manifestações da arte do nosso tempo. Rodin, por exemplo, não exprime, não realiza muitas vezes de um modo acabado, total. Indetermina-se; e assim nos leva a substituí-lo, a acrescentarmos à sua obra, e por esta forma lhe aumentamos inconsciente mas seguramente o sentido de amplitude, o poder de sintetização. A alma do artista sabe fecundar-nos; derrama-se, espiritualiza-se nas almas daqueles que o sentem; e mesmo desperta em muitas cuja sensibilidade não tem cultura, o que nelas ha de turvo, desconhecido, misterioso, a alegria ou a angústia até então disformes, increadas, as emoções obscuras, os instintos latentes, as aspirações confusas, a ideia, o sentimento...

É agora o interesse que tanto me prende, e ao arqueólogo, a um pedaço de machado de pedra ou de bronze pré-histórico, a um fragmento de sílex trabalhado, às contas dispersas de um colar dessas idades sem tradição, e não se explicará também, na parte da emoção estética inerente, pelo sentimento dêsse conceito que acabo de esboçar? Esses restos, êsses fragmentos, inspiram-nos a recordação das épocas a que pertenceram e da sua aplicação, utilidade e adaptação próprias; a lembrança dos seres que os usaram, do seu labutar, das suas paixões, graça e gentileza... E achamos-lhes, não obstante serem restos estragados, uma beleza estrême, e olhamo-los com uma curiosidade cheia de emoção. Porque não há ali apenas uma contemplação que se diga, permita-se, puramente da inteligência e do saber; há um êxtase, uma vibração alta da sensibilidade, e em tudo uma profusão de sentimentos, de reminiscências, de evocações, de recordações próprias e atávicas, de subtis e misteriosas sensações. E o nosso espírito liberta-se do fragmento que nas mãos sustentamos trémulamente e vai a épocas longinhas, de certa maneira remotíssimas, e sente o palpitar das velhas aspirações, a espiritualidade das almas, rudes ou delicadas, suaves ou brutais, a sua inspiração fatal, intensa e necessária nas que lhes sucederam, e toda a longa cadeia natural e humana, em uma rápida ascensão de simpatia, contemplação e amor!

VI

Na Sala das antiguidades africanas, uma escultura mutilada, cirenáica, «fragmento de uma figura de mulher em pé sôbre um leão deitado», demoradamente me emociona. O leão é tôsko; apoiados vêm-se os pés nus, hieráticos, de uma mulher e, para cima, as pernas, cortadas nos joelhos, direitas, rígidas e veladas pela parte inferior de um manto ou túnica. Quanta energia, fôrça e segurança naquela dominação, e quanta gracilidade! Na expressão, no gesto, que poder de síntese!

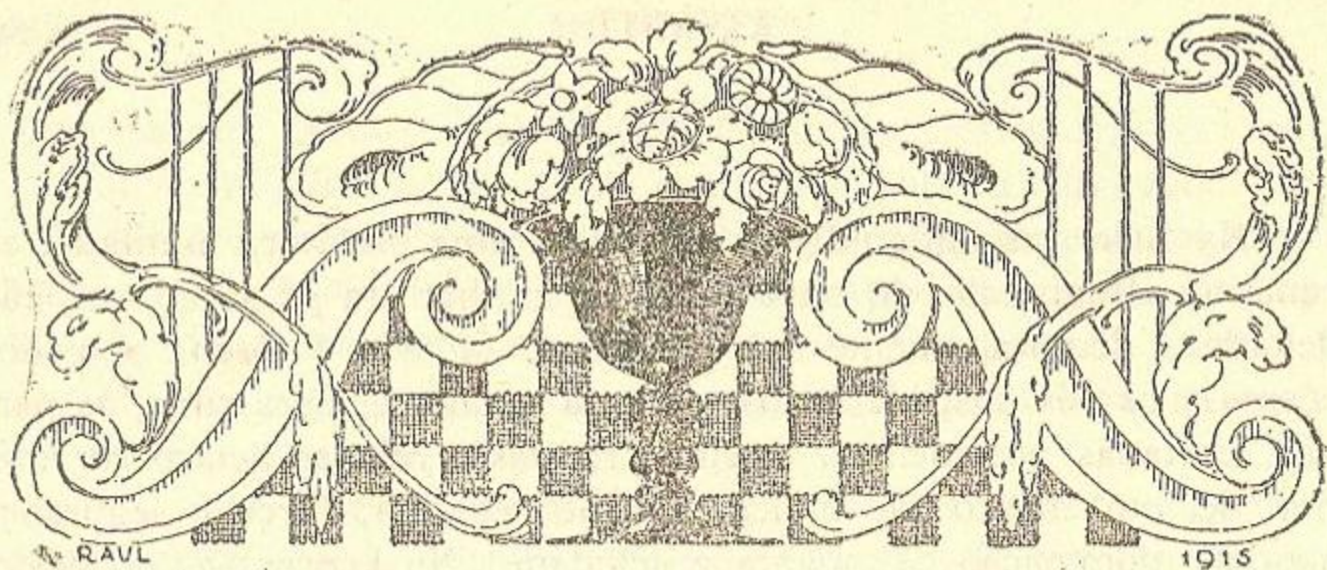
E contemplando agora, comovido também, a escultura de uns frisos de um velho e destroçado monumento, de novo alio a emoção estética à obra destruída do passado e à sua revivescência pela inteligência e pelo sentimento. E penso, porventura com o ingénuo optimismo das crianças, ou dos velhos que voltam a sê-lo, que a Vida, concedendo-me as emoções daquela contemplação, talvez para mim mais generosa tenha sido que para aqueles que puderam ter admirado a obra total, imponente, perfeita, no seu orgulho vão de majestade e imortalidade!

VII

Dez dias em Paris. Visitas rápidas a museus e monumentos, passeios de fecundas sensações. Louvre, Artes decorativas, Museu de Cluny, Trocadero, o de História natural, o tão belo de Paleontologia... Bosque de Bolonha, Versailles, Jardim de Aclimação, Jardim das Plantas, Luxemburgo, horas vos devo de um aprazimento, de uma serenidade de espirito inesquecível, de uma alegria de alma profunda. Paris inteligente e generosa!

IV-1912 — VI-1919.

HENRIQUE DE VILHENA.



O elogio da diligencia

Considere, meu amigo, quão amarga diferença vae agora consti-
tuir para nós outros, pintores, poetas, etnografos, abades e lavrado-
res, o aniquilamento total, e tão proximo, da diligencia aldeã!...

Quando os seus netos chegarem estou certo de que já então lhes
ha de ser de todo impossivel o descobrirem-na...

Assim, creio — e estou com isso dolorosamente preocupado —
que se nos vae da terra um dos seus mais lentos e pitorescos bens.

D'aqui a uns anos, as paisagens, não apenas serão menos sim-
ples, mas tambem menos exactas — nos livros e nos paineis.

Ha de o viajante observa-las com uma alma e um impulso que
nunca, e ingenitamente, lhes disseram respeito.

No livro, na pintura e na propria conversa, passarão os vales, as
ribeiras, os presbiterios e as colinas a representarem-se, não pelo seu
tranquilo estado de meditação nos deuzes inviziveis, sem misteriosos
habitantes, seus patronos e espiritos desdobradores, mas tão somente
como elementos colaborantes na nervosidade e ancia vertiginosas do
individuo no seculo da histeria e da irreflexão, transitando as esbeltas
arvores, os prados longos, os cabeços ardentes e as doces toalhas de
agua, que guardam em si, primogenitas, a raiz espiritual das musicas,
a acionarem dramas e bailes imaginarios — um carnaval de madru-
gada, ao fim da tarde um *sabbat* — consoante o *chauffeur* determine,
a vinte á hora, a cinquenta á hora e a cem, ainda, se o diabo capricho-
samente lho segredar.

Já então os campos não terão, para nós outros, calmos silencios
gratos, vãos ritmicos as aves levantinas, e os rios devem morrer de

sede de almas que se lhes debrucem e os escutem, quando as alegrias da vida não sobejem á propria imaginação excitada.

Já março, meu amigo, não será um sorriso dos renovos; abril, uma graça das primeiras tintas na natureza; maio, um noivado dos damasqueiros cristalizando o sol nas flores; junho, um baile, para os rosmanos serranios perfumarem os cantos ás noites de lua nova; julho, uma romaria em que os caminhos se enlacem de ortigaes vermelhos; agosto, uma sésta de ouro, consagrando em Pomona a volupia sofrega dos sumos; setembro, um mar confuso de beijos, ao lume de angeluz, entre o rescaldo consolado das canas maduras, pela ceifa extinta; outubro... uma saudade das primeiras folhas, despedindo as canções; novembro, um florir dos ares gelados em amendoeiras misteriosas e de um estranho silencio indivizível; e dezembro, o frio e carinhoso dezembro, com a terra rasgada nas feridas de aço dos charcos, os ceus em fumo e a distancia do horisonte interrogando-nos, já não ha de representar-se como um alvoroço intimo de recordações para os que, de campo em campo, de encosta em encosta e ermida em ermida, vão passando as contas ao rosario dos episodios da sua infancia, saudosamente em regresso ás lareiras do Natal!...

A tudo enfim a cegueira ardente das velocidades transformará a virtude do estado anteriormente tranquilo.

A diligencia!... Que enternecida estima!... Amigo, que dolorosa despedida!...

Agora, por estas sempre corrétas e longas passadeiras de feltro que são as estradas do Minho, voam *autos*, entre novelos de poeira, que ninguém sabe de onde vêm, nem a que destinos se dirigem, vertiginosos e misteriosos a um tempo. Cada um será — permita a comparação — como que um grande transatlantico diplomatico levando segredos e perigos da guerra a um porto vigiado e recondito... Voando, passam aqui por nós — tranquilas gentes que nos embebecemos sob a frescura cariciosa das copas dos carvalhaes, admirando o mar de meio dia das serras a encapelarem pelos horisontes fóra — somente para nos provarem o orgulho nescio da sua força, e para nos envolverem no insulto poeirento da sua loucura. Deste modo, gosto da alma, para quem viaja, já o não ha. Prazer dos olhos, então, quasi que se tornou impossivel. O que se exhibe creio ser, exclusivamente, o delirio do sangue excitado pela necessidade nos prazeres — meio caminho andado para uma Casa de Saude...

Correm, esfumam por ai, hora a hora, levando, como disse, gen-

tes que se não vêm a destinos que se não conhecem; e tanta é a sugestão diabolica pelas velocidades que ora, com grave prejuizo das tradições pictorescas desta provincia, os *autos* familiares têm já o seu desdobramento comercial, uns estafermos de maiores dimensões, os quais, iludindo a ingenuidade dos camponeses, os levam, em carreiras diarias, a romarias, vilas, caldas de banhos, feiras de semanas e de ano.

Ai de nós, ai das almas que nos pertencem, pintores, poetas, etnografos, abades, lavradores!...

Nos amargos dias do inverno, as diligencias — estas ultimas — partem, de uso, ás cinco horas da madrugada.

E' noite, então, e profundamente noite. Em Guimarães, em Braga, nos Arcos e em Viana do Castelo, tocam ao relento, sob aqueles ceus negros que faulham as estrelas, os sinos longinquos, da cidade e do arrabalde, á missa piedosa das Almas. Fixando abstrativamente o grande azul dos olhos ingenuos, estacam silenciosas, e como em sentinela, as ruas humidas e de uma forte tristeza saudosa nas rudes fisionomias urbanas. Chorosos, á luz velada dos lampiões os tanques publicos monotonamente alongam um comovido éco de agua... E vem gente; surgem com lentidão os madrugadores. Pelo lagedo agudo das praças, ao escritorio de viação, trasmalham, pesados com o frio, os tamancos alegres dos camponios; e das portadas das hospedarias, rompem, sumidos no gabão, os freguezes do comercio, com as botas cardadas a graudo, a acompanharem o carregador sofrego e arrazado das malas.

O escritorio desdobra, em geral, em casa de generos. Em frente do passeio, junto de que a diligencia espera, a portada entreabre, num alto golpe vermelho de luz de petroleo. Dentro, ao balcão, numa media de cruzado por viagem de trez leguas, compram-se os bilhetes de papel côr de rosa, transparentes como mortalhas. Abafado, o estabelecimento cheira atrozmente ao cebo dos enfiados do tétó e aos ratos do sobrado. Com os dedos estalados das frieiras, encolhendo-se, o marçano entorna para os copinhos de vidro a aguardente de bagaço dos camponios espadaudos que batem com rijeza o vergeiro, vestem sob a jaqueta a camisola de baeta escarlata e, derrubando o chapéu, enrodilham sobre a barba, até ao nariz, o cachenez colorido das mulheres.

Entretanto o dinheiro despenha-se com ruido na gaveta, do licôr, dos cigarros fortes, dos figos de ceira, dos pavios...

Fora, na rua negra, continua a diligencia a carregar entre a herva em molhos, no tejadilho, os saquiteis dos soldados, as malas dos caixeiros viajantes e os baús amarelos dos seminaristas voltados de ferias.

Abre-se a boca á traquitana, correndo aos dois lados as cortinas de oleado. No fundo, uma lanterna de quatro vidros, empoada pela sujidade, alumia monotonamente o rosto áquele tradicional grupo de senhoras bicudas e dum figurino exotico — as «Freitas» de toda a provincia.

A's vezes, algum abade idoso, gemendo do reumatismo, escorrega do albardão largo da burra para o interior da arca torta do carro, e uma vez ali, acomodando-se, arredonda, fatigada e com delicadas maneiras, sobre o calvario dos joelhos, o piloto sardado ao capote, fechando-o até onde os piucos de lá entopam sobre o bezerro encebado das mouras.

Para o altar-mor deanteiro da diligencia trepam os restantes freguezes, gente obesa e agil a um tempo, que marinha até á imperial, instala-se respirando do peito um bafo quente do esforço, e abre os olhos ao frio com tal espanto que parece de verdade interroga-lo!...

São cinco horas em ponto. Os sinos da missa fazem, lá para a sombria distancia, e apressadamente, a ultima das trez chamadas. Por então, raspejando os socos pelos passeios, e assobiando, distraídos, passam apenas os primeiros aprendizes de trolha, para o trabalho...

Depois o cocheiro trepa á boleia, com o capotão «de grêlos» engolado a pele de cabrito e as botas de presilha, á caçadora, encanadas até ao joelho. Em cima, de pé, a emparceirar as redeas e insultando com soberania os burros, que se inquietam, permite que entretanto lhe acomodem, por detraz, no desvão da caixa da diligencia, as sacas de lona com o correio para as freguezias.

O frio vai apertando, nortado, pelo raiar discreto da manhã.

Então, ralaço e com a mortalha desfolhada no beijo, o forte homem entra de chasquear para o moço diligente das cargas sobre as intimidades do escritorio, e logo, amavel e batendo as mãos do tabaco, promete chuva aos freguezes em meio do caminho, avisado com ironia, ao desandar de casa, pelo galo de láta da meridiana da matriz. O fogo para o gordo cigarro esfuma-lhe, acantonado e respirando como em tocha nocturna de romaria, adentro das mãos em concha. Senta-se, emfim. Pigarreando da aguardente, acomoda o largo

cobertor sobre os joelhos e as pernas. Chega a altura sacramental dos passageiros tardios, que investem, de guarda-sol azul e a bufarem, pelo arco da diligencia dentro. Sem mais recado dos patrões, o cocheiro decide-se a dar volta ao rodizio do travão, ergue o chicote, simultaneamente faz ondear as redeas e cascalha os dentes, as bestas levantam, e logo, sob a primeira revoada dos guizos, despegando as rodas, a diligencia impa, entrechoca... e lá vae!

Ah, as adoraveis viagens!

Desde Fão a Viana do Castelo meio caminho é traçado à vista divertida do mar e as varzeas, e o restante, desdobrando por entre vales e sobre pontes, à amenidade das terras e junto ao rugido impetuoso das azenhas, coleia serena e agradavelmente os pinheirais e as encostas.

Primeiro surge-nos a paisagem sentimental onde o Cavado acaba e o mar começa, calmo ritmo de terras longamente amarelecendo em silencio e saudade.

Ainda, ali ao apagar-se, o rio golpeia, argenteo, a terra crespa dos açôres, por entre que passa e se perde na sua mais firme e ultima resolução.

Entretanto, parece que para não ouvirem o canto triste ao cisne cuja alma defronta já a eternidade da morte, comovidos os vales apartaram-se para o isolamento do horisonte; e é de lá que esperam tambem, num transporte de todos os ramos, as verdes altas arvores que circundam os campos com frescura.

Toda a terra, numa redondeza de legua discrita no traço largo e circular de um lapis cheio de espontaneidade, afunda, vencida, ao centro; como que ali acama e pasça, descendo depois, meia embebida na agua, a aveludar dos contornos na doce sonolencia exausta em que os feltros das serrãs logo primitivamente se ougaram, amarelecendo.

A momentos parece ser esta uma ampla paisagem judaica em que a tristeza ambiente, exalada do fundo negro do destino do solo, perturbantemente subira até emudecer no espaço a voz das aves... E com tudo, o seu estado e a meiga expressão que n'ela tenuemente soluça, são dum adoravel poder emotivo, captivando nos olhos as almas delicadas e jamais logrando esquecer.

Sobre a paisagem e na mesma luz que desce até à planura dos açôres e aguas, empoando na distancia a massa difusa dos arvoredos sentimentaes, sobem rapidos, como que trepidam ou seguem traçando rétas de enigmatica viagem, os caprichosos maçaricos costeiros, que

ali substituem, com inexcedivel leveza, os ibis da tão falada laguna asiatica.

Atravessa-se a ponte e logo ficam atraz, presos, os olhos que tocaram um dos mil accidentes encantadôres desta paisagem.

Num instante, o rio, que foge entre os pégões, parece correr ainda na enganada alegria de outros logares, quando o esperavam os silvados em moita e as brancas flôres dos sabugueiros ingenuamente se humedeciam, roçando a verdura da corrente. Mas já alem, n'uma distancia que um vôo de ave mede, a areia enverdecida, crescendo e sofregamente conquistando o solo, corta subito e com amargura a liberdade à grande illusão, comprimindo a agua em que a vida do Cavado sente, serena mas dolorosamente, desprender-se-lhe d'alma a ultima e fatal nota amorosa do seu caminho de apenas um dia...

E á medida que a diligencia avança surgem e multiplicam-se, em todas as direções, os moinhos de vento que airosamente talham, nas quatro laminas de linho, as humidades da bacia ao brocado tranquilo do espaço embebecido e em extasis. Grupos ha, rodando com lentição, que parecem sonhar, e isso tão monotona e ingenuamente como quem, adormecendo creanças, medita o horisonte melancolico ás coisas desconhecidas da existencia... Outros, mais velhos e esgalhando para a dureza do azul que os desenna, resultam perfeitos esqueletos de arvore de fogo queimada, pacientemente apodrecendo com o sol.

Passa Espozende, onde o rio enfim expirou, ao longe, na afoiteza do mar sem um estremecimento.

No centro urbano, o deserto das ruas e a clara graça das rendas frescas que interiormente revestem os envidraçados humildes — tão agradaveis na triste solidão solheira da terrasinha asseada — caracterizam este como os demais concelhos maritimos, onde, do misterio da agua, se impregna nas populações um forte amôr à intimidade, de certo modo religioso e sem isitações animado de orgulho.

O empedrado das ruas barulha e desperta logo, dando signal, os habitantes recolhidos, que o fundo mar mal perturbava e lá dentro, nas cosinhas abertas ao hortelho, conteiam peixe ou emalham redes, alongando o trabalho n'uma voz de canção que a monotonia do oceano visinho lhes emprestou. Velhas igrejas, de altas portadas, empoando e crestando á luz ardente do vale costeiro, cerram-se e parecem ter adormecido... A's vezes, em voz de reminiscencia marinha e que espalha no ar, em soluço, uma mais que profunda saudade, escuta-se, com enternecimento, a amargura de nomada ao canto phenicio num pregão desgarrado que enche de melancolia os arruados sem vida.

E a vilasinha finda depois. Claras casas do arrabalde, com alegres manchas de sol que se agitam a distancia como lenços familiares vibram de um ingenuo encanto e cre-se que riem infantilmente. Atracadas ao cais surgem as embarcações devotadas aos santos e que os rudes invernos maltrataram. Novamente se abre a estrada, junto de que os eucaliptos, em floresta, bebem com enlevo a doce liberdade do espaço. Depois, o mar, descobrindo, regressa á sua anterior amplidão.

Ah, n'esse instante, em que amoroso ritmo se suspendem e des-cerram as nossas almas. As encostas, crescendo tanto e tão nobremen-te que exigiam ao alto a consagração de um templo, defrontam o mar e desdobram, sempre fixos n'ele os olhos religiosos, por tanto tempo quanto, até aos vales distantes de Anha, o mar as distingue e como que cresce, ancioso, para elas!

Logo em São Bartolomeu rangem os carros de bois pelos eixos violentados, aguentando as carradas dos moliços ao côro barbaro dos sargaceiros, que marramalham para manterem intensas as energias ao trabalho estuante.

Depois, os freguezes do tejadilho encapelam o cigarro sob os de-dos, contra a boca em sombra, e vão-se, conformados com o rodar da traquitana, a embeirarem terras razias a um lado, e alegres mi-lheirões ardentes á outra banda, sob a violencia verdadeiramente unica do sol.

Entretanto, no silencio das varzeas, á beira estrada, aparecem os humildes cruzeiros caíados. Do outro lado ou adeante, na primeira agua dos beirões, dormem e reluzem as aboboras de inverno. Ha quintas, a distancia, de tão floridas terras que parecem jardins, e em que se afundam os olhos com uma suavidade sem limite. Bravas rolas, em rancho, estremecendo e luzindo, demandam, como mão cheia de papeis soltos, o deserto das praias, na direcção do vento...

Tudo sofre do sol e sorri ao sol que o cança!

A toda a linha esquerda da paisagem o mar, abrindo o seio á luz, ilimita-se e brilha de uma cegueira de espelho.

Aqui e alem, nas casas pintaroladas, as tasquinhas, com o lou-reiro crestando, semicerram no murmurio intimo das moscas a grande portada vermelha á canicula.

E a estrada sobe e volta, fatigada do mar, correndo na benefica sombra dos pinheirões a aldeia sempre verde de São Paio de Antas.

Passa-se o Neiva, que redemoinha, ferve aguas, èntre o rodar cadenciado das azenhas.

Para o leito da estrada, o sol, agulhando atravez os pinheiros, tece a espaços, sobre a poeira moida, rendas que abrem, em perfeito estado de encantamento, o grande motivo doirado.

Em São Romão tiramos o nosso chapéu ao mosteiro em ruínas, que se esquece na graça do dia de primavera, tranquilamente descansando entre os vinhedos.

A diligencia baldeia com os freguezes meio tomados do sôno.

E surge, com a estrada de Barcelos a Viana, uma das rectas maiores e mais desafogadas de Portugal.

Anha averdisca de um e outro lado, espraçando-se do centro da estrada para os dois prados, como um insecto raro que descança e breve, e imprevisivelmente, desenvolverá as azas, n'um grande vôo alegre.

Chega o corcovado da Ola, onde de novo os cavalos entram de mascar o caminho, transpirando e tragando a custo a ladeira ingreme.

Em Darque descobre-se o vale do Lima, num paraíso de aldeias descansando os casais, como nuna presepio oitocentista.

Ao fundo, barrada de cinzas da luz violenta do dia, a Serra da Arga figura de promontorio santo para os serranos fechados nas leis sagradas da tradição.

E a estrada, que volta a ser plana, desenvolve-se á sombra de abençoados e largos pinheiros mansos, dentre que as rolas surgem adoçadas pelo secreto momento dos idilios fruidos.

Até que ao fim, e de subito, quando os freguezes da diligencia vão já grisalhos da poeira do caminho, baldeando quasi adormecidos á livre folgança das molas e dos cavalos — com uma scenografia sem igual, uma amplidão rara, e côres, na agua e nos arrebaldes, de todo o ponto inéditas, surge Viana do Castelo, clara e planamente mediterranea, a meio de cujo idilio eliseo, que o grande sol parece desdobrar, o rio sobe das varzeas, cresce, aproxima-se, entra, espelha a mole urbana, conduz o *cenatus* das barcas e ao longe se entrega, resolute, pelo mar, na mais linda, mais terna e corajosamente profunda aventura de que ha exemplo no caminho eterno das aguas!

E de Viana a Ponte do Lima!

Na primavera bem se pode acreditar na fabula do monastico, aceitando terem sido estes os ditosos prados floridos do paraíso.

Corre o rio Lima á direita, não proximo, mas tão azul e agradavelmente distante que n'ele, na sua serenidade, os olhos bem descansam a alma com dilatado regalo.

E' manhã.

A deligencia vae cheia.

Na frente, como cêra para uma romagem, os varapaus erguem-se, direitos e afiados, muito acíma da galeria da imperial, e a um lado, redondo como uma papoila, o guarda sol de cannas de uma camponeza idosa parece, rodopiado com graça, arder e cantarolar.

Atravessamos Santa Martha de Portuzelo. Que a veneranda, do alto da sua barca de paninho azul, com a agua benta da sua linda caldeira de prata, nos livre d'aquêle formidavel dragão a quem, segundo um sermonista, miraculosamente esquartejou em Marselha...

A estrada, entre os pomares, desenrola-se clara e agradável como num sonho.

Passa o cruzeiro da parochia, de um Renascença de applicação aldeã, com a sua Virgem das Dôres suspensa e em prantos a meio do monolitico, recordando tão flagrantemente a decoração ás cruces com filigranas que as nossas camponezas usam enfiar nos grandes cordões de festa.

Alpendurado no tejadilho, vêm-se os vales rasgarem-se, alem, num espectáculo admiravel. A meio sobe o rio, num manso rebanho de aguas. Mas para lá, pela planura e as encostas, amplissimas, clareiam aqui e alem as habitações entoucadas pela verdura, e os cedros e as torres, agulhando para as nuvens, em sentinela, revelam-nos os tão felizmente esquecidos povos de Vila Franca, na varzea; Deo-Christe, ao alto; Santa Leocadia de Geraz do Lima — a aldeia da minha paixão — sumida sob o pico votivo do Facho; e outras mais, ao redor de ermitérios, que se escondem do rumor e dos homens, todas felizes da sua paz.

Estamos no mez de maio, e os campos, entretanto que a diligencia desliza retenindo os guizos dos quatro grandes cavalos ofegantes, desenrolam-se e vão lentamente mostrando, deste tempo alegre das ladainhas, as suas cerdeiras, as suas macieiras, as suas amendoeiras e as suas olaias, todas encantadoramente toucadas de flôres côr de ametista, de coral e de prata — as ultimas, então, moças e fortes como promessa para um noivado ardente.

Serreleis é a nova freguezia por que passamos. Abaixo, crescem verdes e a sumirem-se para o fundo, até á fita aberta do rio azul, os altos, crespos centeios da primavera. E na estrada, em frente, com o jugo do carro enramalhado de maias, vem subindo, parece que de conversa com a junta, uma camponeza formosa, de grandes olhos negros e a nobre graça de um seio robusto, que encaminha, lenta-

mente e a mordiscar o pão do avental, a carretada preguiçosa para Viana.

Seguem-nos, a distancia, duas serras monumentaes, dois monstros erguidos como para vigia no bom destino desta jornada! Do lado esquerdo é a Arga, soberana e longa, que formidavelmente cresceu e se desdobra, abraçada na raiz pela singela e humilde verdura das hortas. Ao fundo, bem longe e menos sombria, é a celebrada Serra Amarela, um glorioso fantasma evocadôr das tradições politicas e aventureiras da provincia, que suave e tranquilamente se enclina, a desdobrar para o planalto transmontano.

Entramos então em Cardielos.

Maio, o mez pagão, rescende aqui com maior ardencia e desejo.

Nas janelas de vidraça, por onde quer que a diligencia, trotando e descendo, no-las mostra e oferece, surgem as flôres com uma ingenua rescendencia bucolica. N'esta é o ramo de cravos do balseiro; na outra, adeante, são as sanguinias e fortes rosas de «palmeirão»; e, entanto, em quasi todas se entrelaçam a arruda e o loureiro, misteriosas plantas de virtude que espantam ao maio o delirio diabolico.

Pelo Lima, depois, sobem, deslizando ao esforço da vâra, as barcas com estandarte, que arregimentam, de pé, entre o brilho distante dos seus cantaros desenhados em *quarta* e a verga seca dos cestos a racharem ao peso das grossas hortaliças perfumadas, as anchas e formosas leiteiras e hortelôas de Geraz.

Porém, a olhar fixa e enternecidamente o prolongado episodio do rio, que por assim dizer embala um ritmo de uma evocadora e grata harmonia, esquecemo-nos de que a diligencia continua trotando, descendo a ganhar o plano tranquilo dos vales.

Agora é a freguezia de Vila Mou, extraordinaria de paisagem, pois que, desde ali, no caminho aberto até á montanha sombriamente azulada do horizonte, toda a aldeia abriu florescida e de modo a sugerir, na imensa tranquilidade e colorido do seu conjunto, um pictresco e enorme rebanho em folga, de admiravel expressão primaveril.

N'este mez não ha mais lindos prados em qualquer parte da terra. Em botões vermelhos, o solo parece ter chamado ao rosto todo o calor e encanto do seu coração em permanente e recondito estado affectivo. Pastam os gados n'uma liberdade e abundancia primitivas por sobre os campos adamascados de trevos em flôr. Pegureiras rudes, de largo chapéu de palha quebrado no sobraço, fincam o varapau no torrão e unem as faces ás mãos plebeias, abstratamente a acompanharem o baloiço dos que passam em jornada. E' pleno reino

fantastico, uma animada visão ideal para um latino imaginativo. Subito, porem, um montado cresce, surge uma habitação abraçada em maias, os damasqueiros emplumam de flores, e o vale interrompe-se, ainda humido de graça vivaz na retina animada que anciosamente o gosára.

Pela estrada, entre a poeira e os gados que desembocam dos atalhos, essa cadencia grata da estafeta succede-se.

Mas de repente — e não se produz mais rapidamente um relampago — surge de novo o vale, em Lanhezes.

O palacio dos Almadas, dentro dos muros, dorme envolto na rêde sombria dos cedros, das tilias, dos platanos e dos agudos pinheiros orientaes. Num instante e entre a clareira de uma rua do parque, rapidos como pequenas notas cinematograficas, passam os trechos de um tanque, uma galeria portugueza, o braço forjado de um lampião de cunhal e um escudo, ovalado, recebendo em cheio, como uma homenagem, a força do sol que se descobre. Passam novas arvores, e o escudo volta de novo a destacar-se. E' de oiro, com banda de azul carregada de duas cruces floridas do campo, vazias de banda e acompanhado de duas aguias de vermelho, membradas de oiro. No timbre, de uma maneira gloriosa, uma das aguias, armada e membrada n'um tom aureo, cresce a dar-lhe uma forte e dominadora expressão germanica

E proseguindo, alcança-se, de olhar voltado para qualquer zona agraria, um admiravel e longo desdobramento de motivos. Outros medronheiros, novas macieiras, ranchos continuos de cerejeiras e olaias, crescem e riem por toda a parte, num desenvolto florescimento captivante; e a estrada declina então, com um maior perfil, já a oferecer-se, resignada, aos vales longinquos e prometidos de Ponte... Entre a freguezia que enche dentro a diligencia e quasi toma, na deanteira, uma expressão de altar, não se ouve, mesmo dos natu-raes do campo e ali visinhos, uma palavra, um comentario, representando desatentamento, tão fundo é o estado de sentimentalidade em que a beleza da paisagem os embala.

Fazem-se mais umas voltas, por vezes abraçadas no arvoredor ora florido ora de largas copas renascidas — de um verde fresco de agua. Voltaram as vinhas de enforcado, livres, trepando como rapazes os galhos floridos das cerejeiras. Ao de cima da floração doirada das arvores ainda se descobre, ao fundo, o pano atijolado e forte das iminencias da Amarela. E então Bertandos dá-nos os seus bons-dias, marcando as sete horas matutinas no relógio de sol suspenso ao alto de um angulo do palacio. Uma luz vibrante, de verdadeira primave

ra, parece alçar, numa vehemencia de mocidade, o corpo medieva-lesco da construção a um tempo forte e triste. Bate o sol nas vidraças, produzindo uma espelhoria flamante; cerrados panos de heras palpitam; luzem ros arruados as flores, muito humidas e alegres; e assim, no conjunto da habitação, do arvoredado envolvente e o colorido ingenuo dos jardins, amolentá e adoça o desenho ás coisas um grato, profundo banho de frescura, que enternece.

E de novo o vale explende, formigando as habitações de cartão, muito alvas, em todas os planos que é possível permitir um pano de verdura fresco, rico, uberrimo, e de uma proporção aparentemente infinita.

—Eh! Ponte do Lima! — é a exclamação secundada pelos corpos que nervosamente se agitam e levantam a um intenso impulso das almas satisfeitas.

Se a paisagem foi belamente ampla ao sair de Viana, em Santa Marta, em Vila Mau e Lanhezes, abrindo os campos arvoredados, além dos prados e o rio, até á encosta e a serra, aqui então, de um tamanho que absorve pelo encantamento, já não é possível encontrar-lhe medida, semelhança objectiva, ou agrupar sequer os *verdes* e *azuis* cambiantes da sua inovildavel riqueza geral de tons, visto que nem a sua imagem palpitante, nem o envolvedor espirito da sua frescura consentem, ao viajero amoroso, mais do que este a um tempo humido e quente estado da alma suspendendo-se com vagar e ternura á fiôr viva do olhar, maravilhadamente perturbada e esquecida!...

O lagarto coleante do rio azula a meio e longamente. De quem e alem a agua, em que se aprofundam as nuvens vagas do ceu, abrem-se e ligam entre si os panos verdes das veigas atalhoadas. O panorama é muitas vezes interrompido, e com nobreza, pelos ciprestes sombrios, que se levantam, como um signal, no reduto do eido de cada propriedade. E a tres quartos de ambito a paisagem imensa entra de subir em todas as direcções. Pelo costeadado dos outeiros, as casitas quadradas rebrilham, envoltas no fumo crespo do sol. Aqui e alem os laranjaes arredondam de alegre sombra. Multiplicam-se as notas quentes dos espigueiros vermelhos, como bandeiras esquecidas dos ultimos arraiaes. Aguas virgens luzem, descendo a encosta. Mais pelo norte das cumiadas ogivam então, num triste silencio remoto, as frontarias dos santuarios. Ha loureiros amaveis, de onde em onde, que brilham em aço as copas pesadas, como gloriosamente convem a uma colonia de latinos. E ao cimo, as serras, num rebordo gigante de bacia sem paralelo, têm, em contraste com o verde meigo do vale

profundo e o torrado sujo dos matagaes, nas encostas, uma côr mineralmente translucida e em que ainda se refletem os ceus, fundindo depois na atmosfera grisalha com serenidade e transporte.

A deligencia, descendo, roda então sobre as lages da velha ponte romana, e aí entramos na vila.

Tudo isto, amigo meu, eu vi quando ainda, nesta provincia, o torrão era apenas dos homens, e o livre espaço consagrado com orgulho apenas á immortalidade das aguias.

Estas jornadas do litoral e das varzeas, com os seus carros tenidos, os seus cavalos ofegantes e estridula a corneta de metal que até longe levantava os povos, impregnavam tanto as almas da essencia espitual da região e creavam no todo intimo de cada individuo um tão enraizado, forte e caracteristicamente peninsular espirito de unidade, que, não ha nega-lo, a um tempo a lingua e os costumes, na mesma primitiva braveza, transpareciam um só laço unitivo entre o lavrador tradicional e a leiva grelada.

Na representação das cidades e vilas a diligencia de ida e volta, procurando conservar acima de tudo a constituição moral e o tradicionalismo alegre, portanto feliz, a cada um dos seus clientes, representava com a simplicidade do seu maquinismo o meio unico e sobejo para o exercicio da manutenção dos interesses.

E não só ela era, conduzindo diariamente os freguezes a comarcas e logarejos, uma facilidade veicular para negocios e curiosidades. Nos reverberantes dias de romagem, com a imperial festivamente incendiada pelo movimento incessante das bandeiras, ao redor a carcaça ampliando-se com a ornamentação verde e forte dos ramalhos, nas quatro varas de palio da cobertura encortinada — como os pampanos de oiro revestindo o monolithico das latadas — as hastes frescas do sabugueiro trepando em espirais florescidas, tudo emfim, e entretanto que o cavalo sóta vibrava dos acordes dos harmoniuns e a corneta de metal gritava em desafio, transluzia a graça a uma indole que proviera directamente, na emoção dos seus costumes, do torrão generoso para a creatura igualmente generosa.

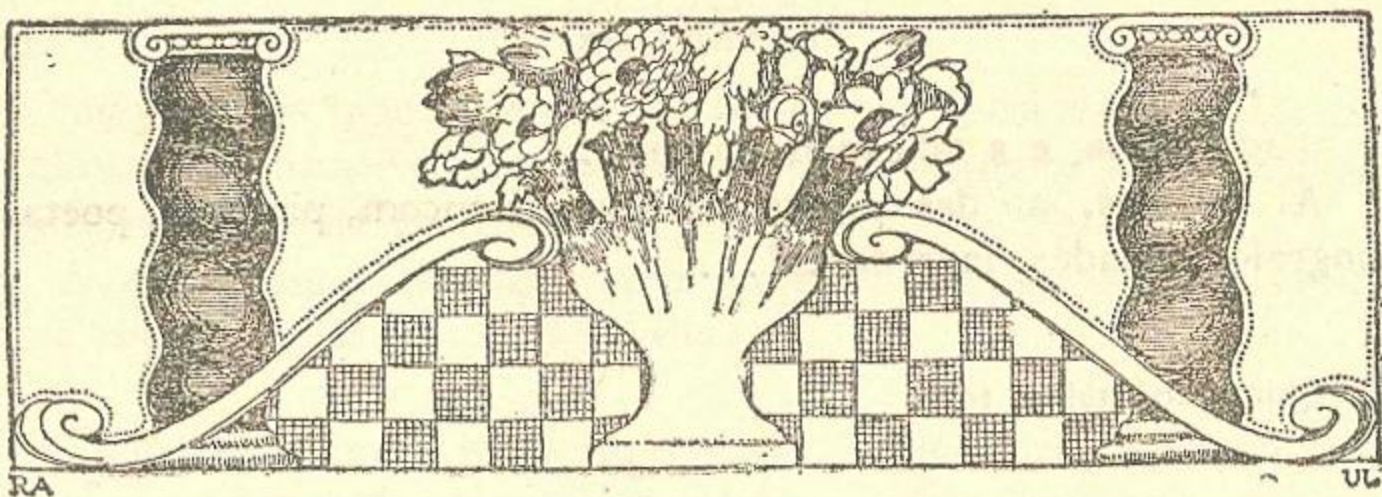
E a querida consoladora dos namorados da serra, do outeiro, do vale e o rio, eis que ingratamente é transportada, sem outras lagrimas que as minhas, e como um objecto arcaico, ao muzeu, ainda hoje apenas idealizado, da etnografia da provincia.

Corre a graça das mãos do homem como as rosas das mãos do vento...

Tudo passa, e a diligencia passou...
Ai de nós, ai das almas que nos pertencem, pintores, poetas,
etnografos, abades, lavradores!...

Quinta do Atalho, 1918.

ALFREDO GUIMARÃES.



OLHOS VERDES

*N'aquela hora,
Em que a luz esmaéce a côr sonóra
E viva das papoulas,
— Que o nosso olhar desvaira e perde...
E em que o sôl põe pelas vidraças
Scintilações e graças
De lantejoulas
Eu vi uns olhos de veludo verde.*

*O Outono, com mãositas misteriosas,
Ja espalhando as arvores e as rosas,
Como quem conta as silabas d'uns versos,
Profundos e caóticos...
E aqueles olhos verdes, de vitraes,
Tinham os reverbéros dos cristaes!
— Algidos e preversos
Como os olhos de certos diabos góticos.*

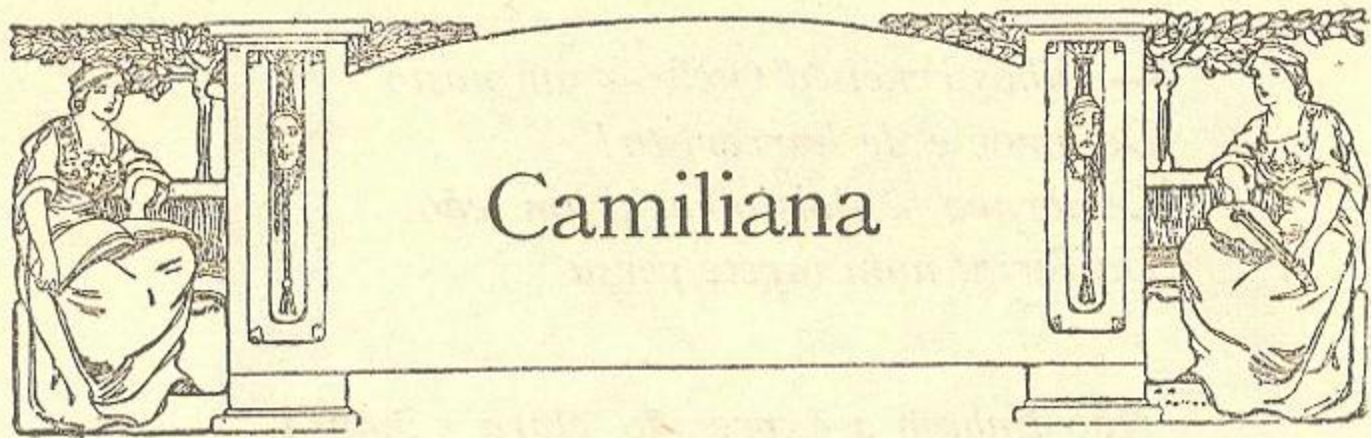
*E esse olhar enigmático feriu-me
Com a sua algidez de ciume,
E sua trágica expressão
De fixidez perversa.*

— Olhos crueis d'Otelo — um misto
De amor e de imprevisto!
Lembrava os dois olhos d'um leão
Da Siria, num tapete persa.

Não tinham a expressão, clara e mansa,
D'uns olhos de creança,
Ou d'umas loiras tranças soltas,
Ou d'uma luz d'estrelas sobre o mundo...
— Olhos vitreos, fataes,
Apocaliticos vitraes...
Duas ondas revoltas
Com um brazido lá no fundo!

Veuu a Noite fechar o seio ás rosas.
Entre o arvoredado havia volutuosas
Canções de beijos...
Almas sangrando amor... bôcas coladas!
— Um grito de pavão varou o jardim!
E aquele olhar de Machbet, preso a mim,
Longo como desejos,
E fino como laminas d'espadas!...

Foi-se... E eu não quiz segui-la!
Hoje, p'ra mim, essa hora tranquila
É uma saudade,
Uma cruel saudade que me perde!
Olhos fantasticos, sagrados Ganjes
De luz! Brilhantes como dois alfanges,
Vivos como a Verdade...
Esses dois olhos de veludo verde!



III

UMA CARTA DA PRINCESA RATTAZZI

Marie Leticia Studolmina Wyse, senhora de Rute e Solms, viuva do estadista italiano Urbano Rattazzi (1808-1873), — foi a auctora do livro de viagens — *Portugal à vol d'oiseau*, que Camillo celebrou pela troça que, a tal proposito, e contra ella, escreveu, em seu opusculo de desforço, sob o proprio nome da inconsiderada escriptora: — *Senhora Rattazzi*.

Ao sr. Julio Palmeirim devemos a carta seguinte, por Marie Rattazzi dirigida ao distincto Poeta Luiz Augusto Palmeirim, pae daquelle nosso amigo, que, para a segunda tiragem do livro *Camillo Inédito*, no-la remetteu.

Porque julgamos de oportunidade a sua inclusão no presente *In memoriam* (1), do melhor grado, e em primeira leitura, a damos aos seus leitores, certo de que da sua publicidade revive, como de nenhum outro documento, a impressão que da desproporcionada campanha de Camillo se fez no animo da auctora, já ao tempo penitenciada de suas levianas notas.

O que da immediata se infere é que esta se sentiu fundamentalmente com os commentarios de Camillo, e dahi o ter pedido auxilio a Luiz Palmeirim para a *opprimida*, desculpando-se das suas demasias de annotadora, pela intenção de mero *humorismo*, que não de impertinencia, — a impertinencia que em sua obra viram os interessados.

(1) Obra até hoje inédita, organizada pelo sr. Ventura Abrantes, e para a qual, haviamos, a seu pedido, escripto esta noticia.

Como quer que tenha sido, quem se não dispensou de comentar violentamente a celebrada obra foi Camillo!

Dos seus escolhidos e clamados juizes é que não appareceu um a defendê-la!

Todos em... Berlim!

Ancêde, fevereiro de 1917.

VILLA-MOURA.

A Carta :

Palacio del Recreo
Alameda de Hercules

Séville.

Cher et illustre poète,

En même temps que cette lettre, je vous envoie un exemplaire de mon livre sur le Portugal.

Dites moi que tous les juges ne sont pas à Berlin, et que vous allez prendre la defense de l'opprimé...

On fait d'un journal humoristique une matière à polémiques. Je veux bien que ma plume, voyageuse, capricieuse eût par-ci par là usé et abusé de la latitude que je lui laissais ; mais de là à meriter un haro général il y a loin. Il ne faut pas oublier que mon livre est un journal de voyage, écrit au hasard de mes courses para los montes.

Vous, le grand esprit, le poète par excellence, vous lirez entre les lignes, vous romprez une lance en faveur de mon intention, qui était, qui est bienveillante et eminentement sympathique pour votre admirable pays.

Ce qui peut me nuire surtout, ce sont les citations tronquées, mal choisies, et qui, ainsi que des valets de bonne maison disent tout le contraire de ce dont les avaient chargés leurs maitres, suivant la spirituelle expression de M.^{me} Sévigné. Et voyez-le par vos même.

A en croire les journaux, je vous aurais témoigné rien moins que ma profonde sympathie. Prenez mon livre et lisez et dites-moi si le parti pris n'est pas irrécusable, si cette malveillance ne ressemble pas en *si ce n'est toi, cest donc ton frère*, de La Fontaine.

Peut-on voir dans ce que j'ai dit de vous autre chose que le témoignage de la vive admiration que vous m'inspirez, vous en qui je revois Béranger l'ami de mon enfance!

— Cet exemple est concluant.

Marie Rattazzi.



II Novembre 1918

*Eh quoi !
Tout s'effondre devant nous !
Nous voici haletants encore
du rude effort
et le front tout ridé des plis
creusés par notre vie
hora la vie.*

*La Grand'oeuvre parachevée
quelle oeuvre viendra
pour nos bras ballants ?*

*L'exil et les rancoeurs
nous avaient pourtant
taraudé le coeur
de tragiques ennuis
et la peur
agrippé les tripes
avec des griffes d'acier,
certains jours qu'il faut avouer . . .
tout au long de cette guerre.*

*Mais quelle joie viendra s'épanouir dans nos coeurs
après la joie
de la Grand'oeuvre
parachevée ?*

*Mais quelle joie vaudra la sombre joie
de bondir avec les chars blindés
hors l'enfer d'une tranchée de départ :
l'acier n'ayant émoussé la volonté
que des tués.*

*Mais quelle joie vaudra la sombre joie
d'un regard d'homme à homme échangé,
d'un regard de parfait amour,
d'un regard plongeant dans l'âme splendide
d'un inconnu,
alors que la vie de chacun
valait moins qu'une douille vide.*

*Mais quelle joie vaudra la sombre joie
des retours à ce que l'on aimait d'amour ;
si courts que tout était beau sans mesure :
la nappe blanche,
des paroles toutes simples,
quelques notes mal égrenées . . .*

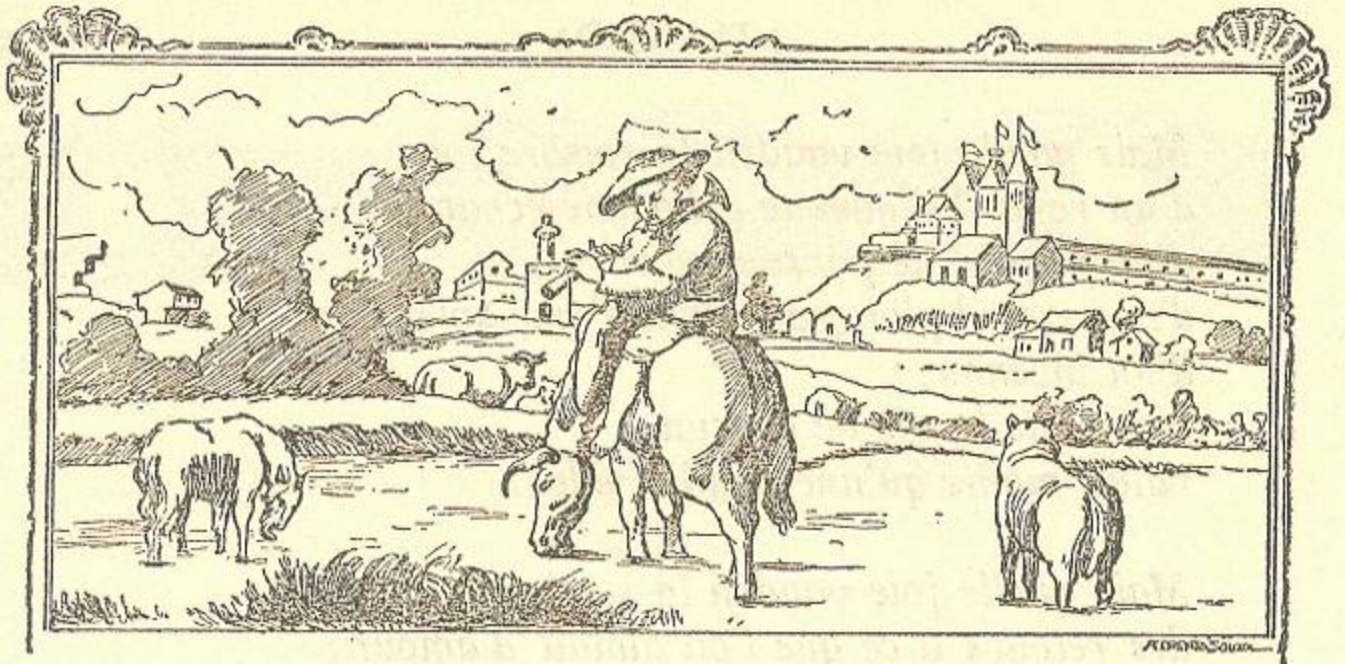
*Allons, il est temps,
dis adieu à toutes les souffrances
qui t'avaient fait moins laid !*

*Allons, il est temps,
scelle une dernière fois ta paume
dans la paume de ton frère des mauvais jours
et puis lui dis adieu !*

*Souviens toi de sa face
si, pareille à ta face
après de certaines nuits . . .
et puis lui dis adieu.*

*Demain s'effacera de ton front comme du sien
le rude pli de la volonté de vivre
au-dessus de soi.*

PIERRE DUCHATRE.



Estradas de Coimbra

Seguir estradas em fóra, manhãzinha, quando a cidade despertando começava a abrir as palpebras de nevoa, ou ao entardecer, quando as colinas eram já côr de violeta e os choupos de ouro fôsko, tinha para mim o encanto de uma cousa familiar mil vezes vista e sempre amada.

Uma estrada é um caminho aberto para o coração da paisagem. Por ela se ausculta a vibração da vida de cada região, por ela se desvenda cem vezes, num caminho, o misterio oculto para alem da primeira colina. Correm os rios mansamente ao lado, desfilam os pinhaes, os rochedos, o casario tresmalhado pelas encostas, e de tudo os olhos vão tomando posse, uma posse depressa abandonada, mas que aumenta sempre o tesouro das impressões, a melhor de todas as nossas riquezas.

Estradas de Coimbra! Que saudades...

Estrada da Beira, que o do Só cantou, com as tricanas passando afogueadas, levando nas canastras cheinhas o leite dos montes ou a fruta dos pomarsinhos estreitos que florescem frescos no fundo dos valeiros! Entre os pinheiros altos e as urzes rasteiras, tallhada na frescura do schisto pardo, ela lá vae, galgado o rio, penetrar na montanha, com o Ceira ao lado a cachoar nas pedras e a ensaboar os açudes...

Estrada de Lisboa, cortando como um golpe de montante o seio turgido das colinas, sempre a subir e a deixar a cidade mais em baixo, até chegar à capelinha ideal da Saude, melhor seria chamar-se da

Saudade, lugar classico de despedida dos estudantes do tempo antigo. Por ela os moleiros de Sernache trazem pão à cidade, nas suas carrocinhas curtas de rodas céleres, todas polvilhadas da poeira branca que filtra das sacas empilhadas...

Amoravel *Estrada de Eiras*, toda de curvas lentas, desdobrada entre oliveiras côm de cinza e terras amareladas, transplantadas de uma paisagem da Helade ou da Toscana, que leva em romaria a S. Paulo de Almaziva, o mais lindo e recatado cenobio dos arrabaldes de Coimbra!

Estrada da Conraria, saída de ao pé do Convento Velho para acompanhar a margem esquerda do Mondego até á primeira grande curva, deixa-lo um momento, trepar o cabeço que separa o alveo do rio da conca do grande lago morto de ribas avermelhadas e sombrias, de entre Joariça e Ceira, para, já de volta, desaguar e perder-se na Estrada da Beira!

Companheira do Mondego, a *Estrada de Penacova* leva-nos, como se seguissemos rio acima num d'aqueles longos barcos de bicos revirados, por sobre todas as curvas, e areaes de ouro, e sobressaltos da corrente. E, como as aguas do rio, saudamos na passagem o arvoredado das margens, a rêde de malha larga dos olivaeos que vestem os ingremes cabeços, os casebres toscos dos moleiros...

A *Estrada de Penela* abandona os campos de milho da margem esquerda um pouco antes de S. Jorge, o mosteirinho que D. Sisenando votou à Virgem por memoria do seu milagre, tão semelhante ao de Fuas Roupinho. Sobe depois, sobe sempre, para Penela e Alfafar. Resoam acaso os nossos passos sobre as lages poídas de uma perdida *via romana*? Cipestes antigos, graves como monges negros, acompanham a estrada ou acolitam as *villae* renascença, em que reconstituimos, atravez a ruina das suas varandas e portaes, as velhas casas latinas.

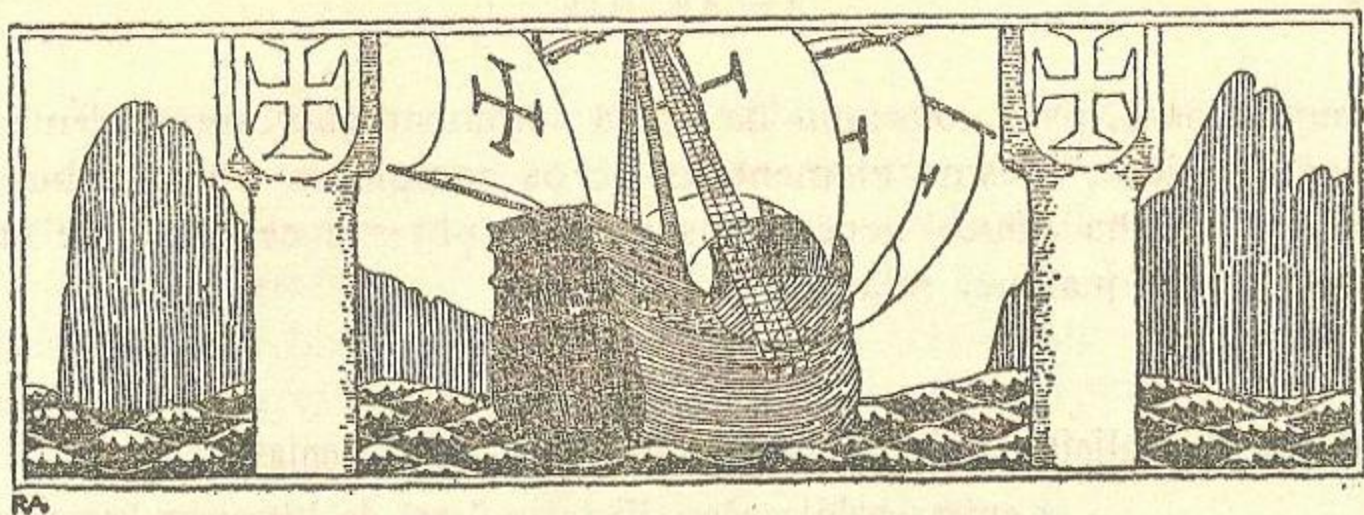
Ultima das grandes estradas de Coimbra, a da Figueira, *estrada da borda do campo*, corre verdejante de choupos, e ulmeiros, e freixos, à raiz das colinas da margem direita do rio, os fundamentos empapados da agua das valas, ao lado da veiga fertil onde as sementeiras vicejam e as manadas de eguas e poldros pascem livremente. E' ela que em verdade revela os *saudosos campos* do Mondego, que melhor no-los faz conhecer e amar...

Estradinhas do Almegue, à beira rio, de Coselhas, entre colinas, de Tovim, caminho da Serra; caminhos velhos, sem nome, enterrados entre arrifes donde as lucia-limas se debruçam rescendentes, naves de

claustro cheias de recolhimento e silencio, quem poderá nunca esquecer-vos, vós que formaes o encanastrado viridente do açafate florido, donde a cidade emerge, vós todos que nos daes a conhecer as melhores belezas, as mais autenticas e perduraveis belezas de Coimbra! Estradas de Coimbra! Que saudade...

(Do livro *Arte e Arquelogia*, no prelo.)

VERGILIO CORREIA.



A questão colonial

XIII

A *Atlantida* honra-se hoje inserindo um capítulo inédito de um novo volume de estudos colonias, a publicar brevemente pelo eminente colonista que é o sr. Ernesto de Vilhena. Escriptos no principio de 1918, depois de o illustre homem publico abandonar a pasta das Colonias, alguns tiveram já publicidade e ninguem ignora o interesse com que o paiz os leu, por virem de uma personalidade que reúne o talento e cultura de um tratadista á experiencia e aculdades de realização de um colonial consideradissimo. Porque o momento pertence com inteira razão ás colonias, de que depende tanto do nosso futuro, a *Atlantida* não podia deixar, dada a sua alta funcção nacional, de interessar-se tambem por elas. E tem a subida honra de entrar no complexo e importante problema pela mão de quem mais autoridade tem para o fazer.

Estão de ha muito reconhecidos em todos os paizes os utilissimos resultados que de uma bem orientada propaganda podem obter-se para o desenvolvimento colonial. Entre nós, ao contrario, essa propaganda, quando emprehendida pelas estações officiaes, ficou sempre limitada a reduzidas proporções, e nem mesmo se comprehendeu, ainda, a vantagem de dar larga publicidade a todos os abundantissimos elementos de informação que nos vem do Ultramar, ou que existem esquecidos em archivos nacionaes ou estrangeiros. São conhecidas as dificuldades com que sempre luctou o estudioso ou o

commerciante, para conseguir da nossa administração central elementos estatísticos, mesmo elementares, e os complexos tramites burocrativos até ha pouco necessarios para se obter a cedencia de um exemplar de qualquer relatorio já impresso.

Serviços de publicidade e propaganda. «O Archivo das Colonias»
e outras publicações. Historia Geral do Ultramar Portuguez

Tal estado de coisas não podia deixar de merecer da minha parte cuidadosa attenção. Pelo que diz respeito, propriamente, á propaganda dos recursos do nosso ultramar, á preparação e reunião de todos os elementos de estudo indispensaveis aos emprehendimentos de agricultores, commerciantes e industriaes, projectava eu, a quando da reforma do ministerio, crear uma «Repartição de estatistica e informações» com função analoga á do «Office colonial» francez, e ao «Imperial Institute» de Londres. No relativo a publicidade geral, procurei, em primeiro lugar, desenvolver no funcionalismo colonial o gosto pela elaboração de relatorios e informações cuidadas, para o que se expediram as ordens necessarias, e fiz exhumar dos archivos e publicar, louvando os seus auctores, alguns documentos d'essa especie, mais apreciaveis uns avulsos por mais volumosos, outros em colecção que chamei de «Relatorios e informações», como a publicação congenera iniciada por Freire d'Andrade em Moçambique. Assim se publicaram, ou iam ser publicados, os relatorios Alves Roçadas e Pereira d'Eça, sobre as operações em Angola, os dos governadores Moura Braz e Felner sobre a Huilla e Mossamedes, o de Sacramento e Sousa sobre a gerencia da alfandega de Benguella, de Juvenal Elvas sobre correios e telegrafos ultramarinos, de Ferreira Diniz sobre a etnografia d'Angola, de Massano de Amorim sobre a historia da divisão administrativa d'esta colonia, de Judice Bicker sobre Cabo Verde e outros. No intuito de facultar aos estudiosos o conhecimento dos relatorios apresentados ao Congresso pelo ministro Almeida Ribeiro, com o qual colaborei, relatorios que encerram uma enorme somma de elementos uteis e poderiam, incontestavelmente, servir de expositor na nossa Escola Colonial quanto a systemas de administração financeira das Colonias e sua historia em Portugal, determinei que se fizesse d'ellas uma segunda edição, que ha pouco appareceu.

Reagindo contra o systema absolutamente retrogrado e pouco inteligente de nas colonias se fazerem tiragens muito restrictas das publicações officiaes, recomendei a sua ampliação e distribuição.

Cuidei, tambem, de divulgar largamente, os documentos de interesse para a historia do nosso Ultramar. Ha, a este respeito, uma monumental tarefa de resurreição a emprehender. Apesar dos esforços de poucos, mas benemeritos, investigadores, cujo merecimento é tanto maior quanto menor é, n'esta boa terra de Portugal, o apreço, attenção e recompensa que se lhes liga ou concede, pôde dizer-se que a historia do Ultramar portuguez está por fazer; e que as series de documentos até agora dados á publicidade: «Annaes do Conselho Ultramarino», «Annaes maritimos e coloniaes», «Archivo portuguez oriental», «Gabinete litterario das Fontainhas», «Archivo dos Açores», «Alguns documentos da Torre do Tombo», (descoberta da America), «Noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas», «Collecção de monumentos ineditos», da Academia das Sciencias, «Collecção do Centenario de Ceuta e de Albuquerque», e muitas outras, são inferiores, em envergadura, ás enormes e monumentaes collecções do estrangeiro; como, por exemplo, a «Collection de documents inédits pour l'histoire de France», de mais de cem volumes, a «Collección de documents inéditos relativos al descubrimiento, conquista y colonisacion de las posesiones españolas... sacadas del real archivo de Indias» (40 volumes) a «Colección de historiadores de Chili», (trinta e tantos volumes), a collecção da «Hakluyt Society» (mais de 150 volumes), a esplendida «Raccolta Colombina» (14 volumes), e outras muitas que encheriam columnas, e de que apenas destacarei, ainda, a valiosissima e primorosa Collecção «Rerum Ethiopicarum Scriptores Inediti...» impercível monumento que a Companhia de Jesus acaba de elevar á memoria dos missionarios portuguezes e que bem podemos levar-lhe em conta para desconto de muitos peccados que por cá cometteu.

Tinha eu, em 1910, sugerido ao ministro Azevedo Coutinho, com quem trabalhei, a ideia de iniciar entre nós uma publicação do genero das que acabo de citar, aproveitando, não só o inexaurível thesouro dos Archivos da Torre do Tombo e da Marinha e Ultramar, mas tambem o proprio archivo do Ministerio das Colonias, o da India, onde devem existir, se o *salalé* as não destruiu, coisas preciosas, e ainda as valiosissimas collecções particulares, Cadaval, Palmella, etc., sem fallar da Bibliotheca Nacional, da de Evora, Ajuda e Academia, onde não faltam preciosidades. Chegou a estar preparada a

portaria, mas difficuldades diversas impediram a sua publicação. A ideia passou, mais tarde, ao *Diario do Governo*, ao tempo do ministro Celestino de Almeida, sendo nomeada uma commissão para preparar o que se chamaria o «*Archivo das Colonias*». Só a mim, porém, reservava a sorte o dar-lhe execução. Effectivamente, como a commissão não houvesse entrado em funcções e se achasse praticamente dissolvida, por morte ou ausencia de alguns dos seus membros, encarreguei o Chefe da 6.^a repartição do Ministerio, Capitão de mar e guerra Ernesto de Vasconcellos, secretario perpetuo da Sociedade de Geografia e inteligente investigador da historia dos nossos descobrimentos, de organizar e dirigir a publicação do «*Archivo*» o qual vae já no seu segundo volume, e tem dado publicidade a documentos ineditos de grande valor para a historia do ultramar, entre os quaes alguns da minha propria livraria. Perdoe-se-me a vaidade, desculpavel no bibliofilo que me prezo de ser.

O formato do «*Archivo*» e o ambito das suas investigações, não são ainda tão amplos quanto eu desejaria, por effeito de difficuldades materiaes, difficeis de remover n'este periodo que vamos atravessando. Mais tarde lhe dariamos o desenvolvimento correspondente ás maravilhas da nossa historia colonial. Entretanto, projectava eu fazer copiar certos manuscriptos cuja existencia é conhecida nos archivos de Hespanha, Paris e Rio de Janeiro e ainda no Museu Britanico, cuja riqueza, n'este ramo, os trabalhos do Sr. Pedro de Tovar (*Annaes das Bibliothecas e Archivos*, janeiro a abril de 1917) vieram confirmar.

Na execução do plano que venho esboçando, encarreguei os illustres officiaes de exercito Alves Roçadas e Justino Teixeira Botelho de escreverem a historia militar das provincias de Angola e de Moçambique, respectivamente, como trabalho preparatorio e estudo parcelar para a «*Historia geral do ultramar portuguez*» que está por fazer, e que ha-de fazer-se um dia, talvez quando entre nós houver tempo de se pensar a serio n'estas e quejandas nenharias.

Ainda na mesma ordem de ideias, se incluíram nos orçamentos de algumas colonias verbas para custear estudos de caracter historico e etnografico, e se organisou em secção autonoma, confiada á reconhecida competencia do Sr. Pires Avelanoso, a parte dos serviços do ministerio que tratava do «*Archivo, bibliotheca e publicações*».

Serviço de instrução e de justiça

Procurei attender, tambem, ao complexo problema da instrução, não só no territorio das proprias colonias, mas na metropole, como meio de educar e habilitar o pessoal, que ha-de constituir os quadros do functionalismo d'ellas. Prejudicial foi a providencia d'um governo anterior áquelle de que fiz parte da qual resultou a passagem da Escola Colonial para o ministerio de Instrução, porque a deslocou do meio que lhe era proprio e relegou para plano secundario um assumpto de primacial importancia, excessivamente especializado para não poder receber d'esse ministerio estudo e cuidados condignos. Procurei, sem exito, confesso-o, fazer regressar aquella instituição ao ministerio das colonias, e projectava fazer estudar e executar certos planos já esboçados de desenvolvimento e aperfeiçoamento dos seus estudos.

Como tive occasião de referir, reorganizou-se a instrução em Cabo Verde, nos seus ramos primario, secundario, normal e profissional; elevou-se, provisoriamente, a central o lyceu de Macau, afim de facultar a obtenção do curso completo a individuos que as circunstancias da guerra impediam de vir á metropole; remodelou-se o conselho inspector de instrução publica na India; e estavam em estudo certas propostas do governador de Moçambique sobre instrução secundaria e profissional, que a queda do ministerio me impediu de effectivar.

De ha muito se faz sentir a necessidade de revêr as disposições que regem a administração da justiça no ultramar. O antigo «Regimento de justiça» de 1894 está antiquado e acha-se alterado por numerosas disposições especiaes, formando tudo um conjuncto imperfeito e insufficiente, tanto em doutrina como em exequibilidade e utilidade pratica. Assim, por exemplo, haveria que dar logar, no novo codigo, à «Justiça indigena», de existencia apenas tolerada entre nós e falta ainda de organização ampla e adequada, indispensavel á execução cabal das disposições relativas a «indigenato», que a nossa legislação pela primeira vez versou e definiu, convenientemente, nas leis organicas de 1914.

Ha tempo já que se projectava a reforma do regimento de 1894, mas difficultavam-na, alem dos embaraços proprios da materia o pensamento de resolver em conjuncto, as numerosas duvidas e casos novos, suscitados pela execução da legislação actual. O problema simplifica-se, a meu vêr, se nos limitarmos a adoptar na metropole,

e por um diploma unico, as disposições que forem fundamentaes e de character geral para todo o ultramar, deixando para outros especies, a preparar e adoptar nas proprias colonias, a parte que a cada uma d'ellas mais particularmente disser respeito.

N'este sentido se estava trabalhando, mas não pude tambem deixar de decretar para as colonias algumas disposições d'esta ultima especie, por ellas de ha muito reclamadas. Assim se adoptaram para Cabo Verde certas modificações ao «Codigo do Processo Commercial» e, em materia de organização judicial, se creou um julgado municipal na ilha de Maio, etc. Como innovação interessante, instantemente reclamada pelo governo da colonia, foi instituido em Macau, um tribunal privativo dos chinas.

ERNESTO DE VILHENA.



LA VIE À PARIS

Se passerait-on de la Presse ? — Le mirac'e aux grands magasins — Installations au Palais-Bourbon. — Il ne faut point laisser flotter les rênes du gouvernement. — L'accident d'Icare est toujours d'actualité. — *A l'ombre des jeunes filles en Fleurs*, M. Marcel Proust nous tend un miroir émouvant. — Mademoiselle Maria Riccotti mime la vie.

Depuis que, sous le règne de je ne sais plus quel Pharaon, parut le premier journal officiel d'un gouvernement, et depuis que le 30 Mai 1631 parut le premier numéro de la fameuse *Gazette* de Théophraste Renaudot, dont les principaux rédacteurs étaient alors, dit-on, le roi Louis XIII et le Cardinal de Richelieu, jamais l'histoire n'avait enregistré un fait semblable à celui qui vient de se produire : une grève générale des journaux.

La presse occupe dans la vie moderne une place prépondérante; ce serait presque un pléonasme de le dire, si parfois l'habitude d'une commodité n'engendrait une sorte de méconnaissance de cette commodité. La supprimer tout d'un coup, c'était un changement de régime capable de déséquilibrer le corps social. Et l'on n'attendait point, sans quelque angoisse, les réactions produites dans le public par cet état de choses. Vaine terreur. Il fallait compter sur le bon sens et la bonne humeur du peuple français pour qui la nouveauté est toujours un attrait. Une vive curiosité accueillit donc la *Presse de Paris*, que l'effort et la bonne entente des directeurs de journaux quotidiens, groupés pour résister au mouvement des grévistes, réussit à faire tirer à des millions d'exemplaires, dès le premier jour. Une grande partie du public trouva même excellente cette formule qui consistait à donner deux pages d'informations générales et à réserver une rubrique spéciale à chacun des journaux, pour y exprimer les directives de sa politique et de son action. Il semblait plaisant, d'avoir pour dix centimes, et accouplées colonne à colonne comme des soeurs siamoises, les violences de M. Léon Daudet et les périodes harmonieuses et profondes de M. Maurice Barrès, ou encore les véhémentes exhortations de M. Gustave Hervé, en regard des conseils prudents émanés de la rédaction de *La Croix*.

Trois semaines durant persista ce provisoire; les grévistes restant sur leurs positions et les directeurs ne voulant point céder.

Jamais d'ailleurs, on n'avait vu autant d'animation dans les salles de rédaction, tant il est vrai qu'il suffit pour aller à son bureau avec amour, de n'avoir rien à y faire. Un peu partout, des bridges s'organisaient, et sous le regard sévère des collections du «Journal Officiel» reliées de maroquin sombre, les secrétaires de rédaction se consolait de ne point pouvoir couper les articles, qui sont toujours trop longs, en coupant un coeur ou un trèfle! C'étaient là de charmants après-midi, où l'on attendait, sans impatience, les résultats des pourparlers en cours, ne sachant jamais si l'on reparaitrait le lendemain.

Et le public s'accoutumait fort bien à cette grève, dont il n'avait point à souffrir. On peut même dire que chez nous il s'accoutume à toutes les grèves avec une bonne volonté ravissante.

Ce n'est point un paradoxe de dire qu'elles ont du bon. Elles nous prouvent d'abord que l'on peut se passer de bien des choses et elles font même, quelquefois, — rarement — des miracles. Ainsi fut celle de «de la Nouveauté».

Mesdames, qui avez tant de fois déploré — était-ce sincère? — l'encombrement des grands magasins que vous forçait d'user la meilleure partie de votre journée à l'acquisition d'un mouchoir ou d'un paire de gants, c'était pendant la grève qu'il fallait vous dépêcher de faire vos achats d'hiver.

Sous les regards bénévoles des gardiens de la Paix et des municipaux, qui sont gens pacifiques lorsqu'ils sont en nombre, à condition toutefois que vous obéissiez à leurs injonctions sans chercher à les comprendre, sous les regards aussi des grévistes massés au bord des trottoirs, vous seriez, par une porte, l'unique porte ouverte, entré dans un hall spacieux et calme. A peine l'auriez-vous reconnu, car, nous le disions déjà tout à l'heure, les humains sont animaux d'habitude, et si l'on n'est point poussé par derrière, tiré par devant, balayé par les aigrettes ou les paradis, éborgné par les parapluies ou les épingles à chapeaux, sait-on que l'on est au Louvre ou aux Galeries Lafayette?

Et voici le commencement du miracle. A peine vous approchiez-vous d'un comptoir qu'une aimable jeune fille — employée de fortune — venait se mettre à votre disposition, bouleversait ses marchandises et vous offrait avec un sourire, justement ce que vous souhaitiez. A la caisse, vous trouviez d'autres aimables jeunes filles, qui, au lieu de vous jeter vivement au nez un carnet de tickets du métropolitain, s'efforçait de vous rendre de la monnaie, toutes prêtes à concilier les défaillances de votre bourse avec la crise du change. Toute cela rapidement, sans bruit, sans heurt, sans poussière. Je vous dis que c'était un miracle!

*

Enfin tout rentra dans l'ordre. Les feuilles reparurent, en même temps que le sourire aux lèvres des directeurs, et pour une fois — deviendra-t-elle coutume — les linotypistes et autres employés à la confection matérielle des gazettes rentrèrent à l'atelier sans augmentation de salaire. Il serait oiseux d'épiloguer sur ce mouvement qui avait à sa tête quelques meneurs, fauteurs

de troubles, mais cet échec de revendications exagérées et surtout inopérantes à combattre la vie chère est un symptôme sur lequel il est permis de méditer.

Méditons.

*

Cependant le pays procédait à la grande consultation nationale. Renouvellement de la Chambre des Députés, renouvellement du conseil municipal. La crainte du bolchevisme engendra la sagesse, et les électeurs envoyèrent siéger au Palais Bourbon des hommes amis de l'ordre, représentant les grands principes qui, malgré tout ce que l'on a pu dire, ont toujours présidé aux destinées de la France, et seront longtemps encore le levier de sa force et la lumière de son rayonnement. N'en déplaise à certains, nous ne sommes pas dans un pays bolcheviste, et notre sympathie va toujours à celui dont le caractère témoigne de l'énergie et de la force. Nous sommes amis de l'autorité; nous aimons qu'on nous conduise d'une main ferme. M. Clémenceau l'a compris, au point d'y trouver le secret de sa magnifique popularité. Nous avons le sang vif, le tempérament ombrageux, et si nous sentons la bride sur le cou le moindre inattendu nous fait faire un écart. Les gouvernements s'en sont bien aperçus, qui avaient commis cette imprudence.

Les nouveaux élus ont pris possession de leurs places dans l'hémicycle de la Chambre, et il y eut autour de cette installation, la petite comédie habituelle. Les groupes politiques, un peu mélangés par les combinaisons nécessitées par le scrutin de liste et qu'il fallait rassembler, les sympathies personnelles qui faisaient que M. un Tel aurait bien voulu s'asseoir près de M. un Tel, et les inimitiés qui faisaient que M. un Tel ne voulait à aucun prix de M. un Tel pour voisin, compliquèrent le travail de la questure. On se casa pourtant, et chacun ne s'occupe plus à l'heure actuelle que de la toute proche élection à la Présidence de la République.

Tout doucement, M. Clémenceau s'y laisse porter. Et l'on ne peut faire moins que d'ajouter cette couronne à la fin de carrière illustre du Président du Conseil, sous la direction duquel fut terminée la guerre.

Quand je dis couronne, je m'excuse d'user d'une terminologie monarchique; mais il n'est point d'attribut pour désigner le chef de l'Etat de la République; au surplus tout le monde m'entend parfaitement.

*

Nous avons eu, il y a quelques mois le Salon de l'Industrie automobile. Voici que vient de s'ouvrir celui de l'Aéronautique, et peut être n'a-t-il point remporté un aussi brillant succès. Non que l'on se désintéresse de l'aviation dont on ne saurait trop encourager l'effort, mais parce qu'il est évident que si bien des gens, en dépit de la vie chère, achètent des voitures et vont les voir exposer avec l'intention de fixer leur choix, bien peu désirent actuellement acheter un aéroplane. La locomotion aérienne, malgré les performances éblouissantes récemment accomplies, n'est point encore entrée dans nos moeurs. L'homme est toujours étrangement attaché au sol qui le porte, et quoique puissent dire les statisticiens des catastrophes qui tentent de nous persuader

que les routes du ciel sont plus sûres que les chemins terrestres, le destin d'Icare inquiète encore un peu le voyageur bienveillant.

Quoi qu'il en soit un nombreux public eut la curiosité de contempler de près les prodigieux oiseaux dont les hauts faits lui sont quotidiennement contés. Les techniciens constatèrent les progrès et les perfectionnements réalisés au cours des cinq dernières années, et ceux qui n'y allaient que pour le plaisir des yeux trouvèrent là des appareils tout à fait nouveaux, embellis du dernier confort. On s'y amusa du contraste saisissant du minuscule monoplane de tourisme *David* et de ce *Mammouth* que Blériot dota de quatre moteurs et dont l'envergure atteint trente cinq mètres. Et l'on souhaita s'envoler dans les confortables fauteuils des cabines de luxe du Yacht de transport Handley-Page ou du célèbre *Goliath* de Farman.

La science expérimentale ne cesse de faire du progrès; mais l'esprit humain tourne dans le même cercle.

Le temps des batailles littéraires va-t-il renaître? Il est constant que les époques d'effervescence intellectuelles sont subséquentes des bouleversements militaires. Sur les décombres grandioses de l'Empire, les classiques et les romantiques se battirent à coups d'alexandrins; les parnassiens et les symbolistes s'entrechoquèrent après 70; et il semble qu'à l'heure actuelle, après la plus grande des guerres, un certain esprit de combativité anime les écoles littéraires.

Ainsi, l'attribution du prix Goncourt de 5.000 frs., suscita-t-il une véritable petite querelle. Juste peut-être dans son principe, la cause que défendirent les ennemis de M. Marcel Proust que l'emporta avec *A l'ombre des Jeunes filles en Fleurs*, sur M. Roland Dorgelès, devint déplaisante en l'occurrence, la hauteur du talent du lauréat étant incontestable.

Il est permis de penser et de soutenir qu'un prix qui fut fondé pour récompenser le talent original d'un écrivain et faciliter sa carrière, n'atteint point son but en récompensant l'oeuvre d'un homme de lettres qui possède, de par son oeuvre, son âge et sa qualité mondaine, une situation littéraire exceptionnelle. Mais peut-être n'est-il point juste de partir de là pour essayer de saper les fondations de son talent. Il y a le prix et il y a le livre. Que le prix ne soit pas destiné au livre, c'est possible. Mais qu'il l'obtienne ne compromet pas sa beauté.

D'ailleurs, le prix Goncourt de cette année aura eu ce mérite de faire parvenir jusqu'au grand public une oeuvre que ses tendances rendaient peut-être difficilement abordable. D'autres mieux que moi vous diront sans doute, la subtile, la merveilleuse sensibilité avec laquelle M. Marcel Proust a enregistré tous les reflets, tous les mouvements des nuances des jours qu'il a vécus. Comme un enchanteur qui se promènerait un flambeau magique à la main dans une grotte aux stalactites étincelantes, M. Marcel Proust s'est promené dans son âme et l'a faite miroiter de tous les reflets du passé. Il a noté d'une main vigilante les plus petites lueurs, les jeux les plus atténués, les plus évanescents du souvenir. Qu'il parle de son enfance à la campagne, de ses parents, de ses amis, ces belles dames qu'il admira passionnément pour

leurs silhouettes au Bois, ou des tendres et fantasques jeunes filles qui lui tendaient leur jeune grâce charnelle au bord de la vie et lui révélèrent d'énervantes douceurs, M. Marcel Proust s'efforce d'être un si parfait miroir, que parfois c'est nous même et notre adolescence qu'il fait se lever devant nous.

Emouvante image que celle de son ancien soi et propre à toucher chacun qui choisira son moment pour se reconnaître, mais fuyante image aussi, de par les méandres d'un style qui, pour ne rien sacrifier, et de peur, semblerait-il, de regretter soudain d'avoir oublié quelque chose, emporte avec lui des bagages innombrables, et qui ne serviront point.

*

L'«Oeuvre» que la guerre avait interrompue dans son action vient de renaître.

Tous ceux qui dans le monde civilisé ont le goût incliné vers les lettres, connaissent, au moins de nom, cette société d'artistes, qui sous l'impulsion de Lugné-Poé, a révélé au public français presque tous les talents sincères, méconnus ou inconnus, de l'époque qui précéda la guerre. Ibsen, Maeterlinck, Henry Bataille, Paul Claudel et combien d'autres ont été joués pour la première fois par les soins de l'Oeuvre.

Il eut été dommage que cette action bienfaisante aux lettres disparut. Et pour prouver son énergie et sa persévérance, l'Oeuvre devenue la *Maison de l'Oeuvre* vient de recommencer une série de spectacles dignes de la délectation des amateurs sincères. D'abord, un cycle Ibsen, comprenant quelques uns des chefs d'oeuvre du maître norvégien, *Hedda Gabbler*, *Maison de Poupée*, etc. sur quoi tout a été dit, mais dont on ne dira jamais assez la profondeur, la sobriété saisissante et ornée de tout ce que le génie peut ajouter à la vision quotidienne de l'existence; ensuite un spectacle de mime, sur lequel il me plaît de m'arrêter un peu plus longuement.

Sur un fond de rideaux cramoisi, une femme apparaît, brune dans une robe noire d'une simplicité quasi systématique. Le visage nu, sans l'artifice des fards, sans le rose, le bleu, ni le rouge par quoi s'avivent d'une santé factice les joues, les paupières ou les lèvres, le visage nu où se consume le charbon ardent des yeux noirs, les mains nues, elles aussi, sont la seule blancheur par quoi soient attirés nos regards.

Qui est cette femme? Attendez. De la musique s'élève; elle va peut-être nous aider à la connaître. Le visage s'anime, les mains s'ouvrent ou se ferment, le corps ondule dans un prolongement idéal de la pensée qu'exprime la musique. Les ondes sonores s'élargissent, et passent sur le visage qu'elles troublent comme un lac est troublé de ronds concentriques par le choc d'une pierre. La moindre velléité apparaît et disparaît dans un frémissement imperceptible des narines, dans un battement des cils. Quelle angoisse et quel appel entend donc cette femme? on dirait qu'elle est la proie d'un sortilège qui l'enchanterait à la fois et la terrifie, et qu'elle veut venir et qu'on ne sait quelle force mystérieuse la retient vers la terre et la pousse dans les bras d'un magicien invisible. Elle est comme la Vie devant la Mort.

Voici que la musique change: un rythme triste de Moussorgsky fait place

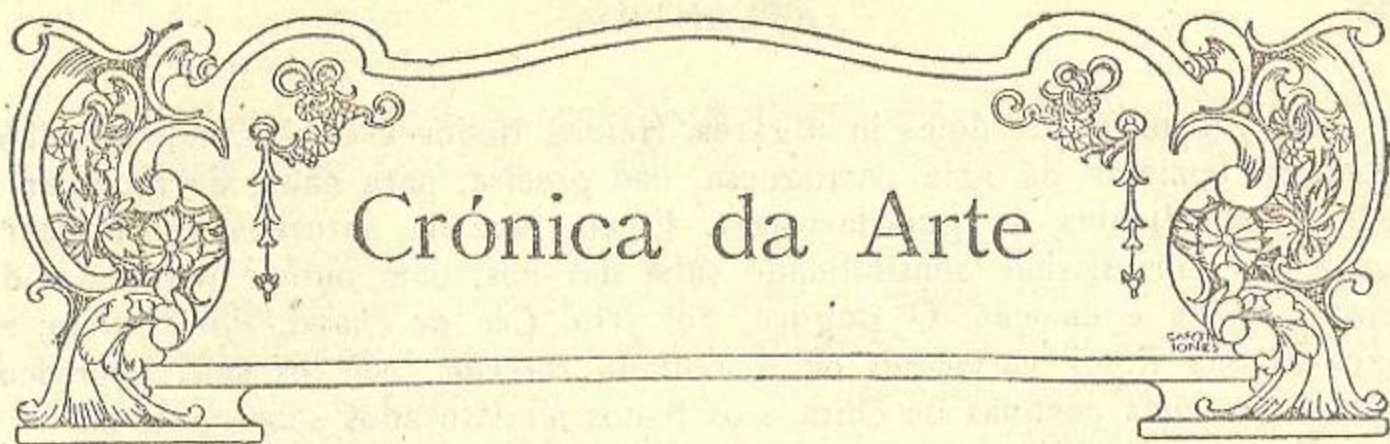
à la ballade de Schubert; et la femme s'agenouille, implore, tend les mains, son corps se rétrécit, ses traits se creusent et souffrent; une détresse humble et désespérée la recouvre; elle mendie.

Encore une autre musique. Et cette fois le cou dressé, une rose au doigt, la femme redevient la femme toute entière, séductrice sournoise qui ne promet que pour mieux se dérober, dont l'oeil a l'air de se pâmer sur les paradis qu'elle réserve mais dont elle fermera la porte avant qu'on y puisse entrer. La rose palpite, voltige, tourne comme un petit soleil entre les doigts légers... mais la rose n'est jamais jetée.

Nous comptons que la musique nous aiderait à connaître cette femme, mais voici qu'après avoir été l'Angoisse et l'Imploration, elle devient la Coquette, ce n'est donc point *une* femme, mais *la* femme sous les masques divers que lui impose la vie...

Ainsi, par les soins de l'Oeuvre, connûmes-nous les essais de mime de Modemoiselle Riccotti qui sont un exemple troublant de ce que peut atteindre en profondeur et en émotion l'art d'une artiste sincère.

J. N. FAURE-BIGUET.



Crónica da Arte

AS EXPOSIÇÕES

EXPOSIÇÃO JOSÉ CAMPAS

Com alguns novos trabalhos, colhidos em Cacía, e vários outros já conhecidos, organizou José Campas nova exposição na Bobone.

José Campas é um tenaz, um porfioso, cuja arte parece, no emtanto, não progredir.

Da trintena de quadros agora reunida, a obrasinha mais destacável era a mais pequena de todas: um rápido apontamento duma polegada, *O Tio Dionísio*.

QUINTA EXPOSIÇÃO DE AGUARELA, DESENHO E MINIATURA DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

Dos mestres, ausentes Columbano e Roque Gameiro, expôs João Vaz o belo pórtico do *Mosteiro de Jesus* em Setúbal, a que o seu pincel e o tempo extremosos imprimiram a linda côr da velhice.

Nos tópos da galeria, enfrentavam-se os dois temperamentos bem distintos de Alves de Sá, já veterano, e Helena Roque Gameiro, cujo talento aurorece vigoroso e claro.

Estou em dizer que houve certa renovação nos processos de focar e colorir do primeiro. Saíam da sua fria maneira habitual os seis aspectos da *Quinta do Duque de Palmela*, no Lumiar; especialmente a *Balaustrada das glicínias*, a *Colunata junto da casa*, e o hemicyclo policrómico da *Meia laranja*, convidativo cenário para uma festa empoadada.

Estranha de colorido a aguarela comprada para o museu, *Trecho da serra* (Gerês). Apreciável no seu branquejar, a *Igreja de Santo Içidoro*. Destacáveis ainda, entre os dezanove trabalhos de Alves de Sá, os n.^{os} 8 e 9, *Ribeira de Ilhas*, a manchasinha de *Os Chãos*, e o *Interior*, sobrecarregado, fradesco, mas novo na disposição: o que vai sendo difícil, desde que a maioria dos que pincelam se entregou ao *bric-à-brac*.

Com a sua mocidade formosa, Helena Roque Gameiro está uma artista cheia de segurança, de saber, de ousadia. Oxalá o virtuosismo, para que o leccionato a predispõe, nunca lhe sufoque a espontaneidade!

Creio não me enganar, attribuindo a alguns dos números expostos o propósito de agradar ao vasto público que a anedota cativa. Assim, quanto ao arranjo, pecavam pelo sentimentalismo um tanto arrebicado *A Oração*, *Recordações* e *A Neta*; esta última com todo o ar teatral duma estampa romântica.

Ora, dispondo de dotes invulgares, Helena Roque Gameiro, hoje a melhor promessa fêmeina da arte portuguesa, não precisa, para nada, de recorrer a sedições expedientes de guarda-roupa. E' em face da natureza sem máscara que a sua curiosíssima sensibilidade sabe dar-nos, com outras qualidades de leveza, finura e emoção, *O Bagaço*, *Sol frio*, *Céu de chuva*, *Pátio saloio*, as maravilhosas *Rosas vermelhas* ou o azulado *Interior*, com os seus pitorescos móveis, as suas cortinas de chita e os frutos miniaturados sôbre a mesa.

Noutra aguarela valiosa, *Ao sol*, a figura flagrantemente surpreendida, mostrava, com bom gôsto, de quanto a artista é capaz na composição, quando não procura ser senão pintora.

Outro expositor que se apresentou bem, foi Jaime Barata, muito pessoal nos vários quadrinhos de Sintra, *Paisagem cinzenta*, *O Palácio da Vila*, *A Capela deserta*, etc.

De Gabriel Constante, muito desigual, salientarei duas notas do Jamor. De Raul Carapinha, uns conscienciosos *Pêssegos*. De Tertuliano Marques, o *Lusco-Fusco*.

Alfredo Migueis mandou alguns leves apontamentos madeirenses — *Um Moinho*, *Colmos e flores*, *Palheiros á tarde* — e Leitão de Barros trouxe uma *Córdova* melancólica, um estridente *Beco dos Cortumes* e *A mulher dos potes*, destinada a *La Esfera*, de Madrid.

Christino da Silva concorria com numerosos trabalhos. De Alfredo de Moraes, viam se um razoável retrato de criança, *Lili*, e diversas scenas entre asilados.

D. Raquel Ottolini quis variar os seus consagrados temas, mas, sem desdizer, nas outras, da máxima correcção, era ainda numa scena infantil, *Na praia*, onde brilhava mais.

Da mais nova das Gameiros, Mámia, havia três quadrinhos de coisas ricas, muito iguais, e de D. Hebe Gomes, apontarei o *Lendo*.

No desenho, pouco concorrido, um retrato e um nu de Martinho da Fonseca, uma *Cosinheira* de Azevedo e Silva, uma *Casa minhota* de Frederico Aires, e um esboceto scenográfico de Leandro Calderon.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA (Algarve) DE FALCÃO TRIGOSO

E' notória a simpatia de Falcão Trigoso pela beleza e pitoresco da paisagem e da marinha algarvias. Caso sincero de paixão, tem êle vindo a documentá-la e a dizê-la, todas as vezes que o ensejo se lhe oferece, com orgulho e constância.

Eis um pintor que, mais feliz que muitos outros, parece ter encontrado a terra prometida, o seu paraíso pictural!

Como se alguma das mouras encantadas, que, ao cabo de Portugal, alissam as tranças ao luar com pentes de prata, lhe houvesse deitado o sortilégio, dura há tempo êsse enlevamento. Dia após dia, o artista descobre na amada novos encantos, prémio da fidelidade, e o idílio prolongado aguça-lhe a visão dos multiplos cambiantes, de todos os segredos do rincão bemquerido.

Com excepção de quatro telas estrangeiras, os trabalhos agora mostrados na Bobone, inclusivé um retrato, eram do Algarve, eram o Algarve variado, ora falador e garrido, ora melancólico e silente, de quem o conhece nos bons

e nos maus dias; nesses dias, apoteóticos de sol, que criam flores em Janeiro, e nesses outros dias, saudosos do sol, em que a tristeza do sul amarga mais que a do norte.

Homogenea, característica, foi das melhores esta exposição de Falcão Trigo, agora mais senhor das suas tintas, como o denotavam o tão alegre rosal do *Sol e Flores*, o *Triste dia algarvio* e o *Madrugar*, no qual o autor procura dar a alvorescente fugacidade da luz que vem despertar a aldeia.

Não podiam faltar as amendoeiras da *Terra de encantos*, nem as alfarrobeiras sombreando o trigo do N.º 16 as praias vistosas da *Costa doirada*, os decorativos *Cardos* e as muralhas da *Velha Lagos*.

O Algarve costeiro tem dado a Falcão Trigo a sua obra quasi toda. Resta que Falcão Trigo dê ao Algarve, já um pouco seu, a obra-prima.

EXPOSIÇÕES HENRIQUETA DE MENDONÇA CARDOSO

(pintura a óleo), FRANCISCO ELIAS DOS SANTOS (Cerâmica artistica, miniatura em escultura), HYGINO MENDONÇA

(6.ª exposição: Pintura a óleo, Pastel, Aguarelas)

A falta de interêsse da exposição do sr. Hygino Mendonça e sua filha, D. Henriqueta de Mendonça Cardoso, fazia convergir as atenções para os pequenos barros de Francisco Elias dos Santos, um artifice de rara aptidão manual, criado na escola do grande Bordallo.

Oleiro de longa pratica, de há muito conhecido dos frequentadores da fábrica caldense, Elias dos Santos, capaz de desanimar um oriental, assinala-se pela sua excepcional vocação para os trabalhos de miuda paciência. As suas mãos estão á vontade dentro de milimetricos espaços, denotando a maior habilidade na redução dos modelos alheios.

E' êsse o seu campo especial e apreciável. Pretender dar-lhe foros de escultor seria comprometê-lo e desencaminhá-lo.

Quási todos os seus trabalhos eram cópias, de Rafael Bordallo, Della Róbbia, Malhoa, Manuel Gustavo, etc., nem sempre inteiramente respeitadoras das proporções e carácter dos originais, como acontecia na *Ceia* de Leonardo. Constituiam uma serie de curiosidades interessantes. Nada mais.

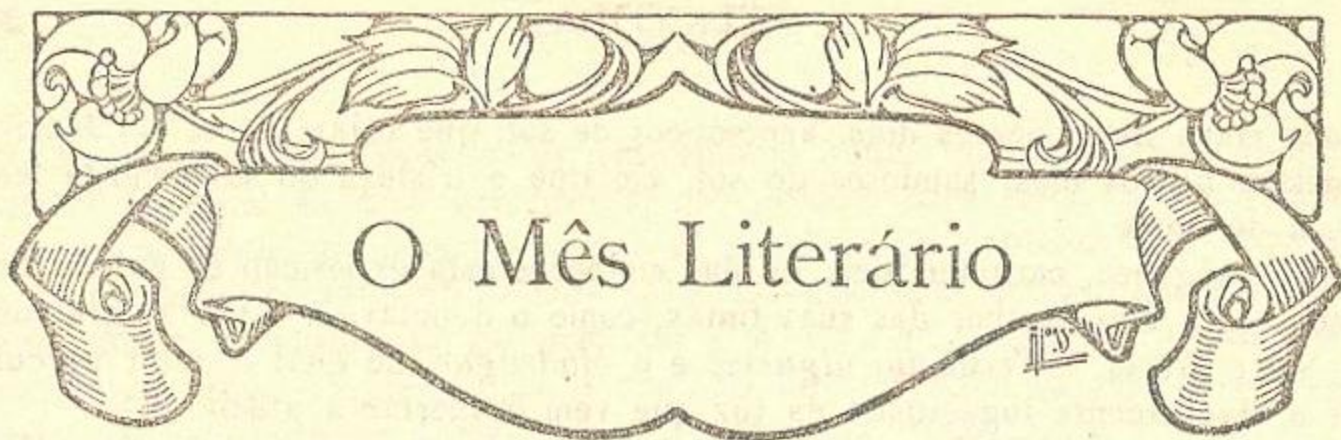
Para se impor como artista, na criadora significação da palavra, faltam a Elias dos Santos faculdades de invenção, composição e estilo. As suas pequenas figuras devotas são de mera pacotilha. No *Candieiro manuelino*, os motivos, bem recortados, não se conjugam nem equilibram.

O catalogo anunciava que o expositor se encarrega de «reprodução para escultura de qualquer quadro, por fotografia ou gravura.» Ficava, assim, bem delimitada a actividade profissional do habilidosissimo operário,

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE EMILIA SANTOS BRAGA E SUAS DISCIPULAS

Na Bobone. Um quadro bonito da professora *Flores entre flores. Bêbé*, de barrete encarnado, por D. Alda Santos Silva. Uma *Carmen* de D. Maria Eduarda Lapa de Sousa Caldeira. Uma graciosa *Figura de album a sanguinea*, de D. Leonor Avelar Maia de Loureiro.

MANOEL DE SOUSA PINTO.



TROPA D'AFRICA por CARLOS SELVAGEM, edição da Renascença Portuguesa. Porto

Os portugueses foram sempre ótimos viajantes, comprazendo-se em contar a viagem, de preferença a descrever os lugares.

Da Flandres já nos vieram alguns livros excelentes e outros que o poderiam ser, se os seus autores tivessem sensibilidade para tanto.

Da Africa, onde foi soldado e paisagista e cronista, trouxe Carlos Selvagem o farto volume de manchas, notas e impressões, factos e sucessos, dispostos em serie continua, que hontem começamos a ler e que quasi não interrompemos, até chegarmos ao *Dialogo com o Rochedo Profetico*, o ultimo capitulo, em que ele, com *humour* de civilizado, evoca o velho Adamastor, para ver se este ainda se recorda do tempo bravo em que Camões lhe reduziu a metrica as farroncas e os amores infelizes.

Desilusão!

O conhecido gigante encontra-se convencido das doçuras da civilização... ingleza e bastante repeso das violencias de linguagem que cometeu nos *Lusiadas*.

O que ele certamente não suspeitou é que o seu entrevistador, o jovem official portuguez que o surpreendia na sua sua camísola de brumas, era Carlos Selvagem, dramaturgo de inspiração que uma luminosa peça, cheia de rusticidade e emoção, *Entre Giestas*, tornara conhecido em Lisboa e no país, enquanto ele, nas margens do Rovuma, pelejava contra o *boche* e reunia os elementos com que ordenou e escreveu a *Tropa d' Africa*, livro que se hade ler durante anos, com eternecimento de quem sabe sentir, numa pagina, o espirito e o brio dum autor que muitas vezes córou de fazer a guerra, sem poder revelar a sua alma lusiada.

ANTE-MANHÃ, versos de MARIA FERNANDES DE CASTRO E QUADROS, Lisboa

A mocidade clara e pulcra desta poetisa que parece nascida entre amendoeiras em flor, explende neste volumezinho de liricas em que ela, com a simplicidade candida de quem apanha papoulas numa seara, vai colhendo, no pequeno mundo das suas impressões, as notas mais propicias ao desabrochar do nobre instinto do ritmo, da forma e do sonho que a sua alma alenta, como uma promessa de tentadoras aparições.

Trata-se ainda do primeiro despertar da inspiração, poemas ligeiros em que a musica e as vibrações dos sentidos são tudo.

Mas que gracioso geito feminino na arte de tradusir emoções correntes, quasi vulgares, nutrindo-as de graça e fulgor, como para uma festa de oragol Maria Fernanda de Castro e Quadros ainda se não interroga, só levemente

aborda os segredos e misterios da sua existencia. Canta, sem enfase nem preciosismo, os espetaculos que lhe são familiares.

Outros carmes nos dará, um dia, a sua musa em que a sua sinceridade cometerá revelações e confidencias, muito distanciadas já da hora credula e matinal em que hoje se encontra. A vida dar-lhe-ha, porem, a força, o ingenho e o encanto para que ela ascenda sempre no triunfo da sua vocação.

MONUMENTOS E ESCULTURAS, por VERGILIO CORREIA, edição do autor. Lisboa

Sempre o autor deste livro foi um apaixonado arqueologo, sem que deixasse de ser tambem um poeta que, nos vestigios do passado, sabia ler e advinhar o pensamento e o sentir das gerações extintas.

Os seus livros leem-se com agrado, porque ao mesmo tempo que revelam a sciencia do homem de estudo, acordam em nós a paixão do maravilhoso, evocando o segredo das ruinas.

São bem escritos e bem pensados.

Basta ler-se o primeiro capitulo dos *Monumentos e Esculturas*, que se intitula «Arcos Romanos de Portugal», para se proseguir até ao fim e sem cansaço a leitura de todo o volume.

Que interessantes as suas notas e pesquisas inteligentes a respeito das velhas egrejas de Portugal — «A Igreja de Lourosa da Serra da Estrela», a «Igreja de Barró», a «Capela de Sabroso», a «Capela da Senhora de Guadalupe», e «Igreja de Santo André, em Mafra»!

Sobre a «Igreja da Senhora da Azinheira de Outeiro Séco (Chaves)», e «Monumentos de Povos do Ribatejo» escreve Vergilio Correia dois capitulos que se nos afiguram dos mais notaveis do seu livro. Cincoenta gravuras ilustram e esclarecem o texto e todas elas são de molde a justificar estas palavras que recortamos do inicio dos «Monumentos Medievaes de Lamego»:

— «Portugal é um país em que os grandes monumentos são raros. Aquelles que a dovoção e o fausto dos reis e ricomens levantaram, dos seculos XI ao XV, pelos vales tranquilos e transbordantes de agua, levaram nos na maior parte os seculos seguintes, sorvidos na voragem das guerras e terremotos, ou transformados pelas riquezas da India e pelos ouros e diamantes do Brasil. Por isso, e ao contrario do que sucede nos paizes do centro da Europa, onde cada igreja de comuna é um monumento a visitar, a nossa primitiva arquitectura só exceccionalmente se manifesta em edificios grandiosos» —

LA INTIMIDAD LITERARIA por JOSÉ MARIA SALAVERRIA,
edição da Casa «Saturnino Calleja». Madrid

Os escritores, pelo facto de o serem, tomam e arvoram, perante o universo, a vida, os seus semelhantes e o seu proprio individuo, umas tantas atitudes, modos e gestos, gostos e predileções, que os distinguem logo, no meio dos muitos e diversos tipos de que se compõe a turba.

José Maria Salaverria, prosador sereno e atento, imaginoso e intimista, entendeu que o estudo dessas *singularidades*, merecia registo, não para esquadriñar misterios, casos dificeis de psicologia, mas para formar uma serie de

esboços em que o homem de letras apparecesse na paisagem varia dos seus espectos. E com que discreta cautela ele não procede para não decair na vulgaridade nem pender para o fastastico!

Alguns dos capitulos de *La Intimidad Literaria*, escritos num discreto tom de penumbra, dão nos a impressão de que o seu autor vai despertar a nossa curiosidade com qualquer grande paradoxo, o que, porem, não acontece, visto que, á sua maneira de ser literaria, repugna sobresaltar assim a timidéz do leitor.

E de pagina em pagina a leitura segue tranquila, quasi suave, como uma barca derivando entre as sombras macias e vespertinas dum rio marginado de salgueiros.

A VERTIGEM, romance de ASSIS ESPERANÇA. Lisboa

O autor deste livro é com certesa um homem que entende que a vida se presta a tudo, mesmo ao triunfo das boas inspirações. Sentindo-se com veia para a literatura da imaginação, não hesitou em votar-lhe as suas vigílias.

De tamanho esforço crente, nasceu *A Vertigem*, quatrocentos e vinte sete paginas de texto compacto em que se acumulam elementos bastantes para fazer uma galeria de quadros de paixão.

E' pena, porem, que Assis Esperança, no impeto de crear fogosamente, apressadamente, não se demorasse com a sua obra o tempo necessario para a desbastar, polir e estilisar um pouco. A precipitação levou-o á desordem, ao tumultuar confuso de dialogos que podiam nunca acabar, dada a incontinencia grotesca das creaturas que os sustentam.

Se Assis Esperança puder voltar ainda sobre *A Vertigem*, em nova edição, não deixe de lhe cortar todos os excessos e digressões que a prejudicarão certamente no conceito das pessoas que, quando leem, apreciam, sobretudo, a ordem, a compostura e a valorisação dos tipos e caracteres pelas notações seguras da analyse psicologica.

Obras de GUSTAVO BARROSO (João do Norte): *TERRAS DE SOL*, *HEROES E BANDIDOS*,
PRAIAS E VARZEAS e *IDÉAS E PALAVRAS*

Este escritor brasileiro, cuja obra desconheciamos completamente, é dum pitoresco e duma juventude de traço que rapidamente o bemquistam no animo do leitor. As suas paginas de paisagem, posto que, uma que outra vez, careçam de desenho, impõem-se, sobretudo, por tal sobriedade e vigor de colorido que chegam á puresa da sensação,

A *Terra de Sol* tem manchas rapidas, vibrantes de luz, de movimento e de vida dignas desse largo, fogoso e magestoso Norte brasileiro em que a natureza parece ter tentado algus cantos de epopeia. Gustavo Barroso, para assim converter a descrição em ação, lançando os seus periodos num gesto largo de sementeiro, possui raros dotes de prosador que os seus outros livros confirmam.


As *Praias e Varzeas* não são menos recomendaveis, porque, além das mesmas qualidades picturaes, indicam um outro aspeto do feitio literario de Gustavo Barroso — a delicadesa da sua fantasia, quando tem de amaciar-se,

alar-se, irisar-se, para traduzir as breves palpitações da espuma, os lampejos efemerros da agua que busca incançavelmente modelar o sonho que a anima.

Nos *Heroes e Bandidos*, ele evoca figuras que a tradição e a lenda alentam contra o esquecimento, fazendo sair da sombra alguns criminosos patibulares que, na selva brasileira, haviam exasperado de tal sorte o seu instinto feroz que para eles o gosto de destruir e matar era o supremo goso.

Com as *Ideas e Palavras*, amostra Gustavo Barroso o seu culto da modernidade, comentando com justesa factos, obras e sucessos que a turba vê passar, sem lhes descortinar a significação. Pouco dado ao paradoxo, sabe encontrar o conceito exacto em que muitas vezes se encerra toda a moralidade dum acontecimento, principalmente quando este o interessa directamente, despertando-lhe entusiasmo.

JOAQUIM MANSO.



Notícias & Comentários

JOÃO DE BARROS

Se a *Atlantida* não representasse já hoje uma ideia em marcha, com sua ala escolhida de pioneiros e com a sua finalidade de doutrinação latina em plena floração, — este numero deveria pôr fim á nossa obra. Porque sendo João de Barros forçado a afastar-se da direcção da *Atlantida* ficamos privados do esforço tenacissimo, da energia incansavel, da fé invencivel que durante alguns anos foram a inspiração superior da nossa revista e a garantia do seu triunfo.

Poeta e pedagogo eminente e alto funcionario da Republica, João de Barros, com sacrificio evidente da sua vida funcional e até litteraria vinha dando á *Atlantida* a sua cooperação inegualavel. Agora, porem, que sobre todas as obrigações do seu cargo e todas as justas exigencias do seu espirito, lhe foram encarregados trabalhos vastos de elaboração litteraria que inteiramente lhe absorvem o pouco tempo que lhe sobra das suas occupações officiaes, não pode João de Barros continuar o seu sacrificio. Com que tristeza o reconhecemos sabe-o ele a quem todos aqui fraternalmente estimamos e admiramos, não podendo nunca esquecer o que a *Atlantida* lhe deve, o que lhe devem os interesses luso-brasileiros, o que lhe devem as relações intellectuaes e artisticas dos paizes latinos.

Sirva-nos de consolação o ficarmos aqui apenas para procurar honrar, na nossa marcha futura, a obra levada a cabo por João de Barros.

E possa João de Barros muito em breve voltar a ocupar a sua situação — tão justa e tão affavelmente conquistada — de orientador de todos os que pelo luso-brasilismo se interessam, porque sabem que o futuro de Portugal e o futuro do Brasil exigem uma affectuosa aliança de sentimentos, de aspirações e de interesses dos dois povos irmãos.

VISCONDE DE VILLA MOURA

Honra hoje pela primeira vez a *Atlantida*, um interessante artigo do illustre auctor da «Nova Sapho», e dos «Bohemios» a quem Camillo deve tambem a carinhosa homenagem do «Camillo Inedito...».

Aos *gourmets* do bom camilianismo oferecemos a curiosa carta dirigida a Palmeirim, pela «velha pandega vadia», que Camillo tão implacavelmente zurziu, esmagando-a entre as tenazes da sua ironia, viva e triunfante.

Ao nosso querido amigo, que tão nobremente soube marcar no meio litterario portuguez um logar de incontestado destaque, os nossos agradecimentos.

DIOGO DE MACEDO

Diogo de Macedo, de cuja ultima exposição se occupou a *Atlantida* pela pena brilhantissima de Antonio Patricio vae partir para o estrangeiro em viagem de estudo.

Reproduzindo hoje um dos seus mais apreciados trabalhos, «*Niña de Velasquez*», queremos significar-lhe a viva saudade com que nos despedimos do amigo, e a fé que temos no esplendido talento do esculptor. Vão com elle os votos de quantos trabalham na «*Atlantida*» pela continuação dos seus triumphos e a certeza de que da Hespanha, da Italia e da França não deixará de mandar-nos as suas impressões e os seus estudos, umas e outros concorrendo para o pleno exito da sua jornada de que só vantagens podem resultar para a approximação intellectual e artistica de Portugal e d'esses paizes.

PAUL ADAM

O nosso director Nuno Simões propôz, na Camara dos Deputados, um voto de sentimento pela morte de Paul Adam. Foi approvedo por unanimidade.

Por essa occasião fez o elogio de Paul Adam, como jornalista, romancista e dramaturgo pondo em relevo a sua permanente e affectuosa simpathia por Portugal.

PEREZ GALDÓS

A magnifica revista *España*, dirigida pelo ilustre jornalista Luiz Araquistain e que é, pode dizer-se, o arauto da nova Hespanha, constituindo a sua colaboração uma verdadeira *élite* intellectual, como o provam as penas brilhantes de Unamuno, Diez-Canedo, Luiz G. Bilbao, Manuel Pedroso, Domingo, Albornoz, Alvarez del Vayo, Juan de la Encina, Barcia e tantos mais, refere se, nos seguintes termos, á homenagem que, por iniciativa do nosso director Nuno Simões, a camara dos deputados prestou ao grande escritôr Perez Galdoz :

«A camara portugueza votou, por unanimidade, uma proposta exprimindo o seu sentimento pela perda soffrida pela Hespanha com a morte do auctor dos *Episodios Nacionales*.

Faltava a Perez Galdoz todo o genero de titulos honorificos, de honras do mundo. Na lista dos academicos que enchem o Dicionario Oficial, a cada nome segue-se uma serie de palavras decorativas que não representam obras realisadas, mas, apenas, na sua maioria, mercês recebidas. Assim, desde o cavaleiro do Tosão d'Ouro até ao simples Excelentissimo Senhor, vemos esses nomes passar por interminaveis graus intermedios. Galdoz é mencionado simplesmente: sr. D. Benito Pérez Galdoz.

Pois bem, desde que um parlamento, representação altissima de um Estado, tomou a resolução que acabamos de citar, nada mais ha a fazer.

E' isto que distingue Galdoz da maioria dos seus antigos colegas da Academia. Este facto ficará para sempre ligado ao seu nome.

Um jovem deputado que, pelo seu valôr e actividade, chegou rapidamente a uma elevada posição na politica, o sr. Nuno Simões, honrou-se tomando a iniciativa da proposta. Nuno Simões, é um amigo da Hespanha; homem de espirito moderno, não pretende promover um luso-hispanismo de discursos e protestos de amizade fraterna, nem, muito menos, resuscitar um ibe-rismo bem morto ha bastantes anos.

Quer, sim, que do exacto conhecimento dos esforços de ambos os paizes, da sua comunidade de interesses e da compreensão por parte de Portugal e Hespanha do esforço a fazer resulte uma harmonia pratica em que a personalidade de cada um se mantenha integra dentro do seu proprio character.

Tratados de commercio, obras publicas, inter cambio intelectual eis as bases da acção que um grupo, cada vez mais numeroso, de portuguezes categorisados considera indispensavel para obter esse *desideratum* que uma serie de razões de toda a ordem exige. E', pois, de archivar que um dos primeiros actos da exteriorisação d'esse novo movimento affectivo seja uma homenagem a Galdoz.

Nuno Simões, gerente da mais importante revista portugueza, *Atlantida*, em que, dentro em pouco, devem aparecer artigos de escriptores hespanhoes, é não só um politico de valôr, como uma personalidade literaria.

O seu livro *Agua Mortas*, em que a delicadeza do sentimento eguala a pujança da expressão, revela um espirito sensivel a toda a beleza; lendo-o, os amantes das boas letras teem ciumes da politica, deidade que não tolera rivaes».

O MEZ MUSICAL — O MEZ TEATRAL — M.^{elle} AUS- SENAC

Com grande magua nossa não podemos publicar neste numero, o *Mês musical*, devido á pena do illustre sub-director do conservatorio, sr. Freitas Branco, bem como o *Mês teatral*, em que um nosso querido camarada assinala o esplendido triunfo do *Ninho de Aguias*, de Carlos Selvagem e o pleno successo da *Eva*, de João do Rio.

A mesma razão nos leva a não podermos inserir neste numero um notavel artigo do consagrado critico de arte, sr. Antonio Arroyo, sobre M.^{elle} Aus-senac.

As nossas melhores desculpas com os protestos da nossa admiração

ACABA DE APARECER

«MONUMENTOS E ESCULTURAS»

POR

VERGILIO CORREIA

(Obra ilustrada com mais de 50 gravuras)

Depositaria: Livraria Ferin — Lisboa



Casa Bancaria

NUNES & NUNES L.^{DA}

Rua Aurea, 95 e 97— LISBOA

TELEPHONE: Central 2108

Endereço telegraphico: DOISNUNES

Compram e vendem cambiaes,
descontam letras sobre o paiz
e estrangeiro, compram e ven-
dem papeis de credito, nacio-
naes e estrangeiros, coupons,
notas e moedas estrangeiras.:::

Correspondentes em todo o paiz e estrangeiro

Recebem dinheiro á ordem e a prazo



Casa Bancaria

HUNES & HUNES L^{da}

Rua Niterói, 95 e 97 - LISBOA



Correspondentes em todos os pontos
de Portugal e do estrangeiro, com
papéis de crédito, notas e moedas
extrangeiras.

Correspondentes em todos os pontos

fazem dinheiro à ordem e a prazo

